

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Érica Onzi Pastori

**PERTO E LONGE DO CORAÇÃO SELVAGEM:
um estudo antropológico sobre animais de estimação
em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**

Porto Alegre

2012

Érica Onzi Pastori

PERTO E LONGE DO CORAÇÃO SELVAGEM:

um estudo antropológico sobre animais de estimação

em Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Lewgoy

Grupo de pesquisa *Espelho Animal* - Antropologia das relações entre humanos e animais.

Porto Alegre

2012

Érica Onzi Pastori

**PERTO E LONGE DO CORAÇÃO SELVAGEM:
um estudo antropológico sobre animais de estimação
em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada com distinção em 09 mar. 2012.

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy, IFCH/UFRGS - Orientador

Profa. Dra. Adriane Luísa Rodolpho, ICH/UFPel

Prof. Dr. Arlei Sander Damo, IFCH/UFRGS

Profa. Dra. Patrice Schuch, IFCH/UFRGS

RESUMO

Esta dissertação investiga transformações contemporâneas em práticas e costumes de donos nas relações com seus animais de estimação. Nas últimas décadas, os animais têm passado por uma modificação de estatuto (LEWGOY *et alli*, 2011; PIETTE, 2002), sendo transformados em sujeitos na relação com os humanos. Para investigarmos tal processo, que tem sido denominado de “humanização” dos animais de estimação, realizamos esta pesquisa por meio de metodologia etnográfica, cuja observação participante mais prolongada foi desenvolvida numa clínica veterinária de Porto Alegre. A partir dos dados construídos em campo, produzimos este exercício por meio de uma antropologia das relações entre humanos e animais, através de uma aproximação teórica maior à obra do etnólogo francês Jean-Pierre Digard, na interface das antropologias das emoções, econômica e do corpo e da saúde animal. Desta maneira, temos um painel etnográfico que se volta para as transformações contemporâneas das relações entre humanos e animais. Verificamos uma íntima relação entre o discurso do “amor incondicional”, que os donos afirmam receber de seus animais de estimação, e o crescimento do mercado *pet*, sendo uma de suas principais dimensões o mercado de saúde animal, do qual os médicos veterinários são integrantes. Percebemos em campo uma tendência acentuada de tradução (LATOUR, 1994) da medicina humana para a veterinária, com crescimento das especialidades médico-veterinárias, integrando o processo de humanização dos *pets*. Finalmente, constatamos a “pediatrização” e a “geriatrização” dos *pets*, que acompanham as distintas fases da vida dos animais de estimação.

Palavras-chave: antropologia, relações entre humanos e animais, emoções, mercado *pet*, saúde animal.

ABSTRACT

This dissertation investigates contemporary changes in practices and habits of pet owners in dealing with their pets. In recent decades, animals have undergone a change of statute (LEWGOY *et alli*, 2011; PIETTE, 2002), being transformed into subjects in their relation with humans. In order to investigate this process – which has been termed ‘humanization’ of pets –, we have conducted this research through an ethnographic methodology where the participant observation was carried out for a longer period in a veterinary clinic in Porto Alegre. Starting from the data constructed in the field, we have produced this exercise through Anthropology of the Relationship between Humans and Animals via a theoretical approach of the work of the greatest French ethnologist Jean-Pierre Digard in the interface of Anthropology of Emotions, Economy and the Animal’s Body and Health. In this way, we have an ethnographic panel that turns itself to the transformations of contemporary relationships between humans and animals. We have verified a close relationship between the discourses of ‘unconditional love’ – which the owners claim they get from their pets – and the growth of the Pet Market, being one of its main dimensions of the Animal Health Market – which veterinarians are members. We have noticed an increasing tendency in the field of translation (LATOUR, 1994) in human medicine to veterinary medicine with the growth of medical and veterinary specialties, integrating the process of humanization of pets. Finally, we have noticed a ‘pediatricszation’ and ‘geriatricszation’ of pets that accompany the different life stages of them.

Keywords: anthropology, relationships between humans and animals, emotions, pet market, animal health.

AGRADECIMENTOS

*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem,
de repente, aprende*

João Guimarães Rosa

Uma dissertação de mestrado é um fragmento da vida de quem a faz nascer. E quem a faz vir à vida? Escritores e autores que contam com a colaboração de muitas pessoas e de instituições que permitem o surgimento destas obras científicas.

Eu sou mais uma escritora-autora cuja obra é esta dissertação de mestrado que só pôde surgir por meio de meu trabalho e minha dedicação, os quais não podem ser pensados como um *tipo ideal* weberiano, pois muitos *desvios* surgiram no meio do trajeto. Longe de serem falhas ou equívocos ao ideal, tais *desvios* foram, propriamente, os responsáveis pela existência desta dissertação que integra minha formação de mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao meu professor e orientador Bernardo Lewgoy, que aceitou orientar-me ainda quando não havia iniciado a pesquisa na antropologia das relações entre humanos e animais, agradeço pelas sugestões preciosas para a construção deste trabalho e, mais que isso, pelo apoio e incentivo durante o caminho.

A todos meus professores de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, dentre os quais, agradeço em especial à professora e coordenadora do programa Cornelia Eckert, pela compreensão e pelo companheirismo quando necessários, e ao professor Arlei Sander Damo, pelas disciplinas de Antropologia das Emoções e de Antropologia Econômica – esta ministrada juntamente com o professor Ruben Oliven - que foram muito importantes para as reflexões presentes nesta dissertação.

Sou muito grata a todos os professores das Ciências Sociais do Bacharelado que cursei nesta mesma universidade, pela formação que me propiciaram como cientista social. À professora Patrice Schuch, manifesto um agradecimento especial por aceitar compor a banca.

À Adriane Rodolpho, agradeço por ter aceitado compor a banca desta dissertação.

Ao meu grupo de pesquisa *Espelho Animal*, expressei meus agradecimentos pelas discussões e trocas intelectuais que me colocaram em contato com a antropologia das relações entre humanos e animais. À Ivana Teixeira, ao Caetano Sordi e especialmente à Priscila Borges, colega de graduação, de mestrado e de grupo de pesquisa, querida amiga, sempre disposta a colaborar mesmo nos momentos mais espinhosos.

Ao CNPq, pela bolsa de mestrado que me permitiu ficar mais tranquila com minhas finanças.

À Lúcia Leiria, revisora da Língua Portuguesa, agradeço pela leitura atenta da dissertação e pelas soluções criadas para alguns problemas de minha escrita.

Sou muito grata a todas as pessoas com quem conversei durante meu trabalho de campo, o qual forneceu o material para a escrita da dissertação. Agradeço especialmente à *Águia Veterinária* e ao Dr. Diego pela gentileza e receptividade, aceitando minha permanência na sala de espera da clínica.

A todos que foram meus colegas durante o mestrado, especialmente, às amigas Liziane e Renelle, ao Moisés, ao Ulisses, ao Felipe, ao Pedro, à Monalisa, à Stella, à Joelma, ao Vitor, ao Rodrigo, ao Rafael, ao Juan e à Jéssica. Muito obrigada pelas trocas de amizade, pelas conversas, pelo apoio durante a jornada sinuosa. Acredito

muito que o espírito colaborativo - e competitivo! - formado em nossa turma de mestrado foi um dos alimentos mais importantes para levantar depois dos tropeços e para prosseguir caminhando apesar dos desafios que apareceram no percurso.

À Alexandra, psicanalista que me ajudou na busca por melhores trilhos de vida. À amiga Luciana Pêss, que esteve presente, inclusive, quando precisei muito.

Aos familiares, pelo carinho e apoio ao caminho que sigo. À minha prima Camila, que morou comigo em Porto Alegre em parte da graduação, e com quem continuei coabitando, agradeço toda a amizade que trocamos.

À minha família. É muito difícil dimensionar esse agradecimento. Só posso tentar: sem minha mãe Lia, sem meu pai Dirceu, sem meus irmãos Leonardo e Douglas, essa dissertação não teria surgido. Devo ao meu irmão Douglas, um agradecimento especial pela sugestão do nome para este trabalho!

Agradeço ainda a todos aqueles a quem não me referi explicitamente, mas que foram igualmente decisivos na minha viagem que encontra aqui um final.

*Vamos, não chores...
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.*

*O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.*

*Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.*

*Algumas palavras duras,
Em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizaram.
Mas, e o humour?*

(...)

(Consolo na praia
Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O TRAJETO METODOLÓGICO PERCORRIDO	12
1 – Uma fonte de <i>amor incondicional</i>	22
1.1 – Vidas interespecíficas	24
1.2 – Para uma antropologia e uma história do amor aos animais.....	28
1.3 – <i>Pets</i> : “paixão ordinária” ou “paixão animalitária”?	33
1.4 – O <i>amor incondicional</i> dos novos <i>bons selvagens</i>	36
1.5 – A ingenuidade dos animais	40
2 – A <i>família multiespécie</i>	44
2.1 – A economia e o íntimo na <i>família multiespécie</i>	50
2.2 – Lojas agropecuárias, <i>pet shops</i> e hospitais veterinários em Porto Alegre	57
2.3 – A <i>Águia Veterinária e Pet Shop</i>	60
3 – Os cuidados com a saúde dos animais de estimação	71
3.1 – “Não é barato, mas é muito bom, melhor que de muita gente”	77
3.2 – A “pediatrização” dos <i>pets</i>	82
3.3 – A “geriatriação” dos <i>pets</i>	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	99
FONTES CONSULTADAS	103

INTRODUÇÃO

O fluxo do devir incomensurável flui incessantemente ao encontro da eternidade. Os problemas culturais que fazem mover a humanidade renascem a cada instante e sob um aspecto diferente e permanece variável o âmbito daquilo que, no fluxo eternamente infinito do individual, adquire para nós importância e significação, e se converte em 'individualidade histórica'. Mudam também as relações intelectuais sob as quais são estudados e cientificamente compreendidos. Por conseguinte, os pontos de partida das ciências da cultura continuarão a ser variáveis no imenso futuro, enquanto uma espécie de imobilidade chinesa da vida espiritual não desacostumar a humanidade de fazer perguntas à sempre inesgotável vida.

Max Weber

(A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais)

A antropologia estabeleceu-se como disciplina científica por meio da constituição da humanidade como seu tema (INGOLD, 1995). E, embora as noções de humanidade e animalidade estejam intimamente ligadas, sendo a animalidade fundamental para a construção da ideia de homem (*ibidem*), temas voltados para as relações entre humanos e animais não foram privilegiados historicamente pela antropologia.

Trabalhos sobre tais relações começam a surgir, aos poucos, em países europeus, na América do Norte e também no Brasil. Samantha B. C. de Oliveira (2006), Juliana Vergueiro Dias (2006), Eugênio Lacerda (2003), Everardo Rocha (2005) e Caetano Sordi (2011) são as referências nacionais de pesquisas que problematizam as relações entre humanos e animais.

No artigo *O animal como próximo*, Caetano Sordi constrói um panorama da situação antropológica internacional referente às abordagens das relações entre humanos e animais e, mais que isso, oferece-nos uma espécie de cartografia dos paradigmas emergentes na antropologia que têm problematizado os operadores clássicos natureza/cultura e humanidade/animalidade. Mostra-nos que, na América do Norte e na Europa, há os seguintes expoentes na antropologia das relações humano-animais: Molly Mullin (1999), Albert Piette (2003), Samuel Lezé (2002-3), Nathalie Le Blanc (2003), Jean-Pierre Digard (1999), Les Mitchell (2006, 2011) e Dominic Lestel (1996, 2006).

No texto de apresentação do colóquio internacional *Un “tournant animaliste” en anthropologie*, realizado em meados de 2011, em Paris, uma série de questionamentos foi lançada sobre esse tópico, como se pode perceber no trecho abaixo:

Podemos falar de um “giro animalista”, entendido às vezes como posição política e moral de defesa dos animais e como posição epistemológica que postula uma continuidade entre homens e animais dando a esses últimos uma

subjetividade ou uma “agência”? Essas duas perspectivas são necessariamente ligadas? Até que ponto o interesse pelo “animal” contribui para o conhecimento desses animais tanto quanto dos homens em sociedade, ao conhecimento da diversidade e da complexidade da coabitação dos seres vivos? Pode-se constituir um objeto de estudo inteiramente à parte? Os aportes metodológicos são orientados, e se são, de que maneira, pelas formas de engajamento em torno disso que chamamos hoje da “questão animal”? Levar-nos-iam a posições metafísicas que articulariam em novas maneiras as formas dotadas de vida?¹

Nas últimas décadas, a “questão animal” vem transformando as relações entre humanos e animais, bem como as representações acerca dos animais e as práticas discursivas e não discursivas entre ambos, tornando-se perceptível, por múltiplos indícios, a constituição de um novo estatuto para os animais (LEWGOY *et alli*, 2011). Cada vez mais lhes é atribuída agência, tornando-se sujeitos na relação com os humanos.

Dentre os traços observados quanto à modificação do estatuto dos animais, pode-se citar, na esfera privada, a “filhotização” (INGOLD, 2000) dos animais de estimação integrantes da “família multiespécie”. É perceptível, nesse sentido, que o animal de companhia ascendeu a um estatuto familiar, característica que, segundo Digard (1999), é dominante do sistema domesticatório contemporâneo.

Tais movimentos alimentados por uma “sensibilidade zoofílica” (LEWGOY *et alli*, 2011) têm produzido a personalização dos animais no bojo de nossa sociedade. Esse processo é fortalecido e ampliado por meio de uma “psicologização” dos animais de estimação a qual é engendrada, por exemplo, tanto por veterinários especialistas em comportamento animal, quanto pela circulação de terapias alternativas e complementares, alimentadas por psicologismos.

A personalização dos animais, à qual me referi, é um fenômeno que, em alguma medida, transcende o dualismo humano/animal que caracteriza a cosmologia ocidental (DESCOLA, 2005). Se, no naturalismo, humanidade e natureza são duas ordens distintas da realidade, sendo a natureza muda e impessoal, pode-se sugerir que contemporaneamente não estamos mais imersos estritamente nessa cosmologia moderna, posto que cada vez mais nos relacionamos com os animais como se fossem pessoas. É muito comum os donos² de animais de companhia dizerem que seu *pet* “só

¹ Texto de apresentação do Colóquio Internacional *Un “tournant animaliste” en anthropologie?* realizado pela *Fondation A et P Sommer LAS/APRAS* em Paris, de 22 a 24 de junho de 2011, no *Collège de France*. Dentre os conferencistas, destaco a presença de Philippe Descola, Harriet Ritvo, Francis Wolff, Jean-Pierre Digard e Eduardo Viveiros de Castro. (In: goo.gl/V44iR)

² Optei neste trabalho pela nomenclatura “dono” e “dona” de animal de estimação em detrimento de “tutor” ou “tutora”, como preferem nominar tanto os grupos de defesa de animais, como também outros agentes sociais, tais como, os espíritas.

falta falar”, expressando-nos a sensação de extrema proximidade com a condição humana destes seres de outra espécie que coabitam com os humanos a esfera doméstica.

São as transformações das relações das pessoas com os animais, bem como das sensibilidades envolvidas nessas relações e dos costumes relativos aos animais de estimação, que estão no centro desta investigação. Esta pesquisa volta-se, portanto, para um tema emergente que será abordado por meio da antropologia das relações entre humanos e animais; no entanto, não será percorrido aqui o caminho de uma “etnografia multiespécie”, novo gênero de escrita e modo de pesquisar, no qual criaturas que apareciam às margens da antropologia - como parte da paisagem, como comida para humanos, como símbolos – têm sido trazidas para o primeiro plano (KIRKSEY; HELMREICH, 2010).

Desenvolvemos uma antropologia das relações entre humanos e animais e, junto a ela, construímos uma antropologia das emoções, procurando compreender os afetos envolvidos entre os animais de estimação e seus donos. Seguindo o caminho metodológico sugerido por Viviana Zelizer (2005), abordamos, ao lado da intimidade afetiva, a dimensão econômica que é igualmente constitutiva do fenômeno *pet*, realizando também, dessa maneira, uma antropologia econômica.

O etnólogo francês Jean-Pierre Digard, uma das referências mais importantes utilizadas neste trabalho, é diretor de pesquisa emérito da CNRS, especialista em Irã - com ênfase em tribos e nomadismo - e também em domesticação de animais, especialmente nos casos do cavalo, do cachorro e do gato. É membro do conselho de redação das revistas *Anthropozoologica*, do Museu Nacional de História Natural, e *L'Homme*. Em 1990, publicou, pela editora Fayard, o livro *L'Homme et les animaux domestiques, Anthropologie d'une passion*; em 2002, pela Gallimard, *Le Cheval, force de l'homme*; e, em 2003, pela Gallimard-Jeunesse, publicou *Le Cheval, histoire d'une conquête*. A abordagem de Digard das relações entre animais e humanos não segue as influências recentes da etnografia multiespécie; sua produção é marcada por recortes clássicos das ciências sociais, procurando entender os animais por meio do enfoque teórico-metodológico dos humanos em suas práticas.

Neste trabalho, o objetivo é realizar uma ciência que descreve e analisa práticas, procurando desnaturalizar tanto as emoções constitutivas da relação dos donos e de seus animais de estimação, quanto o mercado *pet*³, fundamental para a emergência do

³ Em inglês, “*pet*” tem como um de seus significados “animal de estimação”. A palavra *pet* provavelmente esteve associada historicamente à palavra “*petty*” – em português, pequeno, insignificante

fenômeno *pet*, o qual cresce no mundo e, especialmente, no Brasil. Integrante desse mercado, a clínica veterinária onde pude desenvolver mais cuidadosamente a pesquisa de campo é uma paisagem que nos fornece rico material para uma etnografia do universo *pet*, sendo as questões de saúde, doença e cura uma de suas dimensões relevantes. Estamos, portanto, diante de uma paisagem de práticas para as quais a antropologia do corpo e da saúde pode ser desenvolvida paralelamente à antropologia das relações entre humanos e animais.

Desta maneira, uma das principais tarefas deste exercício etnográfico é a descrição e a problematização do cotidiano. Nesse sentido, descrever algumas práticas de uma clínica veterinária poderá auxiliar-nos na aproximação a crenças, afetos e sensibilidades que acabam sendo tomadas como naturais pelos agentes nelas imersos. Temos, assim, uma antropologia que se propõe refletir acerca do que compõe o dia a dia de algumas pessoas e de alguns animais que habitam a capital do Rio Grande do Sul.

Este trabalho etnográfico segue alguns caminhos da “descrição densa” de Clifford Geertz, atenta aos significados e às práticas dos atores sociais mas, procuro também em Bruno Latour alguns conceitos para refletir sobre as transformações contemporâneas, por exemplo, da veterinária e dos profissionais médicos-veterinários.

A obra de Norbert Elias, *O processo civilizador – Uma história dos costumes*, é outra fonte de inspiração para esta pesquisa, pois nela o autor realiza uma investigação histórica acerca dos costumes, propondo uma leitura da civilização como transformação do “comportamento humano”. Semelhantemente, buscou-se compreender as transformações contemporâneas dos costumes de donos em relação aos seus animais de estimação, como parte do processo de realce das semelhanças entre aqueles e seus animais, o qual é chamado comumente de “humanização” destes.

O TRAJETO METODOLÓGICO PERCORRIDO

Iniciei a pesquisa sobre promoção de saúde, qualidade de vida e bem-estar de animais de estimação, vinculada ao grupo de pesquisa *Espelho Animal*⁴, procurando compreender a entrada e a disseminação das terapias alternativas no “universo *pet*”.

– que, por seu turno, foi uma adaptação da palavra francesa “petit” transcorrida na Inglaterra no século XIV. O sentido de *pet* como “animal favorito” data de 1530. (In: goo.gl/06bMh)

⁴ Coordenado pelo professor Dr. Bernardo Lewgoy e integrado pelos colegas Caetano Sordi, Liziane Mattos e Priscila Borges, do mestrado em Antropologia Social da UFRGS, e pela doutoranda, também em Antropologia Social da UFRGS, Ivana Teixeira.

Nessa tarefa, meus primeiros passos foram pesquisas exploratórias no *site* de buscas *Google* e por meio da recuperação de matérias divulgadas no *Jornal Bem-Estar* – de distribuição gratuita, que divulga informações sobre saúde e bem-estar por meio de terapias não convencionais⁵ –, o qual, em meados de 2010, iniciou uma seção chamada “*O lado animal do Bem-Estar*”, dedicada aos *pets*. Meu objetivo era explorar as relações do “universo *new age*” – que integrou meu campo investigado na graduação⁶ – com o “mundo *pet*”, podendo, dessa maneira, dar continuidade a algo que já pesquisara, mas adicionando o tema das relações entre humanos e animais, meu novo desafio.

Na exploração virtual realizada por meio do *Google*, procurei pelos seguintes termos: uso de terapias alternativas em animais; veterinários e terapias alternativas. Vários sites sobre quiropraxia, acupuntura, reabilitação de animais e inúmeras outras terapias não-convencionais voltadas para animais foram surgindo na tela, estimulando-me na investigação. Em Porto Alegre, encontrei o contato de uma veterinária especialista em acupuntura veterinária, cujo site é www.acuvetpoa.webs.com; também pude conhecer um pouco mais sobre o médico-veterinário que anuncia seu trabalho no *Jornal Bem-Estar*, Christian Ely, especialista em comportamento animal, e sobre a *Farmácia Veterinária de Manipulação Vida Animal*, que trabalha com florais, homeopatia, fitoterápicos, dentre outros. O site veterinariosnodiva.com.br de Safih Quelbèrt e o *blog* de Sheila Waligora destacaram-se na proposição de uma abordagem *new ager* para a relação entre humanos e animais na prática clínica dos veterinários.

No site veterinariosnodiva.com.br, na seção de parceiros de Safih Quelbèrt, surge uma lista de veterinários que utilizam florais, realizam acupuntura e aplicam homeopatia. Os contatos são principalmente de profissionais que atuam em São Paulo; no entanto, há uma referência de médico veterinário que atende em São Paulo e também no Rio Grande do Sul: Celso Pedrini. Anuncia que atua entre “classes menos privilegiadas”; tem mais de 20 anos de experiência; e utiliza como métodos diagnósticos e terapêuticos iridologia, exame por biorressonância, bioeletrografia (foto *Kirlian*), radiestesia, acupuntura, medicina tradicional chinesa, terapia por biorressonância, cromoterapia, isotermia, organoterapia, opigoterapia, terapia ortomolecular, fitoterapia, terapia floral, musicoterapia, imunoterapia ativada, terapia por informação biofísica (BIT). (Diário de campo, maio de 2011)

⁵ Cerca da metade das páginas do jornal são utilizadas para os anúncios de terapeutas, centros de terapias, de quiropraxia, estúdios de yoga, farmácias de manipulação com ênfase em florais, centro de pilates, fisioterapia, psicologias alternativas, nutricionistas ortomoleculares, cursos de acupuntura e naturopatia, regressão a vidas passadas, naturologia, massagem tântrica, hidrocolonterapia, massoterapia, pilar de luz.

⁶ Na graduação em Ciências Sociais integrei o grupo de pesquisa *O cultivo de si nas paisagens da ecologia e do sagrado*, orientada por Carlos Alberto Steil e co-orientada por Isabel Carvalho, quando realizei pesquisa de campo no Rincão Gaia, sede rural da Fundação Gaia, onde acompanhei vivências de educação ambiental e, posteriormente, escrevi o trabalho de conclusão de curso *Uma cicatriz em Gaia: Religiosidade e Cura em uma Paisagem Ecológica*.

Nessa etapa exploratória, fui à farmácia de manipulação *Vida Animal* para obter mais informações sobre a utilização de terapias alternativas entre animais de estimação na cidade de Porto Alegre. A veterinária que conversei comigo ofereceu-me alguns contatos de veterinários que prescrevem florais e homeopatia para os seus pacientes. Para além das descobertas virtuais e de visitas aos locais que conheci pela internet, iniciei também uma procura, caminhando pelas ruas da Cidade Baixa próximas ao local onde resido, por lugares dedicados aos *pets*.

Numa de minhas caminhadas, entrei em uma *pet shop* a qual, mais tarde, descobriria não ser exatamente uma *pet shop*, mas uma clínica veterinária com serviço de banho e tosa. Nela, havia um mural com anúncios de um local para hospedagem de animais, de uma babá de animais e de alguns animais disponíveis para adoção. Fui atendida por uma mulher que, após lhe explicar o que estava pesquisando, indicou-me procurar uma clínica homeopática localizada na Rua Getúlio Vargas, bairro Menino Deus, onde são atendidas tanto pessoas quanto animais.

Fiquei muito interessada em conhecer essa clínica de homeopatia em que são atendidos humanos e animais. Em um primeiro momento, encontrei seu *site* e então descobri que a referida clínica, na verdade, chama-se *Liga Homeopática do Rio Grande do Sul* (www.ligahomeopaticars.com.br). Anotava em meu diário de campo: “no site da Liga, repleto de bustos das personagens fundamentais para a instituição da homeopatia no RS, descobrimos que médicos e médicos-veterinários compõem a Liga. Mais interessante ainda é o fato de sua atual presidente ser uma médica veterinária”.

Fui algumas vezes à Liga Homeopática sem obter sucesso. Encontrava as portas fechadas, pois não sabia que seu horário de atendimento é restrito às tardes.

Retornei à *Liga Homeopática do Rio Grande do Sul*, localizada na Getúlio Vargas, 169, bairro Menino Deus. Se o cinza da sexta adiou meu encontro com os homeopatas que tratam de humanos e animais na mesma clínica, o sol desta terça foi iluminando minha caminhada pela Cidade Baixa. Rua da República, José do Patrocínio, Venâncio Aires e Getúlio Vargas. Frio mas não da mesma intensidade de ontem, um dia de muito vento e também de votação na Câmara de Vereadores pela aprovação da Secretaria de Bem-Estar Animal.

No início da Getúlio, podia ver que a casa da *Liga Homeopática* estava com uma cara menos fechada que na sexta. A plaquinha confirmou: a casa está aberta. Casa de um verde musgo completado por detalhes marrons, cercada por grama e caminhos com lajes de pedra que conduzem às portas. O terreno é cercado. Toquei a campainha e logo abri a porta.

Uma ante-sala estreita com seis cadeiras de espera. Uma mãe com um filho e uma filha aguardavam sentados.

- E tu, quem és?

- Érica. Eu vim aqui para conhecer a *Liga*, o local.

Sentia que ela estava um pouco agitada; outra mulher passava pela mesma sala estreita e nisso procurei me acomodar nas cadeiras forradas com um tecido azul. Um galão de água para aqueles que aguardam na sala de espera e um mural anunciando eventos, informações. Consigo lembrar-me do anúncio do evento voltado aos médicos veterinários homeopatas que acontecerá no início

de agosto em Belo Horizonte; e de um anúncio da Liga Homeopática, grudado em uma folha de ofício, dizendo que há médicos e veterinários oferecendo consultas, acima do anúncio, como cabeçalho, via-se o logo do jornal *Bem-Estar Zona Sul*.

Fiquei alguns minutos ali mesmo, sentada, até que a mesma mulher que perguntara quem eu era veio novamente à sala e dirigiu alguma comunicação a mim, quando perguntei se poderíamos conversar. Apresentei-me a ela, disse que faço mestrado em antropologia social e estou pesquisando relações entre humanos e animais, mais especialmente entre humanos e o universo dos *pets*. Expliquei mais um pouco meus interesses, como cheguei ali, o interesse pelas terapias alternativas e a descoberta deste lugar pela indicação de uma mulher na *Banho e Tosa*, localizada na José do Patrocínio, que me informou de uma clínica de homeopatia na Getúlio Vargas que atende humanos e também animais – estes aos fundos da clínica. Com isso, procurei na internet informações e encontrei a *Liga Homeopática do Rio Grande do Sul* – por isso minha visita. Explicou-me que todos os médicos da Liga prestam atendimento público gratuito.

A mulher que depois se apresentaria a mim como secretária da Liga, convidou-me para conversar com uma veterinária que estava presente na parte da clínica destinada ao atendimento a animais. Aceitei a oferta, e, assim, chegamos aos fundos da casa. Pelo que pude perceber, a parte da clínica destinada aos humanos é a casa em si, e os fundos talvez tenham sido a garagem da casa que foi transformada em clínica para os veterinários atenderem animais.

Foram chegando os pacientes da turma de especialização em medicina veterinária homeopática – três animais. Não os vi chegando, mas a secretária disse-me que o último animal que chegara já era o terceiro a entrar na clínica... (Diário de campo, 28 de junho de 2011)

Dessa maneira, fui aproximando-me da *Liga Homeopática*, porém, sentia que, ao mesmo tempo em que minha relação com as pessoas que a integram avançava, meu recorte do universo *pet* em suas relações com as terapias alternativas e complementares parecia-me demasiado restrito. Dava para notar que a *Liga Homeopática* atrai poucas pessoas; e um número ainda menor de pessoas dirige-se a ela para buscar ajuda aos seus animais.

Essa sensação fortaleceu-se quando visitei a loja *Mundo Animal*, na rua 24 de Outubro, localizada no bairro Moinhos de Vento. Um intenso vai e vem de pessoas, tanto na loja quanto na clínica dá forma ao seu dia a dia. Fui percebendo que um estabelecimento tal como o *Mundo Animal* poderia colocar-me em contato com o fenômeno *pet* de uma maneira privilegiada na capital gaúcha, em sua versão mais abrangente, aglutinando muitas vidas humanas e animais.

Realizar a investigação em um ambiente assim poderia render uma pesquisa cujos resultados seriam mais conectados a uma realidade emergente e em expansão nas cidades brasileiras, diferentemente do que seria produzido, caso eu permanecesse restrita à dimensão das terapias alternativas que estão aos poucos chegando ao universo *pet*. Sobre este fenômeno, são interessantes os dados de uma pesquisa encomendada pela *Comissão para Animais de Companhia* (Comac) e pelo *Sindicato da Indústria para Saúde Animal* (Sindam), segundo a qual, dentre as cidades brasileiras, Porto Alegre é aquela onde há mais lares com animais de estimação, com 56% das casas habitadas por

pets. Em seguida, está Curitiba com 55%; Campinas com 52%; São Paulo com 43%; Brasília com 42%; Belo Horizonte, 37%; e Recife com 31%.

Por meio de explorações de campo, portanto, fui compreendendo que meu recorte inicial acerca dos cruzamentos do universo *pet* com o mundo das terapias alternativas conduzia-me a um mundo reduzido de pessoas envolvidas em atividades relativas aos animais de estimação. Junto a isso, percebia que, se me deslocasse, modificando um pouco o recorte da pesquisa – mas permanecendo no interior do recorte da promoção de saúde, bem-estar e qualidade de vida dos animais de estimação –, a investigação sobre o universo *pet* teria muito a ganhar.

Seguindo a indicação da secretária da *Liga Homeopática*, procurei a *Agropecuária Águia* que, segundo ela, seria um local muito bacana para eu visitar. Foi assim que acabei chegando no lugar onde pude desenvolver melhor minha pesquisa sobre saúde, qualidade de vida e bem-estar dos animais de estimação. Mas, antes disso, realizei tentativas de estabelecer o trabalho de campo no *Hospital Lorenzoni* e na *Mundo Animal*. O *Hospital Lorenzoni* localiza-se na mesma rua da *Liga Homeopática*, porém, minha relação com a administração do hospital não saiu dos primeiros contatos, pois fiquei aguardando uma resposta sobre a possibilidade de investigá-los que ainda não ocorreu.

De forma semelhante, tentei entrar na *pet shop* e clínica veterinária *Mundo Animal* com o objetivo de realizar a investigação no espaço da clínica, mas as visitas que fiz e as conversas que tive com os donos e responsáveis pela empresa para saber da possibilidade de pesquisar no local acabaram frustradas. Naquele período, a *Mundo Animal* estava em ampliação, construindo e inaugurando duas filiais em Porto Alegre – um hospital veterinário e uma nova loja em dois endereços distintos –, e seus donos justificaram que seria extremamente difícil darem atenção para a minha pesquisa em execução e, por isso, não aceitaram que eu realizasse a investigação na *Mundo Animal*.

Decidi conhecer a loja que a secretária da *Liga Homeopática* me indicara, a *Águia Veterinária*. Primeiramente, fui à loja da *Águia* localizada na Fernandes Vieira; lá perguntei pela clínica 24 horas, e indicaram-me que deveria continuar caminhando pela Oswaldo Aranha até chegar à Protásio Alves. Caminhei por alguns minutos e cheguei à *Águia Veterinária e Pet Shop* da Protásio Alves. Uma construção verde com portas de vidro. Entrei na loja, fui conhecendo o ambiente, observando a disposição dos produtos, quais mercadorias estão disponíveis para os *pets*, compositoras de um universo de produtos amplo e variado.

Perguntei para um funcionário onde era a clínica veterinária. Indicou-me para seguir na direção de uma escada que levaria a outro piso, onde fica a clínica. Caminhei pela loja na direção em que ele me indicara; ao chegar lá, algumas pessoas estavam sentadas em poltronas e uma secretária estava trabalhando no computador. Coloquei-me em frente à mesa da secretária que prontamente atendeu-me; apresentei-me a ela e perguntei com quem eu poderia conversar sobre a possibilidade de realizar uma investigação no espaço da clínica. Respondeu-me que eu deveria retornar pela manhã e conversar com o Dr. Carlos⁷, o médico-veterinário que se responsabiliza pelas pessoas que estagiam na clínica. Entregou-me um papel com o nome dele e o dia mais adequado para eu retornar.

Na clínica. Converso com a secretária Vanessa; ao menos três cães passam por aqui em menos de cinco minutos. Na sala de espera, cinco pessoas aguardam. Uma senhora traz um filhote de uma cadela recolhida na rua.

A sala: paredes verdes. Poltronas de um verde-limão; piso de lajotas brancas. O espaço é pequeno e contíguo à sala, um corredor onde fica a cafeteira em cima de um balcão. A cafeteira, uma personagem importante da sala de espera, está constantemente em uso.

Chega mais uma mulher com um cão. Já espera aqui um casal com um Poodle (é possível que sejam pai e filha). Todos os cães vêm à clínica vestidos. O filhote que chegara nos braços da senhora, estava enrolado em uma espécie de pequeno cobertor.

Fui chamada após ficar na lista do Dr. Carlos.

Extremamente simpático. Atendeu-me, comentei que quem me indicara pra conversar com ele foi a secretária da tarde, na terça-feira. Ela me dissera que a melhor pessoa para conversar sobre pesquisa era o Dr. Carlos. “Então vamos lá!”, conduzindo-me para a sala onde realiza as avaliações médicas.

Expliquei que o que me leva à clínica é uma pesquisa de mestrado sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida dos animais de companhia. Apresentei-me a Carlos que foi aceitando a minha entrada no espaço da clínica, procurando refletir e viabilizar o que eu fui dizendo que faria no espaço da sala de espera – expliquei que a sala de espera é um local muito bom para mim porque me interessam as histórias das pessoas que passam por processos de adoecimento e de cura dos seus *pets*.

Carlos prontamente foi pensando e comentando que, na sala de espera, lidarei com o “ócio do cliente”. Há algumas “reações atípicas” dos donos dos *pets*, bem diferentes das reações que os pais têm em relação ao pediatra quando levam seus filhos para uma consulta. Comentou que será importante eu saber abordar as pessoas e que há um horário mais adequado para eu estar no espaço: das 8 às 10 da manhã, pois a partir das 10h as pessoas já não ficam tranquilas na sala de espera, aproxima-se o horário do almoço e, então, a pressa irá prejudicar alguma tentativa minha de abordá-las.

Ao saber que me interesse pelo envolvimento dos donos nos processos de adoecimento e cura dos *pets*, Carlos dizia-me que uma coisa é importante relativamente a essa questão: 1% é real preocupação com o animal; e 99% é espelho da família, são preocupações que não se referem tanto aos animais, mas são medos de perda, de envelhecimento dos animais e que são preocupações muito mais dos donos do que necessidade dos animais.

Carlos comentava que, como estarei utilizando um momento que é de ócio do cliente, poderei entreter as pessoas.

- Nossa, tu vai ver como eles gostam de falar dos animais. Eles adoram falar de seus bichos.

E, realmente, a dificuldade para obter informações sobre os animais das pessoas que aparecem na Águia para uma consulta com os veterinários é mínima. Poucos são os que não se deliciam narrando todos pequenos detalhes de seus animais – desde comportamento, até aventuras, como adoeceram, como chegaram até eles...

⁷ Todos os nomes dos informantes desta dissertação são fictícios.

Combinamos que no dia seguinte pela manhã faríamos um “teste drive” para sentir como andaria a dinâmica das conversas/entrevistas. Carlos prontificou-se para apresentar-me para as pessoas (depois entendi que era um apresentar-me para a secretária da clínica que fica na sala pela manhã e que controla/administra as entradas e saídas de pessoas do espaço).

Ter um Carlos em campo facilitando a entrada, procurando viabilizar a pesquisa, mostrando-se prestativo é muito bom! Parece-me que ele ocupa um lugar importante na clínica. (Diário de campo, 08 de setembro de 2011)

E foi dessa maneira que consegui estabelecer uma rotina de idas a campo conforme as indicações de horário para permanecer na sala de espera da clínica que Dr. Carlos gentilmente ofereceu-me: das 8h às 10h, eu poderia frequentar a *Águia Veterinária* para conversar com os donos dos animais de estimação durante o tempo que esperavam para ser atendidos, “entretendo-os” com as conversas sobre seus *pets*. Durante mais ou menos um mês, frequentei a sala de espera da clínica, indo praticamente todos os dias da semana, com exceção de alguns em que não pude ir devido a imprevistos, dentro do horário indicado pelo Dr. Carlos. A relação com ele foi continuamente enriquecedora, tanto que me perguntou, depois de mais ou menos quinze dias de nossa primeira conversa, “se estava rendendo” minha pesquisa, permanecendo atencioso e hospitaleiro.

No início, fui com a intenção de conversar com as pessoas que esperavam pela consulta na sala de espera, com a possibilidade de seguir um roteiro prévio que havia elaborado, a fim de compreender algumas relações suas com seus animais e como vivenciam o processo de adoecimento e cura dos *pets*. Aos poucos, achei que seria melhor poder entrevistar essas pessoas fora da sala de espera, tanto por questões de privacidade quanto de tempo disponível para a conversa. Senti também a necessidade de ter um cartão de visita, para que as pessoas com quem conversava na sala de espera pudessem sentir-se mais à vontade ao receberem um cartão com informações sobre quem sou, a qual instituição estou vinculada, qual meu grupo de pesquisa.

Foi muito positivo ter um cartão de visita, pois as pessoas sentiam-se mais seguras e motivadas para conversar comigo; inclusive, minha relação com os funcionários da clínica passou por um aprofundamento quando entreguei o cartão a alguns médicos-veterinários que ainda não sabiam exatamente quem eu era e o que fazia lá, na sala de espera, praticamente todos os dias de manhã. Esse desconhecimento dos funcionários da *Águia* sobre quem era “aquela que permanecia na sala de espera pelas manhãs escrevendo coisas em um caderninho” reflete também um bom tanto da minha relação estabelecida mais intensamente com o Dr. Carlos, com a secretária da manhã, Vanessa, e com os donos que levavam seus animais de estimação para a clínica para

consultas. No tempo em que pude realizar o trabalho de campo, tive a oportunidade de aprofundar um pouco a relação com outro médico-veterinário da clínica.

Acabei percebendo claramente que não sou invisível aos funcionários da Águia. E agora que anoto, quando escrevo “funcionários” não estou me referindo às faxineiras e ao pessoal que trabalha na loja e na tosa. São os veterinários que pararam um pouco para conversar comigo. Começou com pequenas provocações quando a sala de espera estava sem clientes, próximo das 10 horas. Dr. Guilherme, uma outra veterinária e a secretária Vanessa estavam em volta da mesa toda renovada – que Carlos já comentara comigo no início da manhã sobre o espaço amplo que ela está tomando – conversando sobre coisas sérias e também brincando.

Algumas brincadeiras pelo fato de eu anotar muitas coisas, diziam que queriam espiar o que eu tanto anoto. Vanessa perguntou-me se eu não anotei que uma mulher dissera na semana passada toda raivosa: “se fizessem isso com o meu cachorro, eu mato, eu mato!”

Respondi que não, que não lembrava e perguntei duas vezes se foi realmente quando eu estava na sala. Vanessa afirmou que sim! Que foi quando eu estava ali. Mas eu realmente não lembrei e acredito que não anotei. Mas fiz uma afirmação muito boa para Guilherme: “devo ter me emocionado junto, porque não lembro disso!” Se não me engano, comentávamos sobre envenenamento de cães, e eu contava que tive um cão, filho de Dobermann com vira-lata, que foi envenenado com estricnina, outro no ano passado que também foi assassinado por vizinhos. E, naquela ocasião em que falei sobre isso, lembrava à minha interlocutora que isso é “crime!”

Guilherme foi quem se destacou no grupinho de veterinários reunidos – aquele que mais queria saber sobre mim, sobre o que eu estava fazendo ali – “quem és tu?!” Ainda na sala, as veterinárias comentavam a minha presença ali, brincavam com o fato de estarem sob o olhar de uma pesquisadora – senti que houve um gosto por saberem que uma antropóloga, uma mestrande em antropologia social que apresentava seu cartão de visita, estava ali em uma investigação.

Guilherme foi conversando mais lateralmente comigo e pediu para que eu o seguisse até sua sala, pois a sala de espera ficara tumultuada – alguns clientes chegaram, tornando o ambiente agitado. Conduziu-me até sua sala de consulta, ampla e iluminada, indicando a cadeira para que eu sentasse.

A CONVERSA

Guilherme mostrou-me sua preocupação em saber quem era eu, dizendo que inclusive alguns clientes podem querer saber o que exatamente estou fazendo aí – “quem é aquela moça?” E ele precisa então saber algo... Concordei com ele. Perguntou-me o motivo de ser “espelho animal” – já ensaiando uma resposta: “o espelho do homem no animal? Seria isso?” Disse que sim, que somos um grupo de pesquisa da UFRGS, que eu venho investigando questões de saúde e bem-estar dos animais de companhia e aproveitei o momento para falar a ele que fui remodelando o recorte conforme as coisas andaram – eram terapias alternativas nos animais de estimação, mas vi que não havia muita coisa em Poa... Guilherme mostrava-se bem interessado na conversa e comentou que, na clínica, há o emprego de acupuntura e os donos que trazem seus animais para esses tratamentos ficam impressionados com a eficácia, com o bem-estar que é promovido com essa terapia.

Dizia a ele que, por perceber que não havia muitos lugares com essas terapias – até comentei de minhas visitas à *Liga Homeopática*, local que ele desconhece (mostrou surpresa quando afirmou que lá atendem humanos e animais) –, fui procurando outra abordagem, para acompanhar o que realmente é possível investigar em Porto Alegre. (Diário de campo, 27 de setembro de 2011)

Essa conversa com Guilherme foi, para mim, um sinal de aceitação mais amplo dos profissionais da clínica veterinária. Se, até este momento, minha presença na clínica era uma espécie de segredo – ainda que aberto – meu, do Dr. Carlos e da secretária Vanessa, o interesse de Guilherme e de outras veterinárias por saberem quem era eu – que insistentemente retornava e permanecia na clínica por algumas horas no turno da manhã – modificou minha sensação de pertencimento ao campo de pesquisa. Até então,

havia sido extremamente bem recebida pelo Dr. Carlos, sempre muito afetuoso e simpático com todas as pessoas que trabalham e chegam à clínica, e pela Vanessa, com quem sempre dialogava; já, neste momento, parecia-me que todas pessoas da clínica tinham consentido minha presença, o que me deixou mais à vontade no ambiente. A sensação de modificação para um avanço na minha aceitação em campo foi ampliada no segundo dia após a conversa com Guilherme, em 27 de setembro, como se pode conferir no seguinte trecho do diário de campo:

Glória, funcionária do laboratório da Águia, que ontem avisou-me sobre a senhora “cheia de fantasias e manias de perseguição”, veio à sala de espera, cumprimentou-me sarcasticamente – “tu? De novo aí!” – e logo me apresentou sua colega de laboratório que, como eu, anota muitas coisas o tempo todo. A senhora convidou-me para visitar o laboratório pedindo que sua colega levasse-me para lá enquanto ela tomava um cafezinho. Subimos as escadas que conduzem ao espaço das internações. Aí pude ver que esse lugar é muito agitado – muito trabalho acontece por lá. Vi os animais nas “gaiolinhas”/espaços onde ficam sob tratamento... passei pelo local onde as estagiárias realizam os cuidados dos animais (passei rapidamente por aí e, sendo assim, não lembro muito de detalhes). A moça conduziu-me para a salinha do laboratório – é estreitinha e tem espaço para os equipamentos de análise de sangue, de pele, de fezes, de urina dos animais. Conversamos sobre o próprio laboratório, elas me explicaram questões relativas ao seu funcionamento. As máquinas do laboratório – a destinada para contagem de plaquetas, hemácias e outros elementos semelhantes; a outra destinada à análise. O computador, os livros, armários. Explicou-me como é que organizaram os dados no computador – tudo isso comentado pela colega de Glória.

Logo chegou Glória, que começou a conversar conosco sobre uma série de coisas. Talvez a primeira delas foi seu enorme amor pelos animais de companhia. É ela quem mais cuida dos animais que ficam na sala do laboratório – e que são de sua colega. (Diário de campo, 29 de setembro)

A funcionária Glória convidou-me para visitar o laboratório da clínica e foi explicando-me que, na verdade, estavam ainda em uma fase experimental, não haviam inaugurado o laboratório próprio que estava em funcionamento há cinco meses, mas a experiência estava sendo tão positiva que, em breve, o inaugurariam. Antes deste laboratório, a Águia enviava todos os materiais para análise a dois laboratórios de Porto Alegre, caminhando agora para uma maior autonomia.

Depois da longa conversa que tive com Glória e sua colega de laboratório, retornei à sala de espera, passando pela área na qual ficam internados os animais. O ambiente é pequeno e há algumas cenas que, para quem não está acostumado com ambiente hospitalar, são desagradáveis. Caminhei rapidamente pelo estreito corredor e pude ver o Dr. Carlos junto a outros profissionais socorrendo um cão com ferimento, o que me deixou extremamente desconfortável. Deixei meus olhos semicerrados para não enxergar mais muitas coisas e encaminhei-me rapidamente para o corredor que me levaria de volta à sala de espera. Dr. Carlos também saía do ambiente de internação

neste momento, perguntou-me o que estava achando e comentei que estavam acontecendo coisas fortes... “Ah, tu ainda não viu nada!”

Senti neste comentário do Dr. Carlos quase um convite ou anúncio para outros momentos em que poderiam convidar-me para assistir cenas de intervenção médica. No entanto, conheço meus limites, sei que eu não poderia permanecer em um ambiente como aquele, em meio a instrumentos médicos e a corpos de animais precisando de socorro. Foi melhor que, depois deste convite, não surgiram outros e prossegui, assim, minhas idas a campo, permanecendo na sala de espera, onde pude conversar com vários donos e donas de animais de estimação, escutando suas histórias e trajetórias de “afetos interespecíficos”.

Foi na *Águia Veterinária*, portanto, que foi desenvolvida a técnica da observação participante, que forneceu parte dos dados utilizados neste trabalho. Há, para além destes, outros dados construídos durante o percurso que me conduziu à *Águia Veterinária* - tanto por meio das caminhadas pelas ruas da capital gaúcha em busca de clínicas veterinárias, como também pelo ambiente virtual, em que foram encontradas muitas informações sobre o mundo *pet* em reportagens publicadas em sites de revistas, em livros virtuais e em *blogs*. Não foi possível realizar algumas das entrevistas planejadas, pois o trabalho de campo teve restrições relativas ao prazo para a realização da investigação empírica, mesmo assim, foi possível construir um material que permitiu escrever este trabalho.

Dessa maneira, então, tem-se, na presente dissertação, uma espécie de mosaico etnográfico, visto a partir de um microcosmo, cujos atores pertencem à classe média urbana e intelectualizada que experimentam um individualismo intenso (VELHO, 1994). A partir desse exercício, procurei descrever e compreender as transformações dos costumes dos donos com seus animais de estimação e das relações afetivas entre ambos, chegando às modificações dos cuidados com a saúde dos *pets*, que estão entrelaçadas às reconfigurações da medicina veterinária na contemporaneidade, a qual estabelece constantes trocas com a medicina humana, traduzindo conhecimentos e técnicas para o tratamento dos animais.

1 UMA FONTE DE AMOR INCONDICIONAL

*Se todo animal inspira ternura,
o que houve então com os homens?*

João Guimarães Rosa

Histórias sobre a devoção e a lealdade de animais de estimação aos seus donos não são raras e, geralmente, nos impressionam pela intensidade da força de ligação entre ambos. Chamam nossa atenção pelo seu conteúdo, que nos remete aos amores românticos, com fusão completa de vidas, e pela sua grande duração – eternos, “para sempre”. São histórias capazes de sensibilizar, quer os seus espectadores diretos, quer os ouvintes atentos às narrativas que as prolongam pelo tempo e as difundem pelo espaço.

Uma história assim foi tema de recente produção cinematográfica norte-americana, *Hachiko: A dog's story*, traduzido no Brasil como *Sempre a seu lado. Uma história real de lealdade*. Na capa do DVD publicado no Brasil, expuseram o comentário escrito nas *Crônicas Cariocas*: “Fascina até mesmo os corações mais duros... Belo filme!”.

O filme inicia em uma escola, quando um menino narra, em uma aula, quem é seu herói: Hachiko, o cão da raça Akita que foi encontrado ainda filhote por seu avô Parker – atuado por Richard Gere – quando estava perdido em uma estação de trem. Parker e o cão identificaram-se rapidamente e, aos poucos, o Akita conquistou inclusive sua esposa, que resistiu muito à entrada de um novo cão na casa.

Hachiko foi crescendo, e a afeição entre ele e Parker intensificava-se, tanto que todo dia, quando o dono ia à estação pegar o trem que o levava à faculdade onde lecionava música, Hachiko o acompanhava, depois retornava sozinho para casa; quando chegava a hora do retorno de Parker, o cão escutava de sua casa os ruídos do trem e corria para recebê-lo entusiasmadamente na estação.

Anos passaram-se assim, até o dia em que Parker não retornou mais da faculdade, porque sofreu um infarto. O interessante na narrativa é que o cão estava diferente neste dia. Hesitou um pouco em acompanhá-lo até a estação, mas acabou indo correndo até o dono, estava muito resistente para despedir-se, pulando e lambendo-o muito. Essa cena retrata a ideia de que é muito comum os cães terem um sentido aguçado, compreendido como capacidade de premonição, da qual seriam dotados.

Hachicko ficou aguardando pelo retorno do dono na estação, sendo necessário que o genro e a filha de Parker fossem buscá-lo, onde permanecia sentado à espera de seu grande amigo. A esposa de Parker, depois de um tempo, acabou mudando-se de residência, e Hachicko foi levado para residir com a filha e o genro. Porém, logo reencontrou a estação em que, todos os dias, esperava pelo dono, permanecendo lá, aguardando-o. Passaram-se nove anos de espera de Hachicko pelo retorno do dono na estação de trem, até chegar o dia de seu falecimento. Ao fim do filme, é apresentado um texto que se refere à história real de Hachicko.

O real Hachicko nasceu em Odate, Japão, em 1923. Quando seu dono, o professor Elsaburo Ueno, morreu em maio de 1925, Hachi retornou à estação de trem Shibuya dois dias depois e pelos nove anos seguintes para esperá-lo.
Hachicko morreu em março de 1934.
Hoje há uma estátua de bronze de Hachicko onde ele esperava, em frente à estação Shibuya.

Saindo do filme e chegando à sala de espera da *Águia Clínica Veterinária e Pet Shop*, onde fiz a observação participante do trabalho de campo, as pessoas que procuravam um auxílio aos seus animais com problemas de saúde, ou com procedimentos médicos de rotina a serem realizados, repetidamente comentam que seus animais são simplesmente *sui generis*. Essa especificidade reside, conforme meus interlocutores, no que os animais lhes dão, sendo impossível receber de qualquer outro membro da família ou de outro ser humano: trata-se de um carinho imenso, um entusiasmo incomparável, uma vontade de permanecer junto a seus donos muito maior que a vontade de filhos ou maridos.

- Quem é que deixado em casa sozinho e trancado; tu retornas após algumas horas e te recebes como se tu fosses a Gisele Bündchen?
Mariza perguntou se sou estudante de Veterinária; comentei que não, faço Antropologia Social e pesquiso questões relativas às relações entre humanos e animais. A esse comentário, iniciou uma série de reflexões qualificando os cães como “eternamente agradecidos” à atenção e ao carinho que os humanos lhes oferecem.
- Independente da roupa que tu vestes, de quanto dinheiro tens, eles te oferecem um carinho e uma atenção sempre muito fortes. (Diário de campo, 13 de setembro de 2011)

Há, no discurso dos donos de animais de estimação, a permanente referência ao apego nascido na relação, ao amor transbordante recebido de seus animais e que lhes conecta com algo mais amplo, mais elevado, colocando-os em contato com uma pureza perdida pelos humanos. Uma frase comum que circula na sala de espera da *Águia Clínica Veterinária* ajuda-nos a entender essa dimensão importante do campo: “é impressionante como a gente se apega a eles (animais de estimação)!”

O senhor Fernando, com aproximadamente 70 anos, dono de uma cadela *linguicinha*⁸ de 14 anos que já teve várias ninhadas e que, aos oito anos, começou a ter problemas de saúde, contava-me, enquanto aguardava, sentado nas poltronas verdes da sala de espera da clínica, pela realização dos exames de raio x, que sua *linguicinha* passou por quatro sessões de quimioterapia após terem sido tiradas todas suas mamas e também seu útero. Carinhosamente, Fernando a segurava em seu colo e mostrava-me o seu peito sem nenhuma mama. Estávamos, portanto, perante um corpo marcado pelo ato cirúrgico.

Acompanhado do filho Cláudio, trouxe a *linguicinha* à clínica para verificar como estão seus pulmões por meio de novos exames, pois Cláudio, estudante de radiologia, sabe que as células da pele e as da mama têm afinidade com as células do pulmão, o que os motivou a levarem-na para novos exames. Depois de falar da trajetória de adoecimento e sobre os tratamentos pelos quais passou sua cadela, Fernando dizia-me que “o animal é puro, nos dá solidariedade, fidelidade, carinho – tudo o que precisamos. Tenho sete filhos, mas o animal é outro filho”.

Encontramos, portanto, um elemento relevante compositor das relações entre os donos e seus animais: procura-se nos animais algo que parece estar além – ou aquém – do humano. Nossos interlocutores aproximam os animais de companhia ao divino, atribuindo-lhes múltiplos traços de perfeição e buscando a saborosa e inigualável entrega total do animal a eles mesmos, os seus donos.

1.1 VIDAS INTERESPECÍFICAS

Nas trajetórias dos donos dos animais de estimação que frequentam a *Águia Veterinária* e que conversaram comigo no período em que realizei o trabalho de campo na sala de espera, pude perceber que as relações com os animais são constituídas no seio de suas relações familiares ou também por meio de outras formas de relacionamento, tais como, amizade ou relações amorosas. Portanto, é junto aos humanos que se constroem os relacionamentos com animais de estimação, como será possível acompanhar pelas trajetórias trazidas aqui.

⁸ “Linguicinha” é um dos nomes utilizados popularmente para a raça Dachshund.

Elisa, que acompanhava a Poodle Mel, junto à filha Maria Elena, nos exames de rotina que se seguiram à retirada de todas as suas mamas, devido ao câncer que a acometeu, contavam-me que, na sua casa, são o esposo e a filha, Maria Elena, os maiores amantes de cães. Ela e sua outra filha não gostam muito dos animais, tanto que resistiram muito à entrada de Mel no apartamento da família.

O seu marido é do interior, da Campanha, e gosta muito de animais porque sempre teve cães e outros animais quando era mais jovem. Já ela é de Porto Alegre e não teve esse contato próximo com animais. Elisa dizia-me que, depois da vinda de Mel para a residência da família, esse gosto pelos animais foi alterado: ela adora a Poodle, e a outra filha começou a perder o medo de cães. Muitas modificações foram transcorrendo, inclusive no espaço físico da casa, onde foram criadas adaptações para a melhor circulação de Mel.

Maria Elena contava-me, após sair da consulta com o Dr. Guilherme, retornando à sala de espera junto à Mel, que sua irmã tinha muito medo de cães e não queria que algum animal habitasse a casa deles, assim como sua mãe, que se opunha à entrada de animais no apartamento. Mas ela e seu pai queriam muito um cão, quando decidiram adotar a Mel. Por meio desses relatos, vê-se que, na família da senhora Elisa, o amor aos animais é uma influência de Daniel, seu marido e pai de Maria Elena.⁹

Já, na casa da senhora Tânia, a entrada de York deu-se por uma indicação médica. Nelson, seu marido, teve sérios problemas de saúde após passar, há quinze anos, por um AVC; atualmente, ele fica somente na cama, pois está completamente sequelado, sem a possibilidade inclusive de ler. Seu neurologista indicou-lhe um animal: a York, uma York Shire que está com onze anos e tem um filho de cinco anos, o qual passou, em seu primeiro ano de vida por *cinomose*¹⁰, porque as vacinas que lhe foram feitas falharam.

Tânia dizia-me que, agora, sua cadela está pior que seu marido... As pedras no rim da York podem ter surgido pela ração, porém, sempre foi alimentada com o que lhe foi prescrito pelos veterinários, com a ração mais adequada. Explicava-me que, diferentemente dos humanos, cada pedra nos rins de cães pode ser por uma causa diferente e, por isso, enviarão as pedras de York para Michigan, a laboratórios capazes

⁹ Herança cuja constituição transcorreu no interior do Rio Grande do Sul, na Campanha, em contexto rural.

¹⁰ “Cinomose é uma doença altamente contagiosa provocada pelo vírus CDV (*Canine Distemper Virus*) ou Vírus da Cinomose Canina (VCC), da família *Paramyxoviridae*, que atinge animais da família *Canidae*, *Mustelidae*, *Mephitidae*, *Procyonidae* (...)” (In: goo.gl/314F3)

para que investiguem qual a causa dessas pedras. Ela pagará sedex para São Paulo e de lá enviarão para Michigan.

York faz muita falta na casa de Tânia. Nelson nem mesmo tomara café da manhã devido à falta da cadelinha; seu filho, Thor, também está sentindo muito a ausência da mãe. Dois dias depois da primeira conversa com Tânia, ela retornou à clínica e dizia-me, com muito pesar, que achava que seria bom operar, mas percebeu que foi pior, a operação acabou complicando outras coisas. A secretária Vanessa perguntou-lhe como estava a cadelinha, e a senhora dizia-me que ela foi para casa, mas não comeu nada, sequer um patê – “absolutamente nada!”. Tânia lamentava que, com a cirurgia, York nem mesmo consegue caminhar direito, ela está sofrendo muito. Dizia-me ainda que são os filhos quem adotam os filhotes e “depois é a gente que cuida e sofre...”

– Ela estava até melhor antes; não que eu me arrependo, mas tem coisas que é melhor não operar – ela está sofrendo muito... Sabe como é... “animalzinho” não sabe se queixar...
Tânia e Dr. Guilherme decidiram que York irá para casa. Só foi para a parte da internação para fazer soro; hoje irá para casa, pois “lá ela tem o cheirinho dela, a caminha dela”. (Diário de campo, 20 de outubro de 2011)

O caso do marido de Tânia, ainda que não seja exatamente uma situação de terapia que utiliza animais, remete-nos às práticas contemporâneas de utilização de animais para a promoção de saúde dos humanos e, inclusive, há terapias que utilizam os animais como terapeutas e coterapeutas, como é o caso da TAA, *Terapia Assistida por Animais*¹¹, da equoterapia¹² e da *pet therapy*¹³, indicadas para pessoas com deficiências ou com síndromes, tal como o autismo.

Nas trajetórias de Tânia e seu marido e de Elisa e Maria Elena, verificam-se formas distintas pelas quais o animal de estimação entrou nas casas e passou a integrar a

¹¹ “TAA – tem como objetivo a introdução do animal a um indivíduo ou grupo onde o animal é parte integrante do processo de tratamento. É dirigida e/ou realizada por um ou mais profissionais do serviço de saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas. Nas últimas décadas, a Terapia Assistida por Animais (TAA) vem ganhando interesse e investimentos da comunidade científica, em função dos resultados alcançados nos programas que visam, através da interação homem-animal, promover a saúde física e psíquica das pessoas envolvidas”. (NEVES, F. M.; Milani, L. In: goo.gl/QogHP)

¹² “É um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e necessidades especiais. Ela emprega o cavalo como agente promotor de ganhos físicos, psicológicos e educacionais.” (“O que é equoterapia”. In: goo.gl/hVwfM)

¹³ De 02 a 09 de dezembro foi realizada no Brooklin, em São Paulo, a primeira edição no Brasil da “Formação e Realização Internacional em Laboratório de *Pet Therapy*”, promovida pela *Associação Vita da Cani* e com os parceiros: *Centro de Estudos Interdisciplinar de Zooantropologia Instituto Italiano de Bioética*; *Dog Pet Therapy*; *Dogwalker* e *Terapia Assistida por Cães*. Dentre os objetivos do evento, estava a formação para o participante projetar um laboratório de *Pet Therapy* e a reflexão sobre aspectos éticos e etológicos relacionados às terapias e atividades com animais, que compreendem o bem estar do animal coterapeuta.

família. Em ambos os casos, o animal desenvolveu problemas de saúde para os quais foi procurada ajuda na clínica veterinária.

Na sala de espera, também conheci uma senhora que recebeu seu cão de presente de uma amiga, porém nunca gostou de animais e não foi esse presente que modificou seus sentimentos. Não suportava mais ter de levar o animal para consultas veterinárias. Para ela, cuidar do animal é uma tarefa desagradável porque exige dedicação e gastos em demasia e, além disso, o apego que surge na relação é grande, o que igualmente lhe desagrada.

Essas são trajetórias de vida que se abrem mais e menos para os animais de estimação no contexto do fenômeno *pet*. Algumas pessoas se aproximam aos poucos do animal, outras tentam conviver com um animal na casa, porém não lhes agrada cuidar e investir no animal de estimação. Outras nutrem um amor muito forte pelos animais desde o início de suas vidas e permanecem cuidando e recebendo carinho de seus *pets*, mesmo em situações em que suas vidas encontram-se extremamente debilitadas, como é o caso de York e de Mel, que não pôde fazer as sessões de quimioterapia após a retirada de todas as mamas de um lado do corpo, devido à falta de um elemento químico em seu corpo que a deixa muito frágil para a manutenção do tratamento quimioterápico.

A senhora Clarisse, dona de Vick, uma Poodle cega, de olhos vidrados, foi uma das histórias que ouvi na sala de espera da clínica veterinária e que mais mobilizou a escuta das outras pessoas que aguardavam por atendimento veterinário. Clarisse narrava a história de Vick expressando, tanto pelas palavras, quanto pelas expressões faciais e gestos, o tamanho de sua dor pelo que transcorreu com sua cadela. Vick estava com convulsões, e a sua médica receitou Gardenal, porém, Clarisse tinha uma certeza interna de que a medicação prescrita para Vick não tinha nada a ver com o que ela realmente precisava... E suas sensações eram corretas, pois, na verdade, Vick estava com diabetes e, sem a medicação correta, acabou ficando cega. “E eu cuidei tanto desse bichinho! E o que foi?! Um erro médico muito grave! Erro médico!” Com isso tudo, Clarisse acabou aprendendo, inclusive, a dar injeções de insulina.

- Mas nunca sofri tanto em minha vida. Todo mundo dizia: ‘Manda sacrificar!’ E eu persisti junto a ela pela vida. Eu emagreci quatro quilos, sem querer, com todo o sofrimento da Vick! Expressando indignação intensa com o tratamento que deram à cachorra na outra clínica veterinária, Clarisse comentava que dissera à médica que era o diabetes que estava debilitando a Vick, porém, a médica permaneceu medicando-a com Gardenal. E foi assim que houve um aumento muito grande de glicose – Clarisse falava-nos em números o quanto aumentou a glicose no sangue de Vick – e por isso ela entrava em convulsão, “se batia, se batia, se batia”. (Diário de campo, 13 de setembro de 2011)

Clarisse nos contava, enquanto a escutávamos sensibilizados e envolvidos com sua narrativa emocionada na sala de espera, que sua cadela “era linda!” – o seu pêlo era maravilhoso, de um brilho impressionante, era toda cheia de vida; agora, está vivendo como ainda lhe é possível, sem poder enxergar e necessitando da assistência permanente dela, sua dona.

1.2 PARA UMA ANTROPOLOGIA E UMA HISTÓRIA DO AMOR AOS ANIMAIS

Para abordar antropologicamente as emoções envolvidas nas relações entre humanos e animais de estimação, é importante lembrar que a antropologia envolvida na constituição de uma abordagem para o fenômeno das emoções produziu problemáticas que relativizam, comparam e contextualizam emoções; desestruturou certezas individualistas, subjetivistas e biologizantes. Mais recentemente, surgiu a abordagem sensível às micropolíticas, captando elementos situados na dimensão política do *discurso emotivo*, apontando para o papel retórico da expressão e da atribuição das emoções (CRAPANZANO, 1994).

A sensibilidade antropológica rejeita o pensamento comum ocidental que atribui origens instintivas a elementos da experiência humana, tratando-a como assunto estritamente individual. Fundamental para os antropólogos é alcançar o deslocamento desse imaginário naturalizante e individualista, em um movimento que permita surgir a ideia de que sentimentos são produzidos socialmente, nas relações sociais, e, sendo assim, as emoções não “estão lá” no corpo e desde sempre, como uma substância/matéria à disposição de todas as culturas que moldariam e atribuiriam nomes diferentes para um fundamento comum, pan-cultural.

Conforme a antropóloga Cláudia Rezende e a socióloga Maria Coelho, coautoras do livro *Antropologia das Emoções*, foi na década de 1970, com a abordagem interpretativa, que as emoções alcançaram uma abordagem menos titubeante na antropologia. Com Radcliffe-Brown e Ruth Benedict, que “detiveram-se nas regras e formas coletivas de expressão dos sentimentos, ora explorando seu papel ou função social, ora comparando padronizações culturais distintas das emoções” (2010: 13-14), ainda é perceptível “uma visão ambígua da emoção, que ora é pensada como um estado

interno, subjetivo e não social, ora resultaria de situações sociais, sendo assim, de ordem social" (*ibidem*, p. 14).

Os antropólogos, inspirados na hermenêutica, saíram da noção de cultura sugerida pela Escola Personalidade e Cultura criada por Margaret Mead e Ruth Benedict, retomando uma perspectiva weberiana e definindo, assim, cultura como teia de significado. As emoções, ao serem abordadas por essa perspectiva, foram problematizadas no interior da questão da construção social dos significados; também houve uma atenção maior à "articulação entre emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder" (REZENDE; COELHO, 2010: 14).

O sentido presente no movimento privilegiado pelo pensamento antropológico na abordagem das emoções, que acompanha a fundação das Ciências Sociais – e, em especial, da Antropologia –, é perceptível na obra *As Paixões Ordinárias* do sociólogo David Le Breton. Para ele o Outro de seu pensamento acerca das emoções são as abordagens naturalistas, em que as emoções são abordadas como uma substância que se apodera dos indivíduos e que é passível de classificação sistemática para o estabelecimento de um catálogo de emoções puras universais que podem ser reconstituídas em experiências laboratoriais.

Le Breton comenta que autores naturalistas, como Ekman e Friesen, estavam à procura de uma linguagem natural das emoções, anatômica e fisiologicamente identificável. O pensamento naturalista nutre-se de um dualismo entre indivíduo e emoção, esta imaginada como uma substância que se instalaria naquele provisoriamente, "exprimindo-se" em total indiferença a seu suporte. Conforme essas ideias, inexistiria erro na expressão, posto que haveria uma pureza das expressões. Essa perspectiva naturalista é equivocada segundo Le Breton, pois "nenhuma importância é conferida à ambivalência, às variações pessoais, sociais ou culturais" enquanto "a vida afetiva é sempre um tanto clara, um tanto obscura, embaralhada, muitas vezes incompreensível" (2009: 205).

No capítulo quatro, *Antropologia das Emoções II - Crítica da Razão Naturalista*, o autor insiste na relevância de estudos sobre as emoções que não as percam em empreendimentos naturalistas. Afirma com veemência que, ao abordar emoções como um problema de anatomia e fisiologia, excluindo a dimensão simbólica que lhe constitui – nesta perspectiva, a expressão das emoções inscreve-se em uma continuidade expressiva que se iniciou com os primatas e foi legada ao homem (vide a importância da

obra *A expressão das emoções no homem e nos animais* de Charles Darwin) –, perde-se a emoção concreta.¹⁴ A emoção imaginada pelos naturalistas é pura expressão facial reprodutível em laboratório, noção que é contraposta por Le Breton, como mostra o excerto abaixo.

No curso da vida quotidiana, a emoção não é uma substância, uma entidade indescritível, um estado imóvel e imutável que pode ser encontrado sob a mesma forma e nas mesmas circunstâncias no conjunto da espécie humana. Ela é uma mancha afetiva que cobre como uma mancha de óleo o conjunto dos comportamentos e não cessa de continuamente se modificar cada vez que a relação com o mundo se transforma ou que os interlocutores mudam. (...) A emoção não possui a claridade da água de fonte. Ela no mais das vezes, constitui uma mistura incompreensível cuja intensidade não cessa de variar ou de se traduzir mais ou menos fielmente através da atitude do indivíduo (LE BRETON, 2009: 208).

Para Le Breton, é especialmente equivocada a postura iluminista que anseia por uma classificação simples do mundo afetivo, afinal, "a emoção não possui a claridade da água da fonte". Para ele, abordagens biológicas da emoção são paupérrimas, pois "desenraizam metódica e forçosamente os movimentos corporais e faciais de seu fundo pessoal, relacional, social ou cultural" (*ibidem*: 206).

Retornando a Rezende e Coelho, na revisão histórica das emoções, em meio à disciplina antropológica que realizam no livro *Antropologia das Emoções* (2010), vê-se que, na década de 1970, os Estados Unidos foram muito importantes para a antropologia interpretativa, já, na década de 1980, os estudos antropológicos sobre as emoções partiam “de uma perspectiva relativista que tratava os sentimentos como conceitos culturais que medeiam e produzem a experiência afetiva” (2010: 14). A principal contribuição desses estudos foi uma importante desestabilização da dicotomia entre estados subjetivos e sentimentos sociais, posto que “as próprias ideias de pessoa e de subjetividade passam a ser vistas como construções culturais” (2010: 14).

Segundo Rezende e Coelho, essa abordagem orientou uma série de etnografias, como as de Abu-Lughod (1986), Lutz (1988), Rosaldo (1980), conformando o que veio a ser denominado de *campo da antropologia das emoções* por Catherine Lutz e Geoffrey White, em artigo de 1986 publicado no *Annual Review of Anthropology – The Anthropology of Emotions*. Mais recentemente, os antropólogos estudiosos das emoções

¹⁴ Vale recordar que, em Ingold (2002), há uma proposta teórica para a antropologia que procura ultrapassar a abordagem simbólica, em direção a uma *antropologia ecológica*, que privilegia a constituição dos “atores-perceptores” no engajamento com os ambientes por meio do desenvolvimento de *skills*, habilidades.

têm enfatizado os contextos nos quais se manifestam os discursos emotivos, procurando um tropos que, além de ser relativizador, ofereça uma análise de um ponto de vista pragmático acerca das situações sociais específicas em que os discursos emotivos são expressos.

Seguindo as sugestões de contextualização dos discursos emotivos, entende-se que é relevante procurar compreender a historicidade do amor aos animais, e, para esta tarefa, tem-se, na obra clássica *O homem e o Mundo Natural*, do historiador inglês Keith Thomas, uma referência fundamental. Nela, Thomas mostra detalhadamente como esse sentimento não existe em todas as épocas, de modo que não se pode tomá-lo como se estivesse inscrito em uma suposta natureza humana. A paixão e o amor aos animais é um fenômeno que, conforme nos mostra o autor, nasce em um período histórico e desenvolve-se de diferentes maneiras. Pode-se imaginar que a forma do “petshismo” (DIGARD, 1990) contemporâneo, frequentemente causadora de estranhamento e repulsa a pessoas que não compartilham dessa paixão, é herdeira do amor aos animais rastreado por Thomas, na Inglaterra do século XVIII.

Digard propõe a noção de “petshismo”, o qual seria uma espécie de “fetichismo”. Nessa perspectiva, os animais de estimação são lidos como fetiches contemporâneos que, por essa condição, são idolatrados como seres (praticamente) divinos. É importante perceber que essa leitura do etnólogo francês nasce de sua abordagem que privilegia as relações sociais, procurando compreender, neste caso, a dimensão econômica que está profundamente vinculada à relação afetiva de donos e seus *pets*. Pensando em “petshismo”, é possível compreender um pouco certas contradições contemporâneas. Por exemplo, por um lado, os animais são cuidados com o que há de mais sofisticado e complexo no mercado e, por outro, há muitos casos de abandono de animais de estimação – supervalorização e coisificação seriam, assim, os dois lados do “petshismo”.

Thomas (1996) lembra-nos que a crueldade era o lugar comum dos ingleses até o século XVIII, época em que surgiu uma sensibilidade mais afinada para com os animais, tornando-se corrente o espanto e o choque perante a crueldade com estes seres. Afirma também que os relatos do século XVIII de pessoas sentindo dor e repulsa frente a eles sendo castigados são reflexo da preocupação cada vez mais intensa com o tratamento destes, tornando-se uma característica da cultura inglesa de classe média no final do século XVIII. “Mostram também a emergência de uma crença que na época vitoriana se tornaria uma convicção arraigada: que os animais mais infelizes eram os

dos países latinos do sul da Europa, pois neles ainda vigoravam as antigas doutrinas católicas sobre a inexistência de alma nos animais” (THOMAS, 1996: 171). Neste trecho, o historiador contextualiza as percepções relativas aos animais em locais diferentes da Europa e prossegue descrevendo, por meio de uma perspectiva histórica, formas comuns de relacionar-se com eles na Inglaterra, como se observa na transcrição abaixo:

Contudo, em tempos anteriores, os próprios ingleses foram famosos entre os viajantes por sua crueldade para com os seres brutos. As apresentações de brigas entre animais eram das formas mais comuns de diversão. O “açulamento” de touros e ursos era efetuado com os animais presos a uma corrente, e atacados por cães – geralmente em sucessão, mas, às vezes, todos juntos. O cão investia contra o focinho do touro, amiúde dilacerando suas orelhas ou pele, enquanto este procurava arremessar o primeiro sobre os espectadores. Se o animal acorrentado conseguisse escapar, seguiam-se cenas de considerável violência. Os açulamentos desse tipo costumavam ser considerados como uma diversão apropriada para a realeza ou os embaixadores estrangeiros. Tinham lugar também em festas e feiras rurais e nos quintais das cervejarias, convidando-se os cachorros do local a enfrentar um touro ou urso itinerante que cruzava o país com seu guardador. Em Stamford e Tutbury ocorriam anualmente “corridas de touros”, quando o animal, com as orelhas cortadas, a cauda reduzida a um coto, o corpo lambuzado de sabão e o focinho inchado de tanta pimenta, era solto para se ver quem conseguia agarrá-lo em um vale-tudo generalizado. Texugos, macacos, mulas e mesmo cavalos também podiam ser açulados. O açulamento de touros, escreveu John Houghton em 1694, “é um esporte que os ingleses muito apreciam; e não apenas a classe mais vil, mas damas de mor posição” (THOMAS, 1996: 171-172)

Neste belo trabalho de Keith Thomas, tem-se a possibilidade de conhecer a historicidade no ocidente do “amor aos animais” que está na origem do fenômeno *pet*. O amor e respeito a eles é uma forma de relacionar-se que, como se pode ver acima, surge em oposição à relação baseada na brutalidade que a antecedeu. No outro trecho selecionado, reproduzido abaixo, o historiador inglês indica as fontes de condenação da crueldade com os animais:

Onde, então, devemos procurar as origens da tese muito mais radical, que condena a crueldade com os animais, independentemente de ter esta qualquer consequência humana?

Os poucos estudiosos que examinaram o tema reconhecem que vários autores clássicos, Plutarco e Porfírio em particular, mostraram grande preocupação com os animais, chegando às vezes a defender o vegetarianismo. Mas tendem a considerar o período entre os clássicos e o século XVIII como um vazio quase absoluto, desse ponto de vista. O livro raro e quase esquecido de Dix Harwood, *Love for animals and how it developed in Great Britain [O amor pelos animais e como ele se desenvolveu na Grã-Bretanha, 1928]* é ainda a melhor compilação sobre o assunto, mas mesmo seu autor nos diz que “a documentação relativa a interesse e simpatia por animais, antes de 1700”, é “muito escassa”. (THOMAS, 1996: 180)

Na literatura sobre animais de estimação, é comum encontrar referências sobre os afetos envolvidos nas relações que eles desenvolvem com os humanos, com quem co-habitam a casa. As referências francesas utilizadas aqui falam nos animais de estimação como produtos de uma paixão doméstica/ordinária (BROMBERGER, 1998) ou de uma paixão animalitária (DIGARD, 1999). Já, na literatura norte-americana que chega ao Brasil, principalmente, por meio da médica veterinária e doutora em psicologia Ceres Berger Faraco e pelo psicólogo Nedio Seminotti¹⁵, há um debate produzido por uma nova área de estudos. Trata-se da *Antrozologia*, na qual há pesquisadores propondo maneiras de compreender as novas conformações familiares “multiespécie” alicerçadas em laços afetivos entre pais, filhos e *pets*, tópico que será desenvolvido no próximo capítulo.

1.3 *PETS*: “PAIXÃO ORDINÁRIA” OU “PAIXÃO ANIMALITÁRIA”?

Para o antropólogo Christian Bromberger (1998), os animais de companhia são uma forma de paixão doméstica que, por seu turno, é uma versão das *paixões ordinárias* – compartilhadas massivamente, assumidas individualmente, aceitas moralmente, vividas intensamente, mas sem abuso perigoso –, estes gostos são percebidos como aspirações legítimas à realização de si e ao reencantamento do mundo. Nessas paixões ordinárias, não estão inclusas as paixões erráticas ou minoritárias e é importante ressaltar que não formam um universo homogêneo.

Há uma moralidade relacionada a esses gostos, exige-se delas a gratuidade e apelam ao mérito. O investimento a essas paixões é tomado como sacrifício, um sacrifício que é agradável, que permite a experiência de abolição do tempo. Tais paixões exercem-se tanto na solidão quanto na efervescência coletiva. Bromberger questiona-se quais seriam as predisposições sociais que estariam na origem das paixões ordinárias: a família é importante fonte de transmissão, ainda que os caminhos da paixão não tenham

¹⁵ Escreveram juntos alguns artigos: FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. *A relação homem-animal e a prática veterinária*. Revista CFMV, v. 10, nº 32, p. 57-61, 2004; Faraco, C. B. (2003). *Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. E Faraco, C. B., & Seminotti, N. (2006). *A crueldade com animais: como identificar seus sinais? O Médico Veterinário e a prevenção da violência doméstica*. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Brasília, 37, 66-71.

um curso linear, sendo, muitas vezes, um drama na vida pessoal que frequentemente desencadeia a aventura passional. "A paixão, que é ultrapassamento de si, aparece assim, em muitos casos, como uma reparação" (1998: 36).

O mundo em que se desenvolvem as paixões ordinárias perdeu a unicidade que tivera outrora; e as linhas gerais da mudança são a inversão das relações entre tempo de trabalho e tempo livre, o desenvolvimento maciço de uma classe média que aumenta o consumo e que busca lazeres, a dessacralização das grandes instituições (estado, escola, família) e o declínio das ideologias universalistas, maior ênfase no indivíduo, na satisfação de si, em detrimento dos projetos de edificação coletiva da sociedade. "Ter um ou alguns projetos concretos, uma ou algumas atividades gratuitas vividas intensamente, fora da vida profissional e familiar é doravante um dos atributos valorizados de uma existência pessoal plena" (*ibidem*: 21).

Como dar um nome a esses rumores da vida contemporânea? Paixão é geralmente o termo usado pelas pessoas ao referirem-se a essas atividades que dão sentido à vida. Bromberger lembra que, na maior parte da nossa história intelectual, a paixão teve má reputação, apontada como problema, como submissão do sujeito a forças exteriores. Sendo assim, parte para questionar-se sobre as maneiras por meio das quais se operou a reabilitação das paixões, que hoje não são mais tidas como irredutíveis irmãs inimigas da razão (*ibidem*: 24). Conforme Bromberger, as paixões não se referem mais a disposições gerais da alma (ambição, orgulho, tristeza, cólera, etc), mas a orientações afetivas estáveis frente a objetos singulares.

"É sobretudo o estatuto destes investimentos afetivos que mudou após o período romântico até os tempos contemporâneos" (...) "É a consciência íntima de uma escolha voluntária que define subjetivamente o engajamento passional" (*ibidem*: 25-26).

As sugestões de Jean-Pierre Digard (1999) sobre o amor e a paixão pelos animais de estimação oferecem outros caminhos para pensar o fenômeno. Ele comenta que o homem moderno "ama" egoisticamente seus animais elegendo, no sistema domesticatório ocidental, os animais familiares como os mais amados, isso porque a única função manifesta deles é fazer companhia ao homem, colocando espontaneamente estes no centro de seu universo, erguendo-lhes em um pedestal, valorizando-lhes. "Reciprocamente, o que amamos em nossos animais de estimação é seu apego e sua dependência; é a imagem de seres superiores, todo-poderosos e indispensáveis aos outros que nos remete a nós mesmos" (DIGARD, 1999: 135-136).

Segundo Digard, há uma função latente de espelho animal encontrado no animal de estimação que faz da paixão animalitária¹⁶ uma paixão fundamentalmente narcísica; comenta que, para Boris Cyrulnik, o cão é um “delegado narcísico” cuja escolha fala do dono. A paixão pelos animais de estimação é uma paixão do parecer, uma paixão ostentatória: “o cavaleiro sobre sua montaria ou o dono de um Pitt Bull se orgulham de dar ao outro o espetáculo da dominação que eles exercem (ou crêem exercer) sobre um ser fioso, poderoso e com reputação de perigoso” (1999: 136). Para satisfazer tais funções narcísicas e ostentatórias, faz-se necessária a existência de uma grande diversidade de animais familiares, afinal, “tal cão, tal dono”.

Tais análises sobre a sociedade francesa podem ser aproximadas do contexto de estudo deste trabalho, em que os animais de companhia também existem e nascem de uma paixão pelos animais. Não se trata de quaisquer animais, como ressalta Digard, a paixão por animais que produz os animais de companhia restringe-se a certos animais, justamente aqueles sem uma utilidade expressa. É por isso que o autor qualifica a paixão "animalitária" como seletiva e hierarquizada. Não há entre animais de companhia espécies que fazem parte da vida rural, em fazendas. São gatos, cachorros e animais exóticos que se tornam "de companhia".

Ao lado dos apaixonados ordinários, há também os superapaixonados que militam pela causa animal. Em 1978, foi proclamada, na UNESCO, a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, a qual está ligada à noção de especismo, palavra criada na década de 1970 e que se inspira na noção de racismo. Em tempos de desmoronamento das grandes ideologias universalistas, os amigos dos animais tornam-se, aos poucos, defensores de uma moral que anseia por um universalismo – aproxima-se ao ecologismo, uma das últimas ideologias com pretensões universalistas. Comentei brevemente acima que, para Digard, a paixão pelos animais faz parte do “sistema domesticatório ocidental”, cuja característica principal é a hierarquização dos animais em animais de companhia, superprotegidos e supervalorizados, e animais de renda, explorados e, entre eles, há um animal intermediário: o cavalo. Os mais ardentes defensores dos animais não defendem animais de fazenda; só cães, gatos ou macacos.

A exploração e a superproteção não se opõem, segundo Digard, pois conformam um sistema. É na tentativa de resolver o dilema moral que se eleva os animais para matá-los. O autor ainda sugere que o amor desmedido pelos animais não é parte de um

¹⁶ O termo utilizado por Digard em francês é *passion animalière*, *paixão animalitária*, remetendo-nos à ideia de uma espécie de totalitarismo animal.

processo de civilização dos costumes, conforme a fórmula eliasiana, é mais um apagamento das fronteiras entre humanidade e animalidade, uma confusão de identidades, ideias e sentimentos, resumindo, um novo obscurantismo estaria em curso, "que é uma das manifestações mais evidentes do recuo atual dos valores humanistas e do risco correspondente de regressão social e cultural" (1999: 67-68).

1.4 O AMOR INCONDICIONAL DOS NOVOS BONS SELVAGENS

Para além dos elementos explorados por Digard ou por Bromberger pelos conceitos “paixão animalitória” e “paixão ordinária”, relativos às emoções constitutivas do fenômeno *pet* e que nos ajudam a compreender algumas de suas facetas, percebo que meus interlocutores enfatizam um componente da relação estabelecida com seus animais para o qual não é dada atenção suficiente na literatura supracitada. Nos discursos dos donos de animais de estimação, é muito presente a afirmação de que se deseja um ser vivo que se move, dotado de afetos e com uma qualidade específica – a impossibilidade de trapacear. Procura-se aquilo que alguns interlocutores meus nomeiam de “amor incondicional” – um amor que não falha, que é pura entrega e depurado de quaisquer equívocos, em uma palavra, perfeito¹⁷.

Glória, funcionária do laboratório da Águia, contava-me que acompanhou os dias finais e cheios de sofrimento da vida de seu cão. Ele, que lhe deu tanto companheirismo, amor, felicidade – como (!?) ela não iria ajudá-lo, acompanhá-lo em sua dor? Acompanhou-o até finalmente realizarem a eutanásia.

Dizia-me que entende muito bem a dor da perda de quem frequenta a clínica. Quando morreu o animal dela, até se acostumar com o fato, continuava colocando a mão para baixo da cama onde ele sempre a cumprimentava pela manhã.

Contou-me que, na tentativa de confortar os donos dos animais de companhia que os perdem, fala para eles que o ciclo de vida dos animais é menor do que o nosso, vivem bem menos que nós e que, no pequeno tempo de existência deles, aprenderam muito mais do que podemos aprender em toda nossa existência – é um doar amor, carinho, afeto e felicidade incessante. Assim é, completou a sua colega de laboratório, que os animais aprendem muito mais do que nós, pois encarnamos, reencarnamos e não aprendemos absolutamente nada. Nunca deixaremos de retornar... (Diário de campo, 29 de setembro)

Em “*Sobre homens e cães: Um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*”, trabalho pioneiro sobre os animais de estimação na antropologia brasileira,

¹⁷ O discurso encontrado entre meus interlocutores em campo é idêntico à declaração que a médica veterinária Ceres Faraco realizou em entrevista ao site do *Diário do Nordeste*: "Enquanto os humanos podem dissimular sentimentos, os animais, especialmente os cães, são claros na manifestação de seu amor incondicional".

Samantha Oliveira comenta relatos de donos de animais de estimação que também enfatizam as relações afetivas nutridas com seus animais e, em especial, o recebimento de “amor incondicional” doado pelos cães. A autora analisa rapidamente tais relatos sobre a afetividade entre humanos e animais circunscrevendo-os como “reflexos da modernização das cidades e da individualização cada vez maior da cultura na sociedade ocidental” (OLIVEIRA, 2006: 26). Nesse sentido, “a característica individualista marcante das sociedades modernas, onde o isolamento e a solidão são fenômenos sociais muito presentes, acaba sendo de alguma forma minimizada com a presença de um animal” (*ibidem*: 27); “acredito ser também devido à carência de relações afetivas concretas, que cada vez mais pessoas tornam-se interessadas em adquirir um animal de estimação” (*ibidem*: 38).

Em sua dissertação, portanto, Oliveira (2006) relaciona a presença cada vez mais acentuada de animais de estimação na vida das pessoas que pesquisou à individualização crescente do mundo moderno, em que se promove a aproximação das pessoas pelos meios de comunicação, gerando, ao mesmo tempo, a sensação de isolamento do mundo concreto (p. 38). Observando com cuidado seu texto, é possível perceber que os casos relatados são ou de pessoas que moram sozinhas, principalmente idosos, ou de casais sem filhos que optaram por ter animais de estimação como os filhos da casa. Comentou rapidamente, nas páginas 35 e 36, o caso de uma pessoa cujo relato sobre seus animais de estimação na comunidade do *Orkut* chamada “meu animal é membro da família” indica ser a filha de uma família composta por outros filhos não-humanos, sendo estes últimos um gato e uma cachorra.

Oliveira seleciona em sua dissertação os casos nos quais se opera uma escolha entre animais ou humanos, sendo pouco investigados os casos das famílias compostas tanto por “filhos humanos” quanto “filhos animais”. Parece-me que a autora opta pelos casos excludentes que reforçam algumas concepções suas sobre individualismo crescente na sociedade moderna e também algumas noções correntes sobre como lidar com a sensação do “ninho vazio” de pais cujos filhos adultos deixam a casa ou, ainda, como os idosos lidam com a solidão.

Em meu trabalho de campo, encontrei diversos casos de famílias compostas tanto por filhos humanos quanto por animais. Além disso, meus interlocutores mostravam-se dispostos a refletir sobre as relações entre humanos e animais quando me apresentava como pesquisadora, investigando questões relativas a saúde, qualidade de vida e bem-estar dos animais de estimação. Em um dos primeiros dias em que fui à

Águia Veterinária, a senhora Mariana, citada anteriormente, criticava a explicação corrente sobre ter animais de estimação como forma de banir a solidão:

“Não tem nada a ver com solidão, te garanto isso”. Mariana afirmou que não é por solidão que as pessoas se apegam a animais, sendo que haveria dois motivos principais que as levam a terem animais de estimação: um motivo é que estaria inscrito na genética de algumas pessoas o gosto por animais e outro é por decepção relativa aos humanos.

Para ela, há uma “pureza dos animais” – “costumo dizer que o meu (cachorro) tem ótimo caráter”. (Diário de campo, 13 de setembro de 2011)

Meus interlocutores têm, portanto, suas teorias sobre os motivos do intenso apego aos animais de estimação que, inclusive, questionam explicações sociológicas como as de Samantha Oliveira. Sugiro que, antes de formular um quadro explicativo generalizante sobre relações afetivas entre as pessoas e seus animais de estimação, atentemos aos casos encontrados em campo procurando encontrar outros caminhos interpretativos, para que tais casos sirvam menos como comprovação de teorias sociológicas e mais como pistas para compreender elementos novos que possam aparecer nas dinâmicas sociais contemporâneas.

Vanessa, secretária da clínica, comentava que há muitas pessoas que se decepcionam com os humanos e acabam dedicando-se muito aos animais, pois oferecem um amor que é incondicional – independente de quem és e do que tens, a fidelidade é enorme. Contava-me que, no dia anterior, veio uma senhora aqui que comentava não querer um filho porque daqui a alguns anos... “não se sabe”... Um filho pode lhe deixar sozinha, sair de casa, enquanto o animal, jamais o faria. (Diário de campo, 28 de setembro)

Analisando cuidadosamente essas falas desses interlocutores amantes de animais, percebe-se que um dos elementos fundamentais para o “amor incondicional”, que é oferecido pelos animais de estimação aos seus donos, é a representação do animal como um ser mais desenvolvido que os humanos – e inclusive acabado. Essa representação pode ser compreendida como derivação de um motivo primitivista, pois é atribuída superioridade moral e ontológica a uma suposta origem comum dos humanos e dos animais, no caso a uma animalidade idealizada¹⁸. É desta forma que, ao lado da admiração nutrida pelos amigos e familiares animais, caminha frequentemente uma “decepção com os humanos”. Estes, portanto, são significados como os seres passíveis de falha e aqueles, por seu turno, imaginados como seres completos, situados no plano de uma perfectibilidade impossível de ser encontrada no mundo humano. Perfeição perdida pelos humanos.

¹⁸ “É nos Estados Unidos, onde os animais são mais ‘amados’, que eles são menos conhecidos. Os americanos têm a tendência a considerar que os animais são puros, a esquecer que eles copulam, que alguns matam, e também que eles morrem, de onde as proporções dramáticas que eles dão a esses eventos quando ocorrem” (DIGARD, 1999: 182)

As emoções humanas que não se misturaram aos animais foram a mentira, a hipocrisia e a falsidade. Eles são sempre autênticos ao demonstrar suas emoções, as quais expressam por meio de sua conduta, personalidade, humor, sensibilidade e afetividade.

Se não pudermos decifrar estas emoções pela análise de seu comportamento, à luz do antropomorfismo trata-se de uma limitação pessoal do médico veterinário homeopata, pois a prática demonstrou essa viabilidade. (ARENALES, 1995: 61)

A valorização contemporânea dos animais de companhia, portanto, é fortalecida por ideias primitivistas geradas por uma narrativa histórica que engloba animais e humanos, para a qual ambos pertenceriam a uma só linha de desenvolvimento histórico em que os animais seriam o ponto de partida para a civilização. Em uma história de involução, o ponto de chegada somos nós, os humanos, que acabamos perdendo vários elementos a partir do momento em que deixamos de ser como nossos semelhantes animais. Essa narrativa é produzida em meio à cosmologia naturalista que o antropólogo francês Phillipe Descola investiga genealogicamente no capítulo *Le grand partage* da obra *Par-delà nature et culture*; já as cosmologias ameríndias, estudadas por Tânia Stolze Lima e Eduardo Viveiros de Castro, são simetricamente inversas, pois encontram na humanidade o ponto de origem em comum entre humanos e animais.

Observam-se, no atual fenômeno *pet*, traços de um primitivismo que, diferentemente daquele do século XVIII relatado pela antropóloga Hélène Clastres, cujos primatas eram os selvagens descobertos pelos europeus nas terras distantes, encontra nos animais de estimação os semelhantes que nos remetem ao início de nossa história – uma época gloriosa, em que reinava a abundância afetiva e a pureza de sentimentos.

Primitivismo, isto é, projeção, sobre as sociedades concretas, de um estado originário que não pode ser mais do que um modelo lógico ou, como tão bem viu Rousseau, que existe apenas por hipótese. (CLASTRES, 1983: 205)

O atual pensamento primitivista que localiza os animais de estimação na origem de uma história, cujo fim é os humanos, tem, no estado primevo, os elementos mais valorizados, percebido como um estado perfeito em relação ao que se desenvolveu posteriormente. No texto *Primitivismo e Ciência do Homem no século XVIII*, Hélène Clastres assinala os significados e as implicações da noção de “primitivo”. Comenta a autora que se trata de uma inovação do século XVIII o pensar os povos selvagens precisamente como povos primitivos.

Primitivos, isto é, primeiros: no começo de uma história que é a do gênero humano. Pensamento ele mesmo novo, esta idéia da humanidade como ‘espécie’, portanto dotada de uma unidade natural e tendente por natureza à

mesma evolução (pois a Natureza fez o homem perfectível, ao contrário das outras espécies). (CLASTRES, 1983: 189-190).

Nossos interlocutores, ao deslocarem o estado originário do humano para os animais de estimação, os novos bons selvagens que compartilham com eles a esfera doméstica, indicam-nos que estão operando com uma maneira de narrar a história de sua espécie que diminui as distâncias entre eles mesmos e seus íntimos amigos – os animais que sempre lhes dão companhia.

É esta dupla relação, ao mesmo tempo próxima e longínqua, do Ocidente com os selvagens, que o século XVIII vai derrubar. A nova ciência vai reaproximar, em princípio, os selvagens: não menos humanos que nós, e arrastados pela mesma história. Porém, situando-os na origem desta história, de fato ela os distancia infinitamente, abolindo, ao mesmo tempo, tudo o que os diferencia. (CLASTRES, 1983: 195)

A descrição de Hélène Clastres do primitivismo do século XVIII, de como ele (re)elaborou a humanidade, auxilia na reflexão sobre as relações entre humanidade e animalidade no primitivismo do fenômeno *pet*, que glorifica os animais de estimação em sua especificidade – ênfase na pureza dos sentimentos, na sinceridade, na doação de carinho, no companheirismo e na fidelidade –, mas, ao mesmo tempo, transcorrem práticas no sentido de uma humanização dos animais. Isso faz com que se tornem extremamente comuns frases como a de Antônia, que comentava na *Águia Veterinária* sobre seus pais: “pra eles cachorro é cachorro, não como para mim, que é quase como eu”.

1.5 A INGENUIDADE DOS ANIMAIS

Além de pensar como derivação contemporânea do primitivismo do século XVIII e, igualmente, como desenvolvimento de um motivo cristão, a percepção dos donos de animais de estimação de que estes lhes dariam um “amor incondicional” – um puro e gratuito doar-se – pode ser iluminada por debates originados na antropologia da religião, ainda que tal fenômeno não se caracterize propriamente como *religioso*.

A contribuição de Thomas Csordas para a compreensão da origem fenomenológica da religião, abordada de forma muito instigante no texto *Asymptote of*

*the Ineffable*¹⁹, fornece alguns elementos promissores na abordagem das relações afetivas entre donos e seus animais de estimação, as quais são expressas, em sua versão mais idealizada, pelo termo previamente abordado, do “amor incondicional”. Do texto, são utilizados aqui somente as referências e os comentários de Csordas a trabalhos de alguns fenomenólogos da religião, dentre os quais, Rappaport.

Desenvolvendo a tese de que a alteridade é o núcleo fenomenológico da religião, após anunciar que sua tarefa será a procura pelo protótipo da religião, Csordas remete aos argumentos de Rappaport sobre o tema da dependência infantil, chamando a atenção para a “pseudo-infância” evocada em alguns rituais, sugerindo que ela pode ter sua origem ontogenética nas relações pré-verbais das crianças com suas mães. Procurando compreender o estado de graça ou sagrado, Rappaport conceitua “o sagrado” como a união de aspectos discursivos e não discursivos da experiência humana, ou, em seus termos, a união do sagrado e do numinoso.

A comunicação e o comportamento dos animais têm uma ingenuidade, simplicidade, que os humanos perderam. O comportamento humano é corrompido pelo engano, as vezes auto-engano, de propósito e auto-consciente. Como Aldous viu o problema, o homem perdeu a ‘graça’ que os animais ainda têm. (RAPPAPORT, p. 384 *apud* CSORDAS, 2004: 165)

É assim que agora a pseudo-infância e a graça animal são incomensuráveis, uma porque é pré-verbal, e a outra, não-verbal, sendo que para a criança já existe um poderoso outro enquanto para o animal não há. Rappaport salienta que, se houve algo como a perda da graça na evolução humana, ela transcorreu pela evolução da linguagem e a alienação das partes da psique. A emergência da linguagem criou uma ruptura original, uma alteridade profunda.

O mesmo autor chama a atenção para o argumento de Martin Buber de que a origem do diabo está na capacidade dupla dos humanos de mentir, de colocar alternativas, e enfatiza que essas possibilidades são constituídas pela emergência da linguagem. Ao mesmo tempo, ele sugere que “o sagrado é inconcebível na ausência da linguagem”, a qual é única para os humanos, mas igualmente “a linguagem não poderia ter emergido na ausência da religião” – elas são contemporâneas (RAPPAPORT, 1995: 602; 1979: 210 *apud* CSORDAS, 2004: 165). De fato, linguagem e sagrado “emergiram juntos em um processo de formação mútua similar, e em concorrência” (RAPPAPORT, 1999: 418 *apud* CSORDAS, 2004: 165).

¹⁹ Publicado na revista *Current Anthropology* em abril de 2004.

Na abordagem de Rappaport, comentada por Csordas, o sagrado e a linguagem desenvolveram-se em oposição e reversibilidade. Em outras palavras, se a emergência da linguagem introduziu a alteridade na estrutura da existência, houve um segundo nível de alteridade simultaneamente introduzido na estrutura da linguagem, no qual um termo constantemente corrige o outro.

Em termos de adaptação, que Rappaport entende como o processo pelo qual sistemas vivos mantêm a si mesmos em face das perturbações (1999: 408), “a santidade tornou isso possível por associações de organismos para persistir em face das crescentes ameaças colocadas a sua ordenada vida social pela habilidade crescente de seus membros para mentir” (p. 416). “As inumeráveis possibilidades inerentes às palavras e suas combinações são constrangidas, reduzidas e ordenadas pela inquestionável Palavra enunciada pelo cânon aparentemente invariável dos rituais. A santidade ordena uma inconstância que, caso contrário, geraria caos” (p. 418). (CSORDAS, 2004: 165)

Aproximando os dados obtidos em campo a essas elaborações teóricas que relacionam o sagrado à linguagem, imagina-se que os donos de animais de estimação procuram neles um contato com a graça (ingenuidade/simplicidade) perdida com o desenvolvimento deles mesmos como seres humanos. Deseja-se o contato com seres não verbais – sem o elemento torto que é fundamental na existência humana –, pois esses seres seriam, desta maneira, a fonte mais genuína e sincera de afetos.

Pois a inocência, se é a tal ponto prestigiosa, só o é na medida em que aparece como um oásis, como algo de miraculosamente preservado e constantemente ameaçado. (LEIRIS, 2001: 70)

Tendo um animal de estimação em casa, há a garantia de um afeto transbordante que remete os humanos a um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Assim é que, ao mesmo tempo em que se processaria uma “humanização” dos animais de companhia, reconhece-se neles um elemento que inexistente no mundo humano, sendo por isso, principalmente, que se deseja que eles coabitem a intimidade no espaço doméstico. Esse elemento do mundo animal elegido pelos donos que têm animais de companhia é a incondicionalidade do amor, inexistente no “mundo humano”, cheio de fissuras, fraturas, mundo em que há o torto.

A busca é pela entrega total do animal a si. Deseja-se um ser vivo que se mova, que seja dotado de afetos e que não trapaceie. Nesse ponto, ao se procurar a segurança de um “amor incondicional”, que não falha e que é pura entrega, está-se caminhando para a construção de um tropo menos “humano” em meio à família e que tampouco pode ser caracterizado como “animal” no sentido de uma “animalidade” – como manifestação de uma natureza repleta de forças. É a constituição de um tropo da

inocência, da fonte incessante de “afetos sinceros”. O *pet* torna-se, no contexto sociocultural em que foi realizada a investigação, a fonte de um excesso que conecta as pessoas a algo que é vivido como uma espécie de transcendência inscrita no cotidiano.

2 A FAMÍLIA MULTIESPÉCIE

*Família! Família!
Cachorro, gato, galinha
Família! Família!
Vive junto todo dia
Nunca perde essa mania...*

Titãs

Para compreender dimensões fundamentais do fenômeno *pet*, este capítulo aborda os contextos da família e do mercado, nos quais o animal de estimação é constituído. Anteriormente foram comentadas algumas transformações contemporâneas relativas ao estatuto do animal na sociedade, o qual se torna praticamente um membro da família humana em um processo de “filhotização” (INGOLD, 2000) dos animais de estimação integrantes dessa conformação familiar chamada, por Faraco e Seminotti (2006), de “família multiespécie”.²⁰ Ceres Faraco dialoga com uma área do conhecimento desenvolvida nos Estados Unidos chamada *Antrozologia*²¹, marcada por abordagens psicológicas no estudo das relações entre humanos e animais.

No artigo *Sistema social humano-cão a partir da auto-poiese em Maturana*, Faraco e Seminotti discutem uma literatura que procura compreender as relações entre humanos e cães. Citam Cohen (2002) para o qual, nos centros urbanos, os animais de estimação são membros do núcleo familiar e cumprem a função de conforto e companhia; em seguida comentam Bowen (1978), para quem há a “família multiespécie”, um sistema familiar emocional, que

pode ser composto por membros da família estendida, por pessoas sem grau de parentesco e por animais de estimação. O vínculo entre eles é constituído pelas emoções, o que contribui para nossa afirmação de que as relações entre pessoas e cães sejam relações amorosas. (FARACO; SEMINOTTI, 2010: 312)

Referem ainda os autores Beck e Katcher (1996), os quais identificaram que mais de 70% das pessoas, nos Estados Unidos, que convivem com animais em suas casas acreditam que a família pode ser constituída por animais de outra espécie. Digard (1999), por seu turno, fornece as porcentagens relativas às formas pelas quais os

²⁰ “A expressão grupo multiespécie foi introduzida por Faraco e Seminotti (2004) e intenta significar o grupo constituído por pessoas com animais, no seu cotidiano. De forma análoga definimos a família multiespécie como o grupo familiar que se reconhece constituído por pessoas e seus animais”. (FARACO; SEMINOTTI, 2006: 6)

²¹ “Antrozologia é o estudo das relações entre humanos e animais. Antrozologia é única nos estudos do papel dos animais na vida dos humanos e vice-versa. Isso tem sido chamado dentre muitas outras coisas, por ‘interações humano-animais’ e ‘ligação humano-animal’”. (In: <http://www.anthrozoology.org>.)

franceses qualificam suas relações com os cães e com os gatos, como é possível observar no seguinte trecho:

Entre a zoolatria californiana e a zoomania francesa, há uma diferença de grau, mas não de natureza: na França, 52% dos proprietários de cães consideram-no como um membro da família, 15% como um amigo, 20% como uma criança, 13% somente como um animal. Entre os proprietários de gatos, as respostas às mesmas questões dão 38%, 36%, 9% e 17%. O campo científico mesmo não está no abrigo do amálgama homem-animal: o grande sábio holandês Frederik Buytendijk (1887-1974) não conseguiu fazer sobreviver durante muitos anos a noção de “psicologia” animal? (DIGARD, 1999: 181-182)

Para compreender essa transformação do estatuto do animal, Digard assinala a importância de procurar, na evolução da família, uma resposta à questão. No capítulo “*A construção do dono*”, Digard (1999) aborda a evolução da família e a crescente importância dos animais no seu bojo. Para além das suas múltiplas modificações, a família é sempre a base da sociedade francesa. Ainda antes de 1789, teve início uma dessacralização do pai, sendo que, no século XIX, o liberalismo burguês concedeu ao pai um direito de propriedade. Perdendo poder, os pais preocuparam-se mais com a autoridade que a afeição, delegada às mães, o que agravou mais o problema.

No século XX, a ausência dos pais, em consequência da I e II Guerras Mundiais, favoreceu a tomada de responsabilidade das mulheres e a emergência crescente da adolescência na esfera familiar. Digard cita Évelyne Sullerot, para quem houve duas décadas de “apagamento dos pais”, entre 1965 e 1985: “este é mais ou menos o período do crescimento em poder do fenómeno animal de companhia na França” (1999: 140). Nesse contexto de transformações, a nova imagem da mulher que resulta contribuiu para o “crepúsculo dos pais”. Digard comenta ainda os laços entre o movimento feminista e o movimento protecionista dos animais no século XIX e a criação, em 1892, por Marguerite Duron, de um cemitério para os animais de Asnières.

Segundo o autor, há uma relação muito próxima entre o fenómeno animal de companhia e as atitudes de maternagem, ambos sinais de uma “feminização” da sociedade francesa. Com as profundas modificações nas famílias francesas, que se tornaram bem menos sólidas que outrora, o animal de companhia transformou-se no único elemento realmente estável nessas “famílias incertas”, sempre presente quando precisa-se dele.

Com a obra *O homem e o mundo natural*, de Keith Thomas, tem-se uma perspectiva histórica das relações entre humanos e animais que remete a outra temporalidade na qual animais e humanos coabitaram um mesmo espaço doméstico.

Thomas aborda as relações entre humanos e animais na Inglaterra do século XVII, mostrando que os ingleses vangloriavam-se por manter a criação doméstica à distância das suas casas; já, no País de Gales, havia a crença de que as vacas dariam leite melhor se pudessem ver o fogo e dizia-se, em 1682, que “toda moradia” era uma “Arca de Noé”, em que vacas, porcos e galinhas se deitavam junto com famílias humanas, de modo promíscuo (THOMAS, 1996: 113). Nos séculos XVI e XVII, havia a chamada ‘casa ampla’, que era uma combinação de casa e cocheira, em que homens e gado dormiam sob o mesmo teto, em geral separados por um muro baixo ou um corredor transversal.

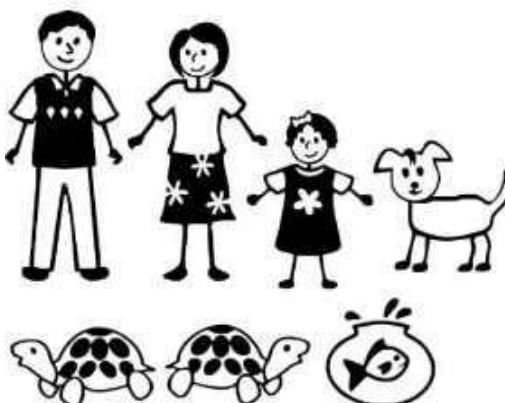
Em uma reportagem intitulada *Família multiespécie é tendência mundial*, concedida ao *Diário do Nordeste*²², a médica veterinária Ceres Faraco comentava que há uma tendência crescente no mundo e no Brasil, onde 60% dos lares têm moradores pessoas e animais de companhia, especialmente cães.

Não é à toa que estudiosos revêem o conceito de família. Se, antes o principal critério eram os laços de sangue, formando o modelo tradicional de pai, mãe e filhos, hoje, são os laços afetivos que unem pais, filhos e *pets*. A presidente da Associação Médico-Veterinária Brasileira de Bem-Estar Animal, Ceres Berger Faraco, também doutora em Psicologia, afirma que é impossível pensar em família atualmente sem considerar a interação humano-animal. É a chamada família multiespécie.

Como visto anteriormente, Faraco e Seminotti, sugerem uma nova maneira para falar de família, procurando incluir os animais de companhia como membros da conformação familiar. São essas as maneiras de viver a família na contemporaneidade, que são expressas pelos adesivos, cada vez mais presentes nos automóveis brasileiros, da “Família Feliz”, nos quais são representados os membros da família com desenhos, como se pode observar nos exemplos abaixo, retirados da internet.

²² In: goo.gl/KkEAG

Figura 1 - Adesivo “Família Feliz” composta por humanos e animais de estimação, retratando uma *família multiespécie*.



Fonte: *Blog Wagner Marins*²³.

Figura 2 - Adesivo “Família Feliz”



Fonte: *Mídia @ Mais*²⁴.

Figura 3 – Adesivo “Família Feliz”



Fonte: *Mundo das Tribos*²⁵.

²³ In: goo.gl/GYD2F

²⁴ In: goo.gl/Ys5QS

²⁵ In: goo.gl/o1yTC

O médico-veterinário torna-se médico desta família composta por humanos e animais. Primeiramente restrito à atuação como sanitarista (CONY, 2010)²⁶, o veterinário foi transformando-se, com o passar do século XX, em um profissional de medicina veterinária. O termo “médico-veterinário” é utilizado, portanto, para designar o profissional que realiza clínica médica de animais, o que o diferencia da profissão veterinária clássica muito vinculada à atuação como sanitarista, evitando a disseminação de doenças, caso surgissem, e procurando evitar seu surgimento. Segundo Huldo Cony, veterinário gaúcho pioneiro e membro da Academia Rio-Grandense de Medicina Veterinária, o ensino da medicina e o da clínica, no início da formação de veterinários, era muito pouco enfatizado.

Se no início a veterinária limitava-se, quase exclusivamente, ao exercício do sanitarismo, por ser essa a especialidade mais apropriada para os tempos de então, seu exercício agora se amplia derivando, cada vez mais, rumo ao da medicina. Novo norte que oferece mercado de trabalho mais amplo, especialmente às novas gerações, que enveredam para a prática liberal da profissão, seja por considerá-la mais rendosa; seja por não conseguirem emprego. Com isso, as clínicas veterinárias que funcionam à semelhança das clínicas humanas proliferam. E, prescindindo dos métodos de exploração clínica mais adequados à prática veterinária, preferem valer-se dos exames especiais, de uma forma mais utilizada pela medicina humana. (CONY, 2010: 11)

Com o desenvolvimento do século XXI, o médico-veterinário passa a atuar como médico da família, nova condição reforçada recentemente pelo Governo Federal que aprovou a entrada do veterinário como “Veterinário da Família” nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. No editorial da revista *Clínica Veterinária*, (Ano XVI, n. 95, novembro/dezembro, 2011), escrito por Arthur de Vasconcelos Paes Barreto, lê-se que

Em 21 de outubro de 2011, o Ministério da Saúde assinou a portaria n. 2.488, que foi publicada no *Diário da União*, aprovando a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Entre as informações presentes no documento encontram-se as profissões que passaram a integrar os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), (...) dentre as quais a medicina veterinária. “*Veterinário da família. Eu acredito! Abrigos vazios, lares completos, saúde para toda família e muita paz! Feliz Natal!*”

²⁶ “O ensino da medicina, ou seja, da “arte de diagnosticar e tratar as doenças com o propósito de curá-las”, assim como o da clínica, que consiste no exercício da medicina ao pé do doente, era menos enfatizado. Nem haveria condições para ser diferente, considerando que os primeiros docentes do curso eram sanitaristas de diversas profissões: veterinários, médicos, farmacêuticos; até um taxidermista, que nem sanitarista era, participou de um dos seus primeiros corpos docentes...” (CONY, 2010: 2)

Figura 4 - Painel utilizado pela revista Clínica Veterinária entre os dias 18 e 20 de outubro na feira *Pet South America 2011* para destacar a importância do médico veterinário na saúde da família.



Fonte: *Clinica Veterinaria 95*²⁷.

Figura 5 - Imagem de publicidade do site do laboratório *Homeo Pet – Homeopatia para pequenos animais*. Temos retratada uma família composta por pai, mãe, filha e um cão, acompanhada de um médico veterinário.



Fonte: *Blog Homeopet*²⁸

Esse fenômeno da entrada do médico-veterinário como médico da família entrelaça a esfera íntima à esfera pública, a qual criou também a *Secretaria dos Direitos Animais* em Porto Alegre, cujo objetivo é estabelecer e executar políticas públicas destinadas à saúde, proteção, defesa e bem-estar animal. Outro cruzamento da esfera pública com a vida íntima é o relacionamento entre o mercado *pet* e a “família multiespécie”.

²⁷ In: goo.gl/cvXpQ

²⁸ In: goo.gl/ONMIV

2.1 A ECONOMIA E O ÍNTIMO NA *FAMÍLIA MULTIESPÉCIE*

A retribuição à incondicionalidade do amor doada pelos animais de estimação aos membros humanos da família é efetuada por meio dos cuidados cada vez mais sofisticados voltados aos *pets*. Nesse sentido, pode-se pensar que, de forma um tanto quanto paradoxal, quanto maior é o amor incondicional doado pelos *pets* aos humanos da casa – a incondicionalidade deve-se justamente ao doar sem esperar algo em troca, sendo assim um ato puro de doação e de entrega –, mais se expandem os negócios do mercado voltado para eles. Por mais que os donos entendam receber de seus animais uma doação de afeto gratuita, comentando seguidamente o caráter incondicional do amor recebido deles, não são poucas as tentativas de agradá-los.

No artigo *Intimité et Économie*, Viviana Zelizer (2005) descreve e analisa uma tradição de pensamento solidificada que instaura “esferas separadas” e “mundos hostis”. Nesta concepção, há uma diferença radical entre as relações íntimas e as transações econômicas: de um lado, tem-se a esfera da afetividade e da solidariedade, de outro, uma esfera do cálculo. Deixadas livres, cada uma dessas esferas funcionariam de maneira mais ou menos automática e satisfatória. Existe ainda a ideia de que essas duas esferas são hostis uma em relação à outra, e, sendo assim, todo contato entre elas torna-se uma fonte de poluição moral. Os atores sociais costumam usar essa linguagem, sustentando que a introdução do cálculo econômico na esfera de suas relações íntimas os corromperá. A versão normativa da concepção de mundos hostis constrói sólidas fronteiras morais entre o mercado e os domínios da intimidade.

Críticos irritados com o dualismo dos “mundos hostis” opuseram-lhe argumentos reducionistas do “tudo ou nada”. Segundo eles, o mundo aparentemente distinto da intimidade não é nada mais que a realização particular de um princípio mais geral. Há o “tudo racional”, o “tudo cultural” e o “tudo político”. O reducionismo econômico, para o qual a amizade, a sexualidade e as relações entre pais e filhos são nada mais que a realização de cálculos individuais de vantagens em situação de contrato, é o mais acabado; é o reducionismo que mais colocou em questão as “esferas separadas”. A autora comenta também os reducionismos cultural e político.

Para Zelizer, as abordagens “tudo ou nada” são melhores do que as de esferas separadas, porque sublinham o fato de que as atividades econômicas, o poder e a cultura têm papel significativo nas relações íntimas. Mostram que relações íntimas, por

exemplo, podem também colocar problemas de dominação. Porém, qualquer uma das soluções dadas não fornece uma explicação plausível para a diversidade de combinações observáveis entre transações econômicas e relações íntimas. Como essas interferências se negociam na vida cotidiana?

A proposta de Zelizer é por uma terceira via – a análise dos cruzamentos. Qualquer que seja a situação, as pessoas estabelecem distinções fortes entre diversos tipos de relações interpessoais, nomeando-as diferentemente ou associando-as a símbolos, práticas e meios de troca distintos. Praticamente todo contexto social apresenta uma mistura desses gêneros, e frequentemente as pessoas reconhecem indiretamente a existência desses cruzamentos e acabam adotando práticas (formas de pagamento, hábitos de divisão de trabalho) que correspondem à ideia que eles fazem de sua relação. Realizam grandes esforços para fixar limites, principalmente, em relações que misturam a ordem econômica à intimidade.

Seguindo a discussão de Viviana Zelizer acerca da relação de cruzamento das relações íntimas com relações econômicas, procuro abordar aqui o investimento econômico em animais domésticos das famílias que possuem cães e gatos como moradores da casa.

A relação de intimidade nas famílias entre humanos e animais de estimação é marcada, conforme visto anteriormente, por troca de afetos intensa. E não menos forte é o crescente investimento econômico nesses animais, como indicam os dados divulgados em uma reportagem do jornal *Diário do Nordeste*, que contém informações sobre o mercado *pet*. Uma pesquisa da *Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos para Animais de Estimação* (Anfalpet) aponta que o Brasil movimenta, por ano, cerca de R\$ 6,5 bilhões no mercado *pet*, nos itens alimentos, medicamentos e vacinação dos bichos.

A presença crescente dos animais junto com as famílias tem impacto direto na economia. O item que mais faturou foi o de alimentação balanceada para cães e gatos, no total de R\$ 6,2 bilhões. A previsão de crescimento anual do mercado *pet* é de 3% a 4%. Dados do *Radar Pet 2009*, encomendada pela Comissão de Animais de Companhia (Comac), do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), a população de animais nas classes A, B e C nas principais capitais brasileiras soma 25 milhões de cães e 7 milhões de gatos. O cachorro é o animal de estimação preferido (79%). Os gatos ficam em segundo (10%). (“*Família multiespécie é tendência mundial*”. *Diário do Nordeste*²⁹).

E assim os animais de estimação acabam entrando no orçamento doméstico das “famílias multiespécie”. Para além das profundas relações de afetos interespecíficas,

²⁹ In: goo.gl/KkEAG

estabelecidas nessa configuração familiar contemporânea, a economia também é parte essencial do vínculo.

Independente da faixa etária ou situação financeira, eles estão cada vez mais presentes no ambiente e orçamento familiar. “O que faz as pessoas gastarem é, realmente, a paixão pelos animais e as novidades que esse mercado oferece”, garante a gerente da *Clínica Veterinária São Francisco Pet*, Aucirleide Pinho. Segundo ela, o consumidor não tem um perfil padrão, apenas são pessoas apaixonadas por animais. (RODRIGUES, Mara)³⁰

Nicolas Journet, no artigo *L'argent en famille*, publicado na revista *Terrain* nº 45, em setembro de 2005, lembra que o dinheiro é um meio de troca cujo poder de dissolver as relações afetivas e pessoais é frequentemente sublinhado. Porém, o autor refere que a circulação de ajudas, de pensões, de patrimônios e de heranças não são governadas por jogos de livre interesse, mas por normas de confiança, de proximidade, de solicitude e também por sentimentos de dever e de culpabilidade. Encerra o artigo argumentando, com base em Viviana Zelizer, que, entre pais e filhos, entre irmãos e primos, entre casais unidos ou separados, o dinheiro é somente um meio pelo qual numerosos bens, serviços, afetos e disposições mútuas compõem a união. É assim que, como sugere Zelizer, o dinheiro não é o objeto mais precioso das trocas entre próximos; ele vem depois da confidencialidade, depois do compartilhamento de riscos, que constituem os jogos próprios da intimidade.

Com Journet e Zelizer, pode-se pensar que o dinheiro é um dos componentes fundamentais da relação entre donos e animais de companhia, sendo, assim, o meio que permite a manutenção de uma espécie de “estilo de vida humanizado” dos *pets*. Os gastos com animais de companhia aumentam significativamente no Brasil a cada ano, e, dessa maneira, os animais de companhia transformam-se em sujeitos do mercado *pet*³¹.

³⁰ In: goo.gl/rrgpT

³¹ O mercado *pet* brasileiro é o segundo maior do mundo, somente posicionado atrás do norte-americano.

Figura 6 – Estatísticas sobre animais de estimação no Brasil e no mundo.

Mundo cão

Os bichos de estimação no Brasil e no exterior

NO MUNDO

Só os Estados Unidos têm mais animais de estimação que o Brasil

Número de cães de estimação

EUA	61.080.000
Brasil	34.351.000
China	22.908.000
Japão	9.600.000
Rússia	9.600.000

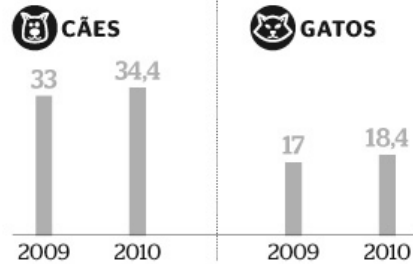
BRASIL - ECONOMIA

- O mercado de animais de estimação movimentou em 2010 R\$ 11 bilhões e empregou 500 mil pessoas
- Consumo anual de mais de 2,5 milhões de toneladas de ração: 2,1 milhões para cães e 400.000 toneladas para gatos
- Existem cerca de 50.000 pet shops no país
- Comprar e manter um cachorro de médio porte em São Paulo chega a custar, ao longo de dez anos, R\$ 67.175

NO BRASIL

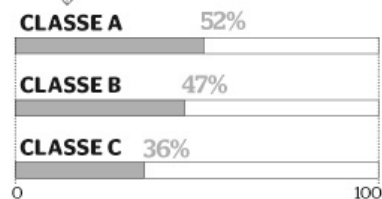
Há um cão para cada 6 brasileiros

Em milhões



BRASIL - CLASSE SOCIAL

44% dos lares das classes A, B e C têm algum animal



Fontes: Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos para Animais de Estimação (Anfalpet); Comissão de Animais de Companhia (Comac)

Fonte: Revista Época. (R. Turrer, H. Maia Junior e M. Moura)³²

Alimentos são produzidos especialmente para animais de estimação, os tipos de rações multiplicam-se em versões cada vez mais complexas no mercado; roupas, até mesmo de luxo, são confeccionadas para os *pets*; serviços de higiene, de estética e de bem-estar, inclusive medicamentos, são produzidos e oferecidos para os consumidores desse mercado emergente e em expansão.

As rações são o produto mais importante do mercado *pet*, e a produção de alimentos completos para cães e gatos cresceu 7% em 2010, registrando pouco mais de dois milhões de toneladas, conforme uma notícia veiculada no endereço eletrônico do *Sindicato Nacional da Indústria da Alimentação Animal* (www.sindiracoes.org.br), que indica a dinâmica própria à produção de rações para os *pets*. Segundo a reportagem, haveria uma grande capacidade instalada, no Brasil, para produção, porém, “apenas 45% da população de cães e gatos no país alimenta-se do produto industrializado”.

³² In: goo.gl/1Zoyg

Argumentam que talvez isso se deva à grande carga tributária que onera os produtos, beirando os 50%, prejudicando o acesso de milhões de compradores à linha de consumo. Para concluir, lembram que o aumento mais contido da inclusão dos consumidores na classe média leva o *Sindirações* a estimar um crescimento de 2% e uma produção de 2,12 milhões de toneladas de alimentos para cães e gatos em 2011.

É importante perceber que tais informações e comentários sobre a alimentação dos animais de estimação não são unívocas no interior do universo *pet*, pois sua fonte é o *Sindicato da Indústria da Alimentação Animal*. Dentro do universo *pet*, há atores que, diferentemente do *Sindirações*, defendem a alimentação natural – e inclusive vegetariana – para os animais de estimação. O site *Cachorro Verde*, criado pela veterinária Sylvia Angélico, é um dos principais locais brasileiros de difusão de informações sobre dieta com alimentos naturais e crus para os animais de estimação, opondo-se à dieta industrialmente processada.

Figura 7 – Divulgação do site *Cachorro Verde*, criado pela veterinária Sylvia Angélico.



Fonte: Revista *Show TV!*, que acompanha o jornal *Agora* (SP), 27 de ago. de 2011³³.

³³ In: goo.gl/BQdqK

Os donos investem também no vestuário de seus animais de companhia e em uma série de serviços para promoção de bem-estar, incluindo medicamentos. Em uma reportagem do *Diário do Grande ABC*, intitulada *Gastos com animais de estimação são incorporados ao orçamento doméstico*, há o relato de alguns donos de *pets* que nos ajudam a perceber como ocorre esse processo da entrada dos gastos com os animais de estimação no orçamento da casa. Abaixo, o excerto de um dos relatos contidos na reportagem.

Os cuidados não se resumem apenas à alimentação: passam pelo banho, tosa, atenção com saúde e pelos agrados extras, como roupas e sapatos. A veterinária Camila Varella Galastri, 25 anos, admite que gasta mais com seus animais de estimação por mês do que com ela mesma. "Cuido dos meus cães como se fossem filhos. Não tenho o que negar para eles", conta. Dona de cinco York Shires e um Maltês, Camila gasta cerca de R\$ 1,3 mil por mês com seus bichinhos. Segundo ela, não pode faltar banho uma vez por semana, tosa higiênica a cada 20 dias, bifinhos e ossinhos, passeio terceirizado todos os dias, sapatinhos para dias de chuva e brinquedos. Dentre os mimos, há alguns curiosos, como florais de Bach (para combater medo e agitação) e clareamento e hidratação de pêlos. (LOPES, Carolina)³⁴

Ve-se que a dona dos animais de companhia investe uma parcela importante de seus ganhos para assegurar uma qualidade de vida elevada para seus *pets*, tratados como filhos. Tais gastos são, segundo Camila, mais significativos que os investimentos em cuidados com ela mesma, o que deixa transparecer uma qualidade de relação sacrificial, típica das *paixões ordinárias*, conforme concebidas por Bromberger (1998). Ao acompanhar Zelizer, imaginando o íntimo e a economia como duas esferas entrelaçadas, constata-se que, quanto maior é a paixão pelos animais de companhia – quanto mais intensa a *paixão animalitária* –, mais elevado é o investimento econômico a eles destinado.

O mercado *pet* constitui-se a partir da transformação dos animais de companhia nos consumidores para quem é fabricada uma grande variedade de produtos. Nesse processo, a eles não são mais reservados os restos de produtos dos humanos – comidas, roupas e medicamentos. Os produtos são fabricados para os próprios *pets*, que acabam sendo erigidos como sujeitos de um mercado específico, os sujeitos consumidores do mercado *pet*.

Segundo o *Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal* (SINDAN), o mercado de produção de produtos de saúde para animais de companhia “está aquecido”, e os últimos anos foram de crescimento, sendo que o seu potencial ainda é grande, posto que há muitas pessoas que ainda utilizam produtos para humanos

³⁴ In: goo.gl/KTFNk

nos *pets*. Em 2007, ao todo, a indústria de produtos para saúde animal de *pets* movimentou em torno de R\$ 285 milhões, e estima-se que tenham sido comercializados mais de 50 milhões de doses quando somadas todas as categorias de medicamentos.³⁵ Conforme o SINDAM, estima-se que cerca de 80% dos médicos-veterinários brasileiros ainda utilizam medicamentos para saúde humana em animais por desconhecer as soluções já desenvolvidas pela indústria; estima-se também que apenas 25% da população brasileira de cães e gatos recebem algum cuidado veterinário (dados fornecidos pela COMAC – *Comissão Animais de Companhia*).

Estes dados apontam para o potencial deste setor, especialmente quando os números são comparados com mercados de outros países e com base na perspectiva de aumento do total de animais no País. Atualmente, o mercado *pet* passa por um processo de amadurecimento e consolidação, que começa a criar as condições necessárias para sua profissionalização. A indústria de produtos para animais de estimação, de fato, registrou expansão meteórica nos anos 1990 com taxas superiores a 20% ao ano, graças à estabilização da economia. Acredita-se que o atual crescimento nominal do mercado, especialmente no segmento de saúde animal, situa-se no momento abaixo de 10% ao ano. (COMAC. “Informações de Mercado”)³⁶

Essa reportagem acerca do mercado direcionado à saúde animal traz informações apontando para o consumo ainda elevado de produtos voltados para a saúde humana pelos os animais de companhia. Chama a atenção que a própria prescrição desses medicamentos, conforme os dados da COMAC, é realizada pelos médicos-veterinários, o que leva os analistas desse mercado a visualizar uma grande potencialidade de crescimento desse setor.

De tais leituras do COMAC acerca do mercado voltado para a saúde animal, percebe-se que há uma tensão gerada na formação do mercado *pet*, o qual constitui sua autonomia a partir de um afastamento do mercado voltado para humanos. No próximo capítulo, será explorada a constituição da medicina veterinária, com todos seus conhecimentos e técnicas, como processos de tradução da medicina humana para a veterinária, refletindo-se sobre as implicações que surgem a partir de tais movimentos.

³⁵ In: goo.gl/3Xeq1

³⁶ In: goo.gl/3Xeq1

2.2. LOJAS AGROPECUÁRIAS, *PET SHOPS* E HOSPITAIS VETERINÁRIOS EM PORTO ALEGRE

As *pet shops*, importantes espaços que compõem o atual mercado *pet*, encontram nas “lojas agropecuárias” uma de suas origens. Nestas, realiza-se o comércio de animais, de rações e de produtos para animais de estimação, com especial ênfase na comercialização de medicamentos.

Em conversa com a senhora Beatriz, dona de uma “loja agropecuária” localizada no bairro Cidade Baixa, quando lhe perguntei sobre as diferenças entre uma *pet shop* e uma loja agropecuária, afirmava-me que nestas as rações são vendidas a granel, enquanto me apontava para as “sacarias”, onde são armazenadas as rações, e que, segundo ela, não são encontradas em *pet shops*. Dizia-me ainda para observar que, em uma “agropecuária”, há gaiolas com animais, diferentemente de uma *pet shop*, onde elas inexistem. Outra dessemelhança é a venda, nas “lojas agropecuárias”, de venenos para pequenos bichos, tais como, as lesmas, enquanto em uma *pet shop* jamais se encontraria isso.

Dessa maneira, Beatriz elencou elementos importantes que diferenciam os dois tipos de estabelecimento: um, tem forte cheiro de rações, pois são vendidas porções a quilo, e também ouvimos intensos e constantes ruídos produzidos pelos pássaros aprisionados nas pequenas gaiolas, dispostas de forma pouco calculada nos cantos e em meio ao espaço da loja.

Beatriz dizia-me ainda que sua loja é “rústica”, sendo essa outra característica das “agropecuárias” em relação às *pet shops*, as quais seriam “lojas de grife”: a organização dos produtos nelas não é “assim”, caótica. Lá, tudo é muito cuidado, as rações são individualizadas, há roupas para os animais, há serviços de banho e de tosa, bem como, há sempre serviço de atendimento veterinário. Há produtos caros nas “lojas de grife”, enquanto nas “agropecuárias” não há; até mesmo, pode ser que se encontre um produto “aqui” idêntico ao “da loja *Mundo Animal*, do Moinhos de Vento”, mas há quem prefere ir lá “pra dizer que foi na *Mundo Animal*...”

Procurando compreender as diferenças entre “lojas agropecuárias” e *pet shops*, conversei também com uma senhora que trabalha em uma clínica veterinária localizada na Cidade Baixa, bem próxima ao estabelecimento de Beatriz, e que possui nos seus fundos o serviço de banho e tosa para animais de estimação.

A médica veterinária do local, que gentilmente conversou comigo em uma calorosa manhã de janeiro, dizia-me que as “lojas agropecuárias” são do “povão”; são para aquelas pessoas que não têm dinheiro e que se dirigem a essas lojas para comprar remédios a fim de salvar a vida de seus animais. Segundo ela, inexistente atendimento veterinário efetivo nas “agropecuárias”, e a utilização dos remédios comprados nesses locais, muitas vezes, somente piora o estado do animal. Depois de tentarem medicar, sem prescrição médica, os donos procuram os médicos-veterinários, só que seus animais já estão muito mal, pois, além da doença, passaram pelo uso equivocado das medicações – “é como nas farmácias que deveriam ter farmacêutico, mas... sabemos como é, não é?”

No trabalho de Samantha Oliveira (2006), não se encontra a diferenciação de *pet shops* e de “lojas agropecuárias”, mas daquelas em relação às “casas de rações”. A autora elege três elementos como sendo específicos das primeiras – a sala de banho e tosa, o consultório veterinário e a hospedagem.

Um bom lugar para se pensar o modo como as pessoas percebem, lidam e compram animais de estimação, assim como seus produtos, é a *Pet Shop*. *Pet Shop* é toda loja destinada à venda de produtos para animais de estimação que contenha artigos e serviços além de rações. Em uma *Pet Shop* comumente encontram-se alimentos para os animais (rações), mercadorias como brinquedos, roupas, camas, petiscos, escovas, xampus e condicionadores para pêlos, entre outros. O que diferencia uma *Pet Shop* de uma “casa de rações”, por exemplo, é a oferta de serviços para animais de estimação, além das mercadorias. Esses serviços são geralmente relacionados à saúde e ao bem-estar dos animais. O principal serviço que caracteriza uma loja de animais como *Pet Shop* é o “banho e tosa”. (OLIVEIRA, 2006: 57)

Mesmo que as conversas com pessoas que integram o “universo *pet*” estabeleçam uma diferença acentuada entre as *pet shops* e as “lojas agropecuárias”, constato que há um processo mais complexo em curso, pois há “lojas agropecuárias” que estão passando por uma transição no sentido de tornarem-se *pet shops*, oferecendo serviços típicos desses espaços e, também, vendendo seus produtos característicos. Por fim, há “agropecuárias” que são simultaneamente *pet shops*, imiscuindo serviços e produtos próprios de um e de outro tipo de estabelecimento comercial.

A maior complexidade na relação entre as *pet shops* e as “lojas agropecuárias” pode ser verificada inclusive pelos nomes compostos das seguintes casas comerciais que encontrei em uma busca virtual: *Pet Star Shop Agropecuária Limitada*; *Honjo Agropecuária & Honjo PetShop*; *Agrosolo Bauru Agropecuária e PetShop*;

Agropecuária e Pet Shop Cantinho Animal II; Agropecuária e Pet Shop Planeta Animal.

Em Porto Alegre, o surgimento de *pet shops* teve início na década de 1990. A loja *Mundo Animal* anuncia-se como a pioneira desse ramo na capital e, como é possível conferir abaixo, no histórico da loja publicado no seu site, é atribuída importância muito grande a influências norte-americanas para a concepção do empreendimento:

O *Mundo Animal* é uma empresa diferente. Diferente porque, apesar de ser uma empresa de sucesso, é antes de tudo a realização de um sonho. O sonho de dois irmãos, Marione e Roberto Pinheiro, que sempre gostaram muito de animais.

Esta história de sucesso começou no início da década de 90, quando a jornalista Marione foi estudar nos EUA. Lá, ela acabou indo trabalhar justamente em uma *pet shop* e em um hospital veterinário, onde se maravilhou com o tratamento dispensado a clientes e pacientes.

De volta ao Brasil, em 1992, chamou o irmão e juntos fundaram o *Mundo Animal* com o firme propósito de oferecer aos *pets* porto-alegrenses um atendimento de primeiro mundo. Com a ajuda de colaboradores leais, alguns na empresa desde sua fundação, eles comandam hoje uma empresa que é sinônimo de variedade de produtos, qualidade de atendimento e valorização dos animais.

O *Mundo Animal* é o mais tradicional centro de cuidados animais de Porto Alegre. Desde 1992, a empresa oferece à capital gaúcha os serviços de Clínica e Estética Veterinária, além da *pet shop*, que está entre as mais qualificadas e variadas do País.

Esta história, construída sobre princípios éticos rígidos e muito amor pelos animais, se traduz hoje em uma ampla sede, dezenas de funcionários e milhares de clientes fiéis³⁷.

Além do hospital veterinário *Mundo Animal*, que está em inauguração, há outros dois hospitais em Porto Alegre, o *Hospital de Clínicas Veterinárias* da UFRGS³⁸ e o *Hospital Veterinário Lorenzoni*, localizado no bairro Menino Deus, na mesma quadra da *Liga Homeopática*, que realiza atendimentos tanto para humanos como também para animais. Tais estabelecimentos localizam-se no mesmo lado da Getúlio Vargas, sendo que há, do outro lado da mesma rua, praticamente em frente ao *Hospital* e à *Liga*, uma “loja agropecuária” e uma *pet shop*, conformando, assim, um ponto de aglomeração comercialização de produtos e de serviços para animais de estimação.

Na apresentação do *Hospital Veterinário Lorenzoni*, em seu site³⁹, definem-se como uma empresa voltada para serviços e produtos para a saúde e o bem-estar de pequenos animais. Teve início em 1953, quando o médico-veterinário Rheno Lorenzoni, um dos primeiros veterinários formados no Rio Grande do Sul, fundou o hospital que

³⁷ In: <http://www.mundoanimal.com.br/historico>.

³⁸ “O *Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS* (...) é sem dúvida o local de maior casuística do Rio Grande do Sul e uma das maiores da América Latina, com aproximadamente 20.000 atendimentos por ano, entre a clínica de pequenos e de grandes animais. O HCV foi inaugurado no dia 14 de maio de 1956. Como um órgão auxiliar da Faculdade, serve de apoio às aulas práticas de pequenos e de grandes animais, oferece estágios curriculares a estudantes de graduação, participa de atividades de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação, além de prestar serviços médico-veterinários à comunidade em geral.” (In: goo.gl/GpWFH)

³⁹ In: <http://www.hospitallorenzoni.com.br>.

atendia animais de todos os portes. No começo, o hospital dividia espaço com a residência do proprietário, pois o consultório era no porão da casa. Crescendo continuamente, acompanhando a expansão do bairro Menino Deus e também do número de animais de estimação, em 1975, o hospital passou por uma grande reforma, de modo que seu prédio atual foi completamente planejado para abrigar um hospital veterinário.

No ano de 1976, Onyx Lorenzoni, filho de Rheno, recém-formado em medicina veterinária, promove muitas mudanças administrativas no sentido de uma maior racionalização dos serviços. Seguindo as tendências e as demandas do mercado, o Hospital Veterinário Lorenzoni voltou-se inteiramente para o atendimento de pequenos animais. A partir de 2000, o Hospital passou a ter dois médicos-veterinários, que são da terceira geração de veterinários da família Lorenzoni, como responsáveis pela condução do estabelecimento. “O Hospital conta com capacidade para abrigar 60 pacientes, em canis e gatis dentro das normas estabelecidas pelos órgãos regulamentadores, contando com canil acústico e climatizado”.⁴⁰

Observa-se uma história familiar que é fundamental para a existência do *Hospital Veterinário Lorenzoni*; surgido no porão da residência de Rheno Lorenzoni e passando, em 1975, por uma grande expansão, atualmente o hospital conta com a atuação de uma terceira geração da família Lorenzoni. No texto que foi exposto mais acima sobre a história da *pet shop Mundo Animal*, lê-se que o empreendimento nasce também a partir de uma relação familiar, afinal foram os irmãos Marione e Roberto Pinheiro que o fundaram.

2.3. A ÁGUIA VETERINÁRIA E PET SHOP

Semelhantemente à *Mundo Animal* e ao *Hospital Lorenzoni*, a *pet shop* e clínica veterinária na qual realizei o trabalho de campo, por meio de observação participante na sua sala de espera, foi fundada por dois irmãos.

A Águia Veterinária e Pet Shop é uma empresa familiar fundada em 1999 com o objetivo de não apenas ser mais uma empresa de produtos e serviços para animais, mas sim, ter capacidade e competência de se firmar no mercado de Porto Alegre como uma das principais lojas do ramo. Com o passar dos anos, a *Águia Veterinária e Pet Shop* foi se consolidando, principalmente, pelo seu bom atendimento e qualidade nos produtos e serviços oferecidos.

⁴⁰ In: <http://www.hospitallorenzoni.com.br>

Hoje, temos orgulho em poder dizer que a *Águia Veterinária e Pet Shop* é uma das melhores empresas em seu segmento, graças, principalmente, ao respeito e fidelidade que conquistou ao longo dos anos por parte dos seus clientes, clientes estes, que nos fazem ter a motivação necessária para trabalharmos cada vez mais em busca da perfeição em todos os serviços e produtos que comercializamos no ramo de *pet service*⁴¹.

A fachada do prédio é composta por dois tons de verde, um mais escuro e outro mais claro. Uma águia estilizada vestindo “roupa de médico” é utilizada como logotipo da loja. As vitrines mostram, para os transeuntes, um pouco do que pode ser encontrado no seu interior: casas para gatos e para cachorros, camas de tecido para acomodar os *pets* e animais de pelúcia, os quais ajudam a compor um cenário de infância. Para além de tais objetos, em uma das vitrines, são expostos os animais que estão à venda. Gatos e cães são os animais que mais comumente são vendidos, mas, às vezes, são também expostos para venda alguns animais exóticos.

Figura 8 – Fotografia da fachada da *Águia Veterinária e Pet Shop* da Protásio Alves.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

A porta envidraçada é aberta pelo funcionário que recepciona as pessoas que chegam ao estabelecimento. No interior da *pet shop*, entramos em contato com um mundo de produtos para animais de estimação que compõem a loja. As mercadorias voltadas para a alimentação vão desde uma riquíssima variedade de rações, passando por petiscos até chocolates e sorvetes, especialmente fabricados para *pets*. Além dos alimentos para gatos e cães, há também rações para répteis, aves, roedores e peixes.

⁴¹ In: <http://www.aguiaveterinaria.com.br/empresa>

Figura 9 – Fotografia da vitrine da *Veterinária e Pet Shop* da Protásio Alves.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Seria extremamente instigante entrar com muita atenção no mundo das rações, descrevendo os inúmeros tipos que enriquecem as lojas voltadas para os *pets*. Há algumas que são elaboradas para raças, tanto de cães quanto de gatos, e são subdivididas conforme o porte – pequenas, médias e grandes; outras são específicas para determinadas idades dos animais. Há também aquelas que são formuladas para animais com problemas específicos de saúde, tais como, obesidade ou diabetes; e existem rações criadas para animais cujo estilo de vida é de “baixo nível de atividade”, sendo, para tal, constituídas com reduzidas calorías. Um estudo metuculoso da rica tipologia de rações poderia auxiliar na compreensão das traduções que estão em curso de conhecimentos humanos para os animais de estimação.

Figura 10 – Fotografia das rações à venda na *Águia Veterinária e Pet Shop*.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

As mercadorias voltadas para a higiene e o embelezamento de cães e gatos são, à semelhança daquelas produzidas para a alimentação dos *pets*, extremamente variadas. Há xampus, condicionadores, escova dental, creme dental, antisséptico bucal, sabonetes, perfumes, produtos específicos para higienização dos ouvidos dos cães. Algumas marcas conceituadas no mercado de produtos para humanos lançaram a sua “linha *pet*”, como é o caso da Granado, cujos xampu e condicionador, na loja da *Águia*, custam, respectivamente, 22 e 24 reais. Há vários funcionários que trabalham no ambiente da loja.

Figura 11 – Fotografia do interior da loja.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Nas primeiras vezes em que visitei as *pet shops*, ficava surpreendida ao ver produtos, que encontro em farmácias e mercados para consumo humano, em versões especialmente elaboradas para cães e para gatos. Nunca poderia imaginar que a indústria para animais de estimação estava nesse estado, principalmente porque os cães que tive, e ainda tenho, recebem praticamente nada desse mundo de mercadorias com o qual havia começado a entrar em contato.

No início, portanto, estranhei muito esse universo de mercadorias *pet* e, aos poucos, fui acostumando-me com ele, de uma maneira tal que comecei a estranhar a forma pela qual me relaciono com meus cachorros. Em uma visita à casa de minha família, que mora no interior da cidade de Farroupilha, na Serra Gaúcha, comentava com minha mãe:

- Mãe, a gente trata muito mal nossos cachorros!
- Que nada, filha! A gente trata os cachorros como cachorros.

Mais tarde, conversaria com uma veterinária em uma clínica veterinária do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, que me dizia: “Um tempo atrás, todo mundo dava comida pros animais, agora é só ração; da mesma forma, não existia o hábito de

dar banho e de tosar, agora se tu não ofereces esses serviços no teu estabelecimento, podes fechar as portas!”

É perceptível pelos relatos, tanto de profissionais envolvidos no universo *pet*, quanto também de proprietários de animais de estimação, que está em processo uma mudança significativa nos hábitos relativos ao tratamento dos animais de estimação. É relevante perceber que os profissionais de saúde animal apontam para os problemas nascidos com esses novos hábitos e costumes na relação com os *pets*, indicando a importância de se tratar o “cachorro como cachorro”, para evitar as doenças de ordem psicológica que, segundo eles, estão crescendo entre os animais de estimação.

Continuando a observar a *pet shop*, vejo coleiras e guias de todos os formatos e cores. Para além delas, há placas de identificações (gravação na hora), bolsas e caixas de transportes, camas, iglus e colchões variados, roupinhas de diversas marcas, sapatinhos e acessórios em geral (cercados, portões, hidrante etc.).

Figura 12- Fotografia dos acessórios da *pet shop*.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Figura 13 – Fotografia de outros acessórios e brinquedos à venda na *pet shop*.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Figura 14 – Fotografia dos acessórios para aves, répteis, roedores e peixes.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Subindo a escadaria que dá acesso a uma parte da loja que é toda envidraçada, chega-se à área da estética, sobre a qual há um rico material descritivo no *site*⁴² da *Águia Veterinária*, como se pode ler pelos textos e observar pelas imagens abaixo:

Na área da estética canina, contamos com profissionais altamente qualificados e estamos sempre atualizados com o que há de mais moderno com muita qualidade e resultados imediatos com uma linha de tratamento de pele e pelagem que utilizamos, são xampus importados com PH balanceados, anti-resíduos, anti-estática e biodegradáveis. Seguimos padrões rigorosos de atendimento, sempre respeitando as características específicas de cada raça.

No banho está incluso corte de unha, limpeza dos ouvidos, escovação dentária (adquirindo ou trazendo seu próprio kit-escovação), tosa higiênica padrão (partes íntimas) e perfume hipoalergênico para cães e gatos.

Figura 15 – Fotografia de uma Poodle recém-saída da área de estética canina.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Equipamentos modernos que trazem conforto e relaxa o seu *pet* na hora do banho, tais como:

- Ambiente climatizado
- Máquina de secar que diminui o stress e o incômodo porque não há o barulho do secador
- Baias individuais para cães e gatos grandes e pequenas
- Banho Normal; Banho com Hidratação; Banho Medicinal (adquirindo ou trazendo seu próprio medicamento); Banho Tonalizante (pelagem dourada, branca e preta); Banho Reconstrução da Pelagem; Banho Anti-odores.
- Escovação Dentária + Spray Bucal anti-séptico
- Penteados, tranças e aplicações de brilhos
- Tosas de todas as raças
- Toalhas higienizadas e esterilizadas

Figura 16 – Fotografia dos tanques onde são banhados os *pets*.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

⁴² In: <http://www.aguiaveterinaria.com.br/empresa>

Figura 17 – Fotografia dos secadores adaptados para os *pets*.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

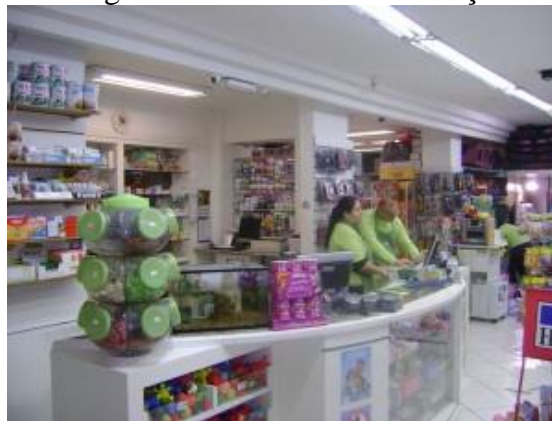
Visitei somente em um dia a parte da estética, que é extremamente movimentada. Estava repleta de cães sendo banhados dentro dos tanques especialmente elaborados para isso, outros secados com equipamentos também fabricados especificamente para a tarefa de secar os cães e os gatos (acima há fotos desses secadores e também dos tanques). O cheiro dos produtos de limpeza, neste local, é muito forte e, para mim, que não estou acostumada a senti-los, tornou-se agressivo, tanto que meu corpo reagiu com uma leve dor de cabeça. Estava exposta a um cheiro dos produtos utilizados para limpar os animais, imiscuídos com um odor dos próprios animais que são lavados com esses produtos.

O ruído dos secadores dos pêlos dos *pets* é também muito forte, e o conjunto de cheiro e ruídos deixou-me em um estado de perturbação, que somente era minimizado pelo fato de estar encantada, vendo os animais quietos nos tanques sendo lavados pelas funcionárias da *Águia* e, após, ainda silenciosos, eram secados com os secadores. Uma das cenas que mais me marcou foi a de um cão muito peludo, estático, dentro de um equipamento que o secava. Esse equipamento parecia um forno, com a portinha de vidro fechada, que permitia ver os pêlos do cão movimentando-se suavemente para cima e para baixo enquanto o animal praticamente dormia em pé.

Além dos ruídos dos secadores, alguns cães que já tinham sido limpos e tosados, e outros, que esperavam para sua sessão de beleza, latiam ensurdecidamente nos compartimentos em que estavam aprisionados. Os cães e os gatos permaneciam nos compartimentos com uma ficha informando quem é o dono, qual o nome do animal, quais serviços foram realizados, o endereço da residência para que seja efetuada a “tele-entrega” e o preço final a ser pago.

Descendo as escadas da estética, retorna-se à loja, na parte onde está localizada a bancada onde são efetuados os pagamentos dos produtos a serem comprados, bem como dos serviços realizados, seja na estética, seja na área da clínica veterinária. Na parte que separa o balcão, que centraliza as transações financeiras do local, também estão dispostos os medicamentos oferecidos na loja, como se vê nas fotografias abaixo, também retiradas do site da *Águia Veterinária*.

Figura 18 – Fotografia da bancada das transações financeiras.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Figura 19 – Fotografia dos medicamentos à venda.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

Seguindo na direção da bancada da administração da loja, ao seu lado, há uma escada que conduz a uma área interna, onde está localizada a clínica veterinária propriamente dita. A escada é pequena, com poucos degraus que distanciam a loja da clínica. Se, na loja, entra-se em contato com o mundo das mercadorias para os *pets*, muito coloridas e variadas, contrastando com as paredes brancas, a partir da escada da

clínica, chega-se a um ambiente cujas cores predominantes são o verde e o branco, imprimindo assim, um aspecto hospitalar ao local.

Figura 20 – Fotografia de uma parte da sala de espera.



Fonte: Site da *Águia Veterinária e Pet Shop*.

A sala de espera da *Águia* é um ambiente de movimentação intensa, na qual os donos dos animais de estimação aguardam pela consulta, às vezes agendada, outras de urgência, junto a seus animais. As esperas são mais e menos longas, dependendo da situação e do objetivo. Há donos de animais que vão à *Águia* para visitar os animais internados. Nesse caso, como é preciso ter um horário determinado para visitas, os donos que chegam adiantados acabam esperando na sala. Justamente nesses horários de espera das pessoas, pude conversar com elas e conhecer um pouco mais sobre as relações com seus animais.

Pelo fato de os animais serem os clientes propriamente ditos da clínica, algumas cenas “animais” aconteciam na sala de espera: latidos de animais uns para os outros, necessidades fisiológicas eram feitas frequentemente em meio à sala, muitos *pets* demonstravam seu medo de retornar ao médico tremendo incontrolavelmente. Também era possível escutar uivos e latidos surgidos na área de internação, que desciam até a sala de espera. Veterinários indo e vindo com animais nos braços – tanto desfalecidos por estarem sedados para a realização de um exame, quanto também despertos e cheios de vida para retornarem, muito felizes, aos braços dos donos. A sala de espera acaba

sendo, em alguns casos, o local para os veterinários prescreverem e explicarem a posologia de remédios para os animais de estimação aos donos.

Na clínica veterinária são oferecidos os seguintes serviços: atendimento clínico, cirúrgico e ambulatorial 24 horas; acupuntura, anestesia, cardiologia, clínica e cirurgia de animais silvestres, cirurgia geral, coluna e ortopedia, dermatologia, oncologia, diagnóstico por imagem (ultrasonografia e Raio X), odontologia, fisioterapia, endoscopia, oftalmologia e incubadora.

A *Águia* possui uma parceria com a *Brazcão*, uma empresa localizada em São Leopoldo que realiza cremação de animais, cabendo à *Águia* somente ajuda a encaminhar as cremações. Fiquei sabendo disso no dia em que perguntei à secretária Vanessa algo sobre cremação, após escutá-la falar por telefone com a proprietária que perdeu seu animal no dia anterior, devido a um tumor que “tomou o corpo do animal”. O cão havia acompanhado toda a infância da moça, de modo que o processo de adoecimento e morte fora muito complicado para a família.

3 OS CUIDADOS COM A SAÚDE DOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

*A gente pensa que não vai dar
nada nos bichos, mas dá!*

Luiza, dona da Poodle Tosca

Em meio ao fenômeno *pet*, a *Águia Veterinária e Pet Shop*, assim como outros centros e hospitais veterinários, tornam-se, em Porto Alegre, as paisagens nas quais transcorrem os cuidados de prevenção da saúde de animais de estimação, tais como, vacinação, castração e limpeza dos dentes. São também os lugares onde são salvas e curadas as vidas desses seres que oferecem um afeto transbordante para os membros humanos da “família multiespécie”.

A supervalorização dos *pets* acaba refletindo nos cuidados com a sua saúde, que recebem tratamentos cada vez mais sofisticados, assemelhados àqueles dirigidos à saúde humana. Dessa forma, a antropomorfização excessiva dos animais de estimação, constatada por Digard (1999), influencia também os tratamentos médico-veterinários, transcorrendo simultaneamente uma intensa proliferação de medicamentos voltados para os *pets*, como pude constatar, com surpresa e uma dose de espanto, nas minhas primeiras idas a *pet shops* e clínicas veterinárias de Porto Alegre.

Enquanto vejo um mundo de remédios - anti-pulga e carrapatos, anticoncepcional para cadelas, homeopatia para trabalho de parto, para ferimentos, para artrites e para artroses; vermífugos: “Quando o dono é supercuidadoso, o pet é supersaudável, vermifugue com ...” - um homem de uns 50 anos reclamava que, nas últimas vezes que trouxera a sua Poodle, ela estava ficando aqui mais do que o necessário após o banho, isso porque não ligavam para ele na hora certa, fazendo com que a pequena Poodle ficasse um tempo ali “esperando e se estressando”... (Diário de campo, 20 de junho de 2011)

As especialidades médico-veterinárias proliferam-se à semelhança das especialidades da medicina humana, e é perceptível, nesse sentido, o exercício de “tradução”⁴³ (Latour, 1994) da medicina humana para a medicina veterinária, constituindo-se, por meio desse processo, conhecimentos e técnicas que são híbridos de humanos e animais. Em outras palavras, os atos de tradução da medicina humana para a medicina veterinária contribuem intensamente para a tão comentada – e criticada por muitos atores do universo *pet* – “humanização” dos animais de estimação. Com Latour,

⁴³ “A hipótese desse ensaio – trata-se de uma hipótese e também de um ensaio – é que a palavra “moderno” designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por “tradução”, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura.” (LATOURE, 1994: 16).

é possível pensar que, quanto maior o anseio por purificar os domínios da humanidade e da animalidade, mais surgem os híbridos de humanos e animais, materializados nos *pets*.

Em hospitais e clínicas veterinárias de Porto Alegre, encontram-se inúmeros especialistas veterinários: oncologistas, neurologistas, oftalmologistas, odontologistas, endocrinologistas, anesthesiologistas, ortopedistas, neurologistas, clínicos gerais, endoscopistas, especialistas em radiologia, ultrassonografia e eletrocardiograma.

Dr. Guilherme, em sua sala de consultas, conversava comigo sobre as mudanças da Veterinária nos últimos anos – o crescimento das especialidades, a maior sofisticação técnica. Dizia-me que, mesmo assim, ele é especialista em medicina felina, mas atende tudo o que aparecer na clínica; o Dr. Carlos, por seu turno, é especialista em ortopedia e também acaba atendendo tudo o que aparece aqui. Por outro lado, chegou na clínica, não faz muito tempo, uma veterinária atuando na clínica que é especializada em testes de radiologia... (Diário de campo, 27 de setembro.)

O médico-veterinário e especialista em dermatologia Rafael Rodrigues Ferreira, doutor pela UFRGS, em palestra sobre “*O uso de xampu na prática dermatológica em pequenos animais*”, realizada durante o 38º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (*Conbravet*), comentava que a prática clínica dermatológica está cada vez mais forte, e os estudos na área estão crescendo. Argumentava que cães e gatos não são espécies para serem banhadas com frequência, embora, nas anamneses realizadas na clínica veterinária, os donos têm vergonha de assumir para ele que não lavam todos os dias os animais. O problema dessa prática, que vem tornando-se cada vez mais comum, é o fato de o banho frequentemente propiciar a disposição para o nascimento de “dermopatias”. Salientava que a questão do banho nos animais de companhia é um tema sempre muito polêmico.

É possível constatar, assim, que o mundo das especialidades médicas humanas existe também para os animais. Tem-se ampliada a atenção ao bem-estar e à redução do sofrimento dos animais de estimação em um processo que conduz ao aumento da expectativa de vida desses novos membros da família.

Cães de pequeno porte, por exemplo, viviam cerca de dez anos. Hoje, eles vivem quinze anos em média. Além disso, muitas das doenças consideradas fatais se tornaram crônicas. Esse avanço deve-se, em grande parte, às conquistas da medicina veterinária, que incrementou os recursos para prevenir e diagnosticar doenças. Os proprietários de animais de estimação vivem imersos em uma enorme rede de publicidade de artigos para animais que acaba sendo um grande aliado na divulgação das novidades desse setor da vida social. (OLIVEIRA, 2006: 70-71)

Os cuidados com a saúde dos *pets* não se restringem às doenças infectocontagiosas ou crônicas, tomando contornos assemelhados aos cuidados minuciosos com a saúde dos humanos, inclusive no que se refere à saúde oral. Em um dos dias de minha rotina de campo na *Águia Veterinária*, duas moças foram divulgar para os veterinários da clínica a *Campanha Nacional de Saúde Oral para Cães e Gatos*. Nas paredes da sala de espera, colaram cartazes que anunciavam a campanha: “Apoio: *Virbac Saúde Animal; Purina Dog Chow. Realização: ABOV – Associação Brasileira de Odontologia Veterinária. (www.abov.org.br)*”. Além dos cartazes, deixaram sobre a bancada da sala de espera alguns folhetos, destinados aos donos de animais de estimação, com informações sobre a saúde oral dos *pets*, descrevendo, passo a passo, como escovar os seus dentes.

Figuras 21 e 22 - Material de divulgação da *V Campanha de Saúde Oral para Cães e Gatos*



Fonte: Associação Brasileira de Odontologia Veterinária⁴⁴.

A alimentação dos animais de estimação transforma-se também em um elemento de promoção da saúde e de prevenção de doenças dos *pets*. Segundo a médica veterinária Patrícia Rezende, com quem conversei no estande da empresa *HomeoPet*, na feira do 38º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, a noção de alimentação como prevenção a doenças dos *pets* é ainda rara entre os donos, mas vem sendo ampliada. Dizia-me também que, entre os produtos da empresa *Real H*, para a qual trabalha, foi lançada, em 2009, uma linha voltada para os *pets*, sendo o produto *Anizen*, destinado para amenizar e curar problemas de comportamento, o mais vendido, seguido do remédio *Pró-Rim*, cujo consumo elevado deve-se às “péssimas rações à venda”, as

⁴⁴ In: goo.gl/O6duP

quais são uma das principais causas da formação de pedras nos rins de cães e gatos. Ressaltava que, por exemplo, a ração para animais idosos não precisa de tanta proteína, sal e gordura como as rações formuladas para animais jovens, no entanto, faz pouco tempo que essa concepção vem difundindo-se, resultando na oferta de melhores rações no mercado.

Para além das traduções da medicina humana convencional para a medicina veterinária, há a entrada de um aparato de terapias alternativas e complementares no universo *pet*. São terapias que procuram tratar as emoções, as somatizações e os traumas gerados com o “processo de domesticação”, conforme as atribuições de causalidade nativas, ou, ainda, com os excessos da “humanização” dos animais de estimação, segundo relatos de médicos-veterinários. Para estes, a “humanização” dos animais de estimação produz muitas psicopatias que se traduzem em somatizações, sendo a pele um dos locais onde mais surgem problemas.

Florais, acupuntura, homeopatia, cromoterapia, musicoterapia, aromaterapia, reiki, bioeletrografia, terapia ortomolecular, fitoterapia, cristaloterapia, quiropraxia e uma série de outras técnicas terapêuticas estão sendo empregadas nos *pets*.

Foi-se o tempo em que era bastante comum sacrificar um cãozinho ou um gato quando o diagnóstico dos veterinários indicava que o animal estava sofrendo. Hoje os donos estão cada vez mais exigentes no que diz respeito à saúde de seus bichos: prevenção de doenças, métodos não-invasivos, medicina complementar, alimentação natural, cuidados com animal idoso... Para dar uma ideia, sessões de hidroterapia, acupuntura, uso de florais e outras técnicas já entraram na rotina de muitos bichos. Esse movimento, preconizado por alguns veterinários que defendem uma abordagem mais ampla da saúde do animal, é chamado de veterinária humanizada ou integral. Ela visa a abordar seu corpo e suas emoções de forma conjunta, levando em consideração o ambiente em que o animal vive e outros seres (humanos e animais) com quem convive. “Essa forma de tratamento dá mais trabalho, claro: o dono tem de trazer o animal para acupuntura, dar ervas, mudar a alimentação, passear e conversar mais com seu bicho, oferecer seu tempo...”, afirma a veterinária Clarissa Niciporciuskas, que faz tratamento com acupuntura e fitoterapia chinesa. “Mas, na maioria dos casos, é recompensador para ambos, dono e animal.” (TONON, Rafael. Revista *Vida Simples*. 2010)⁴⁵

Com base em Jean-Pierre Digard (2002), vale recordar que as terapias alternativas são parte da nebulosa de *paixões ordinárias* que testemunha a crise das Luzes. Como agentes relevantes no processo de transposição das terapias alternativas do mundo humano para o universo *pet*, encontram-se alguns médicos-veterinários críticos ao uso restrito de procedimentos médicos tradicionais para tratar certas doenças e alguns comportamentos dos animais.

⁴⁵ In: goo.gl/0xMw4

Procurando na internet materiais sobre as terapias alternativas e complementares no universo *pet*, encontrei um endereço eletrônico chamado “*Veterinários no Divã*”⁴⁶. Criado por Safih Quelbèrt – psicóloga e terapeuta holística nas áreas de Florais de Bach (para animais e humanos), reiki, numerologia, fisiognomia e cromoterapia. O site é um livro *on line* que procura refletir sobre a prática veterinária e sobre determinadas situações clínicas, oferecendo a perspectiva de Quelbèrt, baseada em conhecimentos psicológicos e saberes orientais com inspirações “*new agers*”. No livro há uma série de terapias alternativas e complementares debatidas pela autora.

Em Porto Alegre, há o *Jornal Bem-Estar*, de distribuição gratuita, que divulga informações sobre saúde e bem-estar por meio de terapias não convencionais. Nele há uma seção dedicada aos animais de estimação, chamada *O Lado Animal do Bem Estar*, fato que coloca uma interessante questão de investigação: como é que os animais de companhia tornaram-se consumidores das terapias alternativas com espaço reservado a eles em um jornal especializado em sua divulgação?

Na seção do jornal dedicada aos animais, “fundamental para quem gosta de bichinhos. E imprescindível para quem oferece produtos/serviços para animais.”, há anúncios de *pet shops*, plano de saúde animal (www.animedonline.com.br) e, inclusive, de adoção de animais. Há também nesta parte do jornal um anúncio que interessa por apresentar o trabalho do médico-veterinário Christian Jacques Ely, que utiliza terapias alternativas em sua prática de trabalho. Na propaganda de seu trabalho, lê-se o seguinte anúncio:

Agressividade, latidos ou miados excessivos, automutilação, urinar e defecar em lugares inapropriados, ansiedade por separação e outros problemas comportamentais podem ser resolvidos de forma amorosa, gentil, barata e sem efeitos colaterais com o uso de florais e homeopatia. Restituindo assim, o equilíbrio mental e a harmonia em nossos irmãos animais.

- especialista em cães e gatos; - clínico geral; - problemas comportamentais; - florais de Bach; - homeopatia; - vacinas; - atendimento domiciliar.

Christian Jacques Ely, médico-veterinário, revelou em entrevista ao *Jornal Bem-Estar*⁴⁷ que adotou outras formas de terapia além da medicina alopática por ter tido oportunidade e desejo de descobrir e de estudar terapias funcionais e menos agressivas, como a homeopatia⁴⁸, a fitoterapia e os florais. A seguir, o excerto da entrevista realizada com Ely, onde comenta como acabou optando pela veterinária como profissão.

⁴⁶ In: <http://www.veterinariosnodiva.com.br>

⁴⁷ In: <http://www.jornalbemestar.com.br/contos.php?paginaAtual=3>

⁴⁸ Um dos elementos econômicos interessantes relativos à homeopatia é o baixo custo que envolve os medicamentos homeopáticos, fato que leva os defensores da ampliação do uso da homeopatia a

O trabalho com o comportamento animal surgiu porque, desde criança, eu tinha vontade de saber o que os animais pensavam, o que eles queriam nos dizer, o que eles sentiam. (...) Acredito que através do conhecimento sobre a forma de como os animais realmente pensam e entendem o mundo, os homens podem evitar uma série de problemas de comportamento de seus animais e podem gozar da plena satisfação de interagir com estes seres queridos.

É perceptível na sua fala uma aposta na compreensão ampliada dos animais como seres dotados de inteligência, de sensibilidade e que se comunicam com os humanos: “eu tinha vontade de saber o que os animais pensavam, o que eles queriam nos dizer, o que eles sentiam”. A ideia de um *amor pelos animais* nascido na infância é referido por Ely como o motivo que lhe conduz à profissão de veterinário.

No site acima citado “*Veterinários no Divã*”, há uma lista de parceiros amigos de Safih Quelbèrt, todos os médicos-veterinários que utilizam terapias alternativas e complementares na sua prática clínica. Um dos veterinários citados, Celso Pedrini, atua em São Paulo e no Rio Grande do Sul. É veterinário bioenergético com mais de 20 anos de experiência e anuncia que possui um projeto, aqui no nosso estado, voltado para “comunidades carentes” junto à *Liga Homeopática do Rio Grande do Sul*, localizada no bairro Menino Deus.

Dessa forma, pode-se perceber a tradução de medicamentos humanos para animais em curso também nas medicinas alternativas, tais como, a homeopatia e os florais. Um dos elementos que caracteriza tais medicinas é uma concepção holística do corpo de humanos e de animais, sendo que os medicamentos formulados voltam-se para a cura de emoções que estariam na causa de certos comportamentos e doenças. No anúncio dos florais de indicação veterinária *Gotas do Infinito*, está escrito o seguinte:

Assim como os seres humanos, os animais também sofrem, são sensíveis e muito perceptivos e, portanto, em muitos períodos de suas vidas apresentam desequilíbrios emocionais ou mesmo físicos e se prestarmos atenção neles, tivermos amorosidade e paciência, observando-os e com eles interagindo, podemos ajudá-los.

Na terapia floral, o mais importante é compreender o porquê de determinado comportamento, ou seja, detectar a causa emocional que desencadeou o processo, por exemplo, a mudança brusca de habitat, influências dos donos, etc. Animais domésticos costumam ser retirados muito cedo do convívio da mãe e tal fato pode desencadear sentimentos como: rejeição, abandono, raiva, insegurança e agressividade.

argumentarem que a motivação de seus opositores é justamente o receio de os laboratórios farmacêuticos lucrarem menos. O site do laboratório *Arenales Fauna e Flora* – primeiro laboratório homeopático do país para animais de pequeno e de grande porte, localizado em Presidente Prudente – anuncia os custos e os benefícios dos seus produtos homeopáticos em relação à alopatia. Relata que, nas propriedades homeopatizadas de corte, foram obtidos resultados de 50% de redução de custos na compra de medicamentos de uso veterinário, e, nas propriedades leiteiras, este índice chegou a 80% devido ao alto custo do tratamento de mastites. Encontramos no país dois importantes laboratórios homeopáticos: o supracitado *Arenales* e também o *HomeoPet*. Este produz medicamentos homeopáticos para pequenos animais e é o maior laboratório veterinário homeopata do mercado brasileiro.

Visando auxiliar na qualidade de vida de nossos animais de estimação, os florais Gotas do Infinictho indicação veterinária têm a finalidade de reequilibrar e harmonizar as desordens emocionais destes, normalizando seus temperamentos e comportamentos, devolvendo-lhes a harmonia, o bem estar e a convivência saudável com outros animais e com os seres humanos. A ajuda de um veterinário também é de extrema importância para um bom diagnóstico.

Diferentemente de outras fórmulas florais que são elaboradas somente para determinadas partes do corpo, para evitar parasitas, para superar doenças e desequilíbrios, o *Gotas do Infinictho* tem fórmulas florais indicadas para raças de cães, com o objetivo de medicar os traços psicológicos principais da raça. Por exemplo, o Beagle é descrito a seguinte forma:

Temperamento alegre e divertido, porém teimoso (quando tem uma idéia fixa, cedo ou tarde vai fazer o que deseja no momento que tiver oportunidade), impõe sua opinião e acaba tornando-se o adestrador de toda família. Temperamento inquieto, é territorialista. Florais indicados: Girassol, Camélia e Fórmula Floral Libertação.

Constata-se que há uma psicologização acentuada dos animais de estimação junto às práticas de tradução da medicina humana para a medicina veterinária alternativas. Procura-se tratar as emoções e os comportamentos desses sujeitos animais, sendo que a própria constituição deles é interpretada por meio de fórmulas e aportes que são produtos de traduções do conhecimento da psicologia humana.

3.1 “NÃO É BARATO, MAS É MUITO BOM, MELHOR QUE DE MUITA GENTE...”

Os gastos com a saúde dos *pets* parecem acompanhar o crescimento das especialidades médicas, ou, como dizia a senhora Tânia, dona de uma cadelinha chamada York, na sala de espera da *Clínica Veterinária Águia*, “aquí cuidam muito bem dos animais, como se fossem humanos. O probleminha é que os custos também são quase como para humanos: é muito gasto! Não temos muitos recursos, mas fazemos o que é possível para que ela não sofra muito”.

Tânia é dona de uma Yorkshire de onze anos com sérios problemas de saúde. Frequentava outra clínica em Porto Alegre até a médica veterinária da família sair da capital gaúcha, para abrir uma clínica só dela em Santa Catarina, situação que foi muito difícil para Tânia. Comentava que sua sensação era de que perdera o pai e a mãe, “não

tinha mais referência...” Amigos lhe indicaram que procurasse a *Águia Veterinária*, da qual está gostando muito.

O comentário de Tânia aponta para o peso no orçamento doméstico das famílias que optam por cuidar da saúde dos animais de estimação que estão doentes. Essa observação também vale para o caso de investimentos na prevenção da saúde em animais sãos.

Chega Tigrão com uma mulher e provavelmente sua mãe, uma senhora de idade. Vieram para reconsulta. Faz 30 dias que foi consultado. Será o Dr. Carlos que o atenderá.

Começa uma comunicação um tanto agressiva entre Tigrão e outro cão na sala de espera. Tigrão fareja muito o chão. As duas ficam mimando o cão intensamente. A senhora que é a cuidadora mais imediata (sua mãe não é a figura principal pelo que sinto) comenta para mim, depois de lhe perguntar qual a raça de Tigrão, que o cão é um Yorkshire – não saberia reconhecer sozinha. Outro cão vestido.

Ao perguntar-lhe se seu cão estava com algum problema de saúde, Marta respondeu-me que Tigrão teve uma infecção urinária. Perguntei-lhe como descobriu que ele estava com essa doença, ao que ela me respondeu que foi por alguns sinais: ele se afastava das pessoas, ficava isolado, quieto e um dia ela viu que Tigrão fez xixi com sangue na sacada...

Dizia-me que o atendimento na *Águia* “não é barato, mas é muito bom”. Marta mostrou-me os exames do cão – chamou minha atenção a sofisticação, comentada também pela dona – “é melhor do que de muita gente!”

Enquanto isso, a secretária conversava com um casal sobre a internação de seu Poodle. Conversaram sobre valores. A diária custa 50 reais; a clínica cobra uma caução de 300 reais e, ao fim do tratamento, são acertados os gastos. (Diário de campo, 08 de setembro)

Abaixo há uma pequena tabela que fiz com os custos relativos aos serviços prestados na *Águia Clínica Veterinária*. O crematório ao qual a clínica está vinculada, e para onde são encaminhados os corpos dos animais mortos das famílias que desejam cremá-los, cobra 600 reais para realizar a cremação, incluindo a reserva.

Tabela 1 – Custos dos serviços na *Águia Veterinária*.

SERVIÇO	PREÇO
Consulta	R\$ 80,00
Exame	R\$ 75,00
Sedação	R\$ 50,00
Castração	R\$ 200,00
Castração (de gato macho)	R\$ 180,00

Fonte: Material organizado pela autora em trabalho de campo.

Não estão citados acima todos os serviços oferecidos pela clínica, somente os mais elementares e que são muito procurados. Mas, de qualquer forma, percebo que as pessoas que levam seus animais para a clínica são de classe média; raramente, pessoas de classes populares procuram os serviços veterinários da clínica para oferecer aos seus

animais de estimação. Lembro de ter conversado com um senhor de classe popular que somente fora fazer exames em seu cão, com suspeita de estar com algum problema cardíaco, porque o *Hospital da UFRGS* lhe pedira para realizar na clínica Águia. Vale lembrar também o caso de uma mulher, chamada Estela, que conversou comigo, gentilmente, nas diversas vezes que foi à clínica levando seu *pet*.

Estela veio visitar seu animal de companhia. Acabou me dizendo algo dissonante do famigerado amor incondicional: não quer mais animal depois deste. Exigem demais, é muito trabalho envolvido no cuidado deles... Seu animal está com algum probleminha que surgiu de algo que ele comeu. Ficou mal e desde ontem está internado. Dizia-me que é um “vira-lata” que tem 11 anos. “É muito compromisso e apego”. (Diário de campo, 03 de outubro)

Outro dia em que Estela retornou à clínica, comentava comigo que sempre dá banho no seu cão, gasta muito com a limpeza dele “mas o cheiro mesmo, é difícil de tirar... Porque cachorro por si tem um cheiro e *bá!*” Completava o assunto da limpeza do seu *pet* dizendo-me que usa *Mata-Cura* para lavá-lo e detesta usar perfume nele, bem como acha repulsivo o cheiro dos *pets* perfumados. Outra vez em que nos encontramos na clínica, dizia-me que seu cão estava com uma pedra na uretra e teria que ser operado. “É assim: é uma coisa, é outra... não vejo a hora de acabar com isso”.

A história de Luciana e Tody, igualmente, reflete os gastos das famílias com seus animais de estimação.

Luciana, uma senhora com um cão “vira-lata” chamado Tody. Ele fará uma ecografia. Sua filha, que mora em Bagé, é quem está com o animal, trouxeram-no para Porto Alegre porque em Bagé não há aparelhos para fazer exames... Desde domingo, está mal. Foi constatado que é a *doença do carrapato*. Está anêmico, a veterinária Catarina conversou com Dr. Guilherme, que já conversara com a senhora. Ela fala o que o animal está comendo: não come fígado, mas come guisado, pão com queijo e presunto e também iogurte.

Nesse momento, ouço latidos e choros de cão vindos da área de internação; Luciana aguarda aqui, pois sua filha que chegara posteriormente levou o cão para ser consultado. Comenta com um dos donos da *Águia* que o exame de sangue mostrou que ele não está bem, mas *báh né*, o problema é o dinheiro:

- Até agora se foram 1000 reais... E hoje nova ecografia... Gastei até as calças já!
(Diário de campo, 29 de setembro de 2011)

A “doença do carrapato”, uma doença infectocontagiosa, exigiu agilidade das donas de Tody, muita atenção e disponibilidade financeira, para lhe dar a assistência necessária. Sem falar no tempo para deslocarem-se de Bagé para Porto Alegre, isso tudo devido à ausência de aparelhos no interior do estado para a realização de exames no cão que adoecera.

O caso de Tody assemelha-se um pouco ao de Luna, uma Shi-tzu que teve parada cardíaca em Imbé, no litoral gaúcho. Sua dona, Tatiana, fora passar um fim de semana na praia e, no domingo, quase à noite, aconteceu o inesperado com Luna, que ficara em um estado que parecia não ter salvação. Tatiana ficou muito desesperada,

tentou reanimá-la por meio de respiração boca a boca; procurou uma clínica veterinária em Imbé, quando viu uma placa com telefone anunciando plantão, porém, ao telefonar, não conseguiu atendimento, pois o celular indicado estava desligado. Decidiu voltar às pressas para Porto Alegre – “vim voando! Em 40 minutos cheguei aqui. Se peguei “pardal”, não tô nem aí...” Dizia-me que, quando chegou em casa, a outra cadelinha não a recebeu da mesma forma entusiástica de sempre, expressando assim a falta de Luna.

Dr. Carlos vem à sala e pergunta com muita simpatia:

- Tu é a mãe da Luna?

- Sim!

- Vamos lá?

- Tô louca pra ver minha filha!

(Diário de campo, 17 de outubro de 2011)

Tatiana comentava comigo que desejava levar sua cadela para a veterinária dela. Trouxera aqui porque tem plantão 24 horas, mas não estava gostando do movimento de entrada e saída constante de animais. “Quero algo mais privativo e com menos aspecto de hospital”. Ficamos conversando por um tempo significativo, tempo que deixava Tatiana ainda mais impaciente, que não dormira durante a noite pela correria causada pelo incidente com Luna. Queria muito vê-la, porém, para a visitação há um período restrito da manhã que é reservado na clínica, o que a deixava muito ansiosa. Telefonava para várias pessoas, dentre as quais sua veterinária, explicando o que acontecera.

Depois de desabafar comigo, queria saber se eu tinha algum animal ali, o que eu fazia na sala de espera da clínica, se esperava também para visitar meu *pet*. Expliquei à Tatiana que estava fazendo meu trabalho de campo, o que a motivou a mostrar-me as fotografias dela e da outra cadelinha que estão em seu celular. A senhora Ivone, que trouxera sua Poodle diabética para consulta, escutava a história de Tatiana dizendo-me em seguida: “É assim mesmo, se larga tudo para vir atrás dos animais. Para vir fazer a ecografia em minha Poodle, deixei tudo de lado - e tinha muitas coisas por fazer hoje, muitas tarefas... É assim mesmo!”.

A cadelinha teve parada cardíaca. A Dra. Vitória, em conversa com Tatiana, explicava-lhe:

- Não foi uma “descompensação”.

Achavam que era uma “descompensação”, porque o animal não corre muito, foi para a praia e loucamente saiu correndo, excesso que gerou o problema agudo. Assim Tatiana concluiu que deve, todos os dias, levá-las para passear, precisa mudar alguns hábitos... Farão na clínica alguns exames - de sangue e do coração hoje. Ficará aqui até de noite. (Diário de campo, 17 de outubro de 2011)

Tanto o caso de Luna como de Tody são de incidentes para os quais suas donas tiveram que buscar ajuda na clínica veterinária com muita agilidade. Tody foi atingido

por uma forte doença infectocontagiosa que exigia uma série de cuidados e muita atenção tanto das donas, quanto dos médicos-veterinários, já a Shi-tzu Luna, teve um mal súbito, uma parada cardíaca, devido às corridas no fim de semana na praia.

Há, para além de situações de incidentes com os *pet*, em que os donos procuram socorro na clínica veterinária, outros casos de problemas crônicos que são tratados. Como exemplo, cito o cão da raça Pug, de Ângela, o qual tem um problema de saúde crônico e que se revela em incidentes constantes, deixando os donos – Ângela e seu marido – em um estado de alerta permanente, conforme explicitado abaixo.

Uma quinta-feira com sol intenso que promete fazer muito calor. Chego na *Águia* cumprimentando os funcionários da loja, todos muito alegres.

Uma senhora extremamente simpática foi quem contou uma das histórias mais interessantes da manhã. A situação pela qual vem passando é difícil e complicada... Ângela é dona de um Pug que sofre de hiperventilação (ou algo parecido com isso). Seu marido a acompanha. O animal está internado aqui desde ontem. Trocamos os contatos, entreguei meu cartão e expliquei um pouco sobre minha investigação e sobre o grupo de pesquisa.

Contava-me que, cada vez mais, estão frequentes as crises de respiração dele e, quando acontecem, corre até aqui na *Águia* porque precisa dos aparelhos que dão o suporte para ele poder respirar. O Pug detesta vir até aqui, tanto que chega a fingir na porta de entrada da *Águia* que está tudo bem, que não está passando mal – Ângela sente isso porque durante a falta ar, ele agarra os braços dela com muita força e, quando chega na porta da *Águia*, ele diminui a intensidade da força parecendo que não está mais desesperado.

Além desse animal, o casal tem um “vira-lata” que mora no apartamento. Ângela dizia-me: “Costumo brincar que é como filho – ninguém é obrigado a ter, mas se tem, tem que cuidar, se responsabilizar.” O animal tem dois anos e – “não está sendo vida nem pra ele, nem pra nós...” Na noite passada ele teve uma crise, aí foi uma função... não conseguiram sequer dormir: nem eles, nem o cão. “Estamos pensando, teremos que tomar uma decisão; não é vida, nem pra ele, nem pra nós. Está ficando difícil, não dá pra brincar com ele, não dá pra correr porque pode estressá-lo... é complicado.” É possível que ele tenha que fazer uma traqueostomia – “nossa... Eu já estou com 50 anos e ele (o marido) com 60... não temos saúde para viver isso”.

Ângela contava-me que adotaram o “vira-lata” por causa do Pug, quando fizeram uma pesquisa pela internet para adotá-lo. Ontem trouxeram o animal aqui, ficou internado, e hoje vieram vê-lo e conversar com o veterinário... Até mesmo ontem veio junto a ele o “vira-lata” que também estava com uns probleminhas. Comentou que está ficando além de cansativo, custoso demais o processo. Por mais que gostem dele, “está difícil”. Falamos um pouco mais sobre a raça Pug, e os problemas que são comuns – quem constituiu a raça, fez escolhas que deixaram o focinho ser da forma que é – é bonito, mas nada funcional... (Diário de campo, 06 de outubro de 2011)

Um drama passava-se na vida de Ângela e de seu marido com o animal de estimação por eles escolhido. Contava-me o quanto se sentia desconfortável com a situação de seu cão da raça Pug; o quão insustentável estava a manutenção de sua vida, para a qual tanto ela quanto seu marido precisavam estar constantemente atentos e sempre prontos para, a qualquer sinal, levá-lo à clínica em busca de socorro – “não está sendo vida, nem pra ele, nem pra nós...”. O Pug é jovem, no entanto, sua saúde é muito frágil, e os cuidados com ele estão se tornando extremamente onerosos, deixando Ângela e o esposo sem saber se são válidas quaisquer ações para salvar a vida do cão.

Contrariamente aos casos descritos acima, o dono de Chica, uma Bulldog branca que se assemelha muito à raça Boxer devido ao focinho, investe na saúde de sua *pet* sem reclamações. Adriano somente fez alguns comentários engraçados sobre a quantidade de gastos que são necessários para a “Dona Chica, (que) é chegada em um *vet*; é uma doente *vip!*”

Fez cirurgia no joelho da pata direita traseira, pois rompeu o ligamento cruzado em uma visita à sogra dele, que mora em uma casa com pátio. Chica se empolgou na visita à casa e saiu correndo pelo amplo espaço inexistente no apartamento... Chica sempre está em apartamento, caminha e corre muito pouco, o que a fragiliza. Adriano comentava comigo que a Chica “serve pra nada! Tem medo da própria sombra!” – já foi castrada, teve problema no olho, agora passou pela cirurgia no joelho. Por ser alérgica à comida, só pode comer uma ração hipoalergênica que “é a mais cara que existe: 200 pilas cada 10 quilos...”. (Diário de campo, 15 de setembro de 2011)

Adriano, o dono da Bulldog “chegada em um *vet*”, procura os tratamentos que podem melhorar a saúde e o bem-estar de sua cadela de saúde frágil. Ao afirmar a mim e aos outros donos de animais presentes na sala de espera, igualmente atentos às histórias de Dona Chica narradas por ele, que a sua Bulldog “não serve pra nada, tem medo da própria sombra!”, Adriano acabou expressando a sensação de inutilidade de sua *pet*. Nesse sentido, Digard (1999) refere que é justamente o fim da utilidade dos animais para o trabalho que os tornou íntimos do homem, transformando-se em “animais de companhia”, logo, com a função de acompanhar, estatuto novo que permitiu serem extremamente bem tratados.

3.2 A “PEDIATRIZAÇÃO” DOS *PETS*

O processo de tradução da medicina humana para a medicina veterinária é multifacetado e, basicamente, podem-se indicar dois processos que lhe são internos: a “pediatrização” e a “geriatriização” dos animais de estimação, em suas diferentes fases de vida, na relação com os médicos-veterinários. Esses movimentos transcorrem ao lado das transformações do animal de estimação em um membro da família e do médico-veterinário como médico desta “família multiespécie”, ambas descritas e analisadas anteriormente.

Percebe-se assim a existência de múltiplos processos decorrendo simultaneamente, cujo “nó górdio” é o próprio fenômeno *pet*. Com essas noções, fala-se igualmente de um movimento amplo de aproximação dos animais de estimação aos

humanos no sentido de uma humanização daqueles, posto que, cada vez mais, são enfatizadas as semelhanças dos *pets* aos seus donos. Essa busca de semelhanças do animal de estimação consigo mesmo é expressa muito bem na fala de uma cliente da *Águia Veterinária*, dona da “vira-lata” Pipoca: “Ela só falta falar, por um detalhe que não fala!”

A *pediatrização* dos *pets* surge, portanto, por meio da transformação do *pet* em uma espécie de filho da família e, muitas vezes, pela sua alocação como o bebê da casa. Para intensificar essa percepção do animal de estimação como criança e bebê, há o que Digard (1999) nomina de “pedomorfização”, que é basicamente uma escolha de animais cujas características remetem aos bebês: face achatada, olhos desmedidos, formas arredondadas, membros curtos e arqueados etc. (DIGARD, 1999: 134).

Dona da “vira-lata” Rita, Bia conversava com uma veterinária que buscava um café na cafeteira, localizada no corredor de acesso à área de internação da clínica. A doutora elogiava os pêlos da Rita, quando Bia lhe explicava que adotou a cadelinha, a única *pretinha* da família.

- Claro, ninguém quer nem cachorro nem gato preto...

- Pois é, todos querem o mais clarinho, branquinho, mimosinho: são umas bombas! Só dão problemas e principalmente de pele!

- Eu olhei pela internet umas fotografias e não sabia qual dos cãezinhos me doariam. Quando cheguei lá, claro, tinha sobrado o *pretinho*, que ninguém quer... (Diário de campo, 28 de outubro de 2011)

Às descrições de Digard, acrescento que não somente escolhem-se animais assemelhados aos bebês, pois, após escolhê-los, a maneira de tratá-los prolonga essa confecção do *pet* como bebê, tal como pude observar na clínica veterinária, quando uma senhora levou seu cão, um Pinscher super irritado e pequeno. Em meu diário qualifiquei a cena como “patética”: a senhora usava um carrinho muito idêntico aos utilizados para bebês, acolchoado por dentro com cobertorzinho, no qual seu cão permanecia, mas absolutamente sem paciência.

Ouçõ muito frequentemente na sala de espera da clínica expressões como a seguinte “Vamos, filha?!”, conduzindo-se em seguida o animal para a sala de consulta. Neste caso, foi marcada uma consulta de revisão da cadela charmosa e super peluda da senhora de uma simpatia e gentileza marcantes. Remarcou a consulta com a Dra. Vitória que estava na mesa da secretária Vanessa. Na saída da sala de espera, a senhora gentil e simpática foi praticamente arrastada pela cadela que segurava pela guia.

Chega uma moça com sua cadela dizendo: “Vem filha, vem coração!”, segurando-a alçada e deixando que vá ao chão. Chama-se Bari, uma Cocker Spaniel inglês, de oito anos, que já está castrada mas teve muitos filhotes e, inclusive, um neto dela é campeão. Em fevereiro teve paralisia facial e agora fará raio x para saber se tem algo no ouvido. Veio realizar um exame a pedido da neurologista da UFRGS.

(...)

Duas cadelas Shi-Tzu irmãs aguardavam para serem atendidas. Levadas por um casal que as mima muito, conversam com elas muito. Fui interagindo com eles, perguntei se eram irmãs e eles responderam que sim, mas de ninhadas diferentes, e, por isso, a pelagem delas tinha

tonalidades distintas – uma é mais clara e a outra mais amarelada. São cadelas que “gostam de comer damascos”.

A moça falava de uma forma manhosa como se tivesse falando com um bebê:

- De que mais ela gosta? Bifinho, ...

Ambas seguradas no colo, e a conversa que estabelecem com elas é em tom e em conteúdo que as infantiliza. Vez e outra, o rapaz levanta pra brincar de maneira mais solta com uma das cadelinhas – a de laço amarelo.

Perguntei qual o problema que elas estão enfrentando, e o rapaz me disse que estão com otite e que deve ter sido um fungo que causou a afecção. Desce até a loja para pegar uns “bifinhos” para elas e fica brincando com as cadelinhas no espaço da sala. Neste mesmo momento, uma veterinária conversa com a secretária.

Chega outra dona com um cachorro coberto por uma capa de chuva sobre uma roupa mais macia. Este é um Poodle que cometeu automutilação... Comeu a si mesmo na parte que liga a pata ao tronco.

Muita comunicação entre as duas cadelinhas, e o Poodle recém-chegado na sala de espera. (Diário de campo, 09 de setembro)

Na *Clínica Veterinária Águia*, o médico-veterinário que intermediou minha entrada em campo, Dr. Carlos, expressa tanto a medicalização do veterinário como também a pediatria da relação com os *pets* por meio de suas roupas. Com um estetoscópio no pescoço, roupas verdes – calça e camisa – classicamente atribuídas aos médicos, há ainda uma bandana amarela com gatos e cães “pedomórficos” desenhados em cores alaranjadas. Na primeira conversa que tive com ele para saber se teria a possibilidade de investigar na Águia comparou-se ao médico pediatra, conforme o trecho abaixo:

Carlos foi aceitando a minha entrada no espaço da clínica, procurando refletir sobre o que lhe dizia que faria no espaço da sala de espera e foi viabilizando minha proposta. Expliquei que a sala de espera é um local muito bom para mim porque me interessam as histórias das pessoas que passam por processos de adoecimento e de cura dos seus *pets*. Carlos prontamente foi pensando e comentando que, na sala de espera, lidarei com o ócio do cliente. “Há algumas ‘reações atípicas’ dos donos dos *pets*, bem diferentes das reações que os pais têm em relação ao pediatra quando levam seus filhos para uma consulta”. Assim foi que Carlos estabeleceu um paralelo entre o pediatra e o veterinário. (Diário de campo, 08 de setembro de 2011)

Dr. Carlos dizia-me ainda que a relação dos pais das crianças com o pediatra é de maior respeito e distanciamento, enquanto a relação dos donos dos animais de estimação com o médico-veterinário é menos formal e também é permeada de “reações atípicas”, por exemplo, comunicar, na sala de espera, ao veterinário que se deixará o animal na clínica para a consulta, enquanto serão realizadas algumas tarefas na rua, tais como, ir à cabeleireira ou fazer algumas compras no supermercado. O médico-veterinário torna-se, portanto, o pediatra nessas famílias compostas também por animais de estimação; no entanto, esse pediatra dos *pets* não possui o prestígio e o respeito do pediatra das crianças da família.

Sílvia, de aproximadamente 40 anos, chega às 9h30min. Fala para a secretária que está com o cão no carro e avisa que não está com muito tempo, pois tem compromisso às 10 horas. É uma re-consulta de um cão que ficou internado no fim de semana. Sílvia está preocupada com o tempo pequeno que tem e o Dr. Carlos está ocupado... Explicava à secretária que será difícil deixar o cão aqui porque tem médico, depois pintará o cabelo e logo em seguida tem que ir ao trabalho. Não teria como passar aqui para levá-lo para casa... Perguntei se ninguém poderia buscá-lo; disse-me que não, pois mora sozinha. (Diário de campo, 27 de setembro de 2011)

Vale aqui perguntar se a ideia de uma “pediatrização” dos *pets* perdura inclusive com a sua entrada na vida reprodutiva. Ou seja, se os donos insistem em tratar seus animais como bebês – acentuando a fragilidade e a dependência, formas de se relacionar que, para quem não está acostumado a enfatizá-las nos animais de estimação, soam “patéticas”, assim como eu mesma qualifiquei o tratamento da senhora ao Pinscher que estava extremamente impaciente em um carrinho de bebê acolchoado –, será que a castração estaria funcionando, para além de utilidades mais práticas, como um instrumento de manutenção dos *pets* como as crianças da casa, auxiliando na construção do animal idealizado para além da irrupção de uma animalidade, ou, como querem minhas interlocutoras, com “o chamado da natureza” surgido com o cio?

A senhora que trazia consigo uma grande bolsa vermelha retornou à sala de espera com sua cadelinha de um ano e meio.

- Diz, já sou moça!

Contava-me que foi castrada porque depois do primeiro cio entrava em várias gravidezes psicológicas, quando “pingava leite das *tetinhas*”; decidiram castrá-la. Contava-me que até ter essa cadelinha, achava absurdo ter um animal dentro de casa, que subisse na cama, na mesa. “Essa me conquistou!” A cadelinha, com enfeites femininos na cabeça, está com gastroenterite.

A secretária da clínica passa por aqui e exclama:

- Que coisa mais linda! Parece uma princesinha!

(Diário de campo, 27 de setembro de 2011)

Na sala de espera da clínica veterinária, em uma manhã de setembro, houve um rico debate sobre o cio das fêmeas entre as donas de animais de estimação que levaram seus animais à clínica. Três senhoras, sentadas nas poltronas verdes, aguardavam a consulta junto a seus animais e, enquanto isso, conversavam sobre as dificuldades relativas ao manejo das fêmeas quando entram no cio...

Chega uma mulher com uma Basset grande, de orelhas enormes, patonas. Veio verificar se está realmente prenhe. Explicou-me que ela não está muito limpa porque lhe disseram que não é para dar banho até que não tenha os filhotes.

Uma senhora veio buscar Tutti, Poodle que foi consultada por comer sempre muito pouco; tem nove anos e já passou por várias gravidezes psicológicas. Descobriram que ela tem nódulos nos seios e provavelmente é câncer – surgido justamente pelas várias gravidezes psicológicas.

Algumas senhoras com gatos vêm à clínica. Uma delas, por volta de 55/60 anos, veio para fazer exames – precisa verificar se ele é “cardíaco” porque, se for, terá que usar remédio. “Parece que ele é cardíaco”. Perguntei se precisa, sempre que se desloca, ficar na “casinha”. Disse-me que sim, que os gatos têm uma força enorme e que quando se assustam, podem morder e agarrar com um potencial de destruição enorme. Um dia seu gato caiu na vizinha; ela foi buscá-lo e, porque ficou assustado, mordeu a ponta do dedo dela que quase acabou perdendo... Foi uma mordida

muito forte e, desde então, jamais voltará a deixar de usar a casinha – “desde então, sempre a casinha”.

Sai a Basset dos exames, e a mulher conta para o pai dela, que espera aqui na sala, que o útero não está alterado – não ouço toda conversa porque ela fala baixinho. Dizia que a primeira gravidez da cadela não pôde acompanhar, porque a Basset ainda não estava com ela e, possivelmente, tenham feito laqueadura, porém, como foi feito e se foi eficaz precisa ser investigado; inclusive, é necessário procurar os dados de quem realizou o primeiro parto dela.

Outra senhora vem à clínica para marcar a castração de Nina, uma gatinha. Já faz uma semana que está no cio e não conseguem mais sequer dormir – nem ela, nem a gata, que está extremamente manhosa e carente.

- Quero castrar de uma vez, não aguento mais! Tá como um bebê: embalo, embalo, ela me lambe muito! Não consigo fazer mais nada em casa, minha gata está muito louca! Quando não está no cio não é assim, ela é calma, tranquila, um doce.

- Tem que castrar mesmo!

- Estamos na primavera, é o chamado da natureza!

As senhoras presentes na sala conversam sobre o cio de cães e de gatos: será que há diferença? Uma delas nos dizia que o cio do gato retorna a cada fim de ciclo reprodutivo, enquanto dos cães é de cada seis em seis meses.

Nina fizera exame de sangue porque sua dona quer castrá-la. (Diário de campo, 03 de outubro de 2011)

O cio, na conversa das clientes da *Águia Veterinária*, tanto de cadelas como de gatas, é compreendido como um momento que exige maior atenção e cuidados. A dona da Basset que fora verificar se ela estava grávida, comentava que “estamos na primavera, é o chamado da natureza!”, dizia-nos também que acha o cio lindo, “é uma explosão de vida!”, quando os animais ficam agitados e, por isso, não acha que a castração seja uma boa saída.

As dificuldades relatadas pela senhora, dona da gata que, quando entra no cio, inviabiliza quaisquer atividades, nos remete à Lévi-Strauss (1982). Se na humanidade o tabu do incesto é a condição da cultura, podemos pensar que, analogamente, a castração dos animais de estimação é a condição para a entrada desses na sociedade humana.

Uma moça de mais ou menos 20 anos, com uma gatinha na mochila, chega na clínica. Fará uma ecografia para ver como está porque ela passou por castração, mas, ainda assim, está produzindo leite, e, por isso, veio aqui para examiná-la a fim de saber se é necessário fazer algum procedimento cirúrgico novamente... Segundo a dona, é uma gata cheia de medos, nunca sai do apartamento e assim, quando sai, tem extrema dificuldade. Chama-se Vick e tem onze meses. (Diário de campo, 23 de setembro de 2011)

Uma explicação muito utilizada para a escolha da castração das gatas e cachorras é, para além da diminuição dos incômodos que surgem com o cio, o aumento da probabilidade de desenvolvimento de câncer de mama a cada cio que redundam em “gravidez psicológica”.⁴⁹ Em uma conversa que tive com o Dr. Guilherme, dizia-me

⁴⁹ “A gravidez psicológica, ou pseudociese, ocorre em mais de 50% das cadelas não castradas. Além das mudanças comportamentais, ela causa alterações físicas, como o desenvolvimento das glândulas mamárias e a produção de leite, chegando a surpreender muitos proprietários. Como isso foi acontecer se a fêmea nem esteve com um macho?” (ROSSI, Alexandre. Entrevista na *Revista Cães e Cia*, 2005. In: goo.gl/MmDgU)

que, realmente, o câncer de mama é muito comum nas fêmeas, e a castração reduz a probabilidade de seu desenvolvimento, sendo que, a cada cio que acaba em gravidez psicológica, há mais riscos para o desenvolvimento de câncer de mama.

Poodle Mel: teve câncer de mama e fez extração de todas as mamas. Consegui fazer somente a primeira sessão de quimioterapia porque estava com um elemento no corpo em níveis muito baixos, o que a deixava sensível para manter o procedimento agressivo que é a quimioterapia. Foi assim que o Dr. Guilherme decidiu juntos às donas que, a cada três meses, faça-se um *check-up* na clínica. Exame de sangue, radiografia, ultrassonografia. Elisa contava-me que o veterinário dissera-lhes se, acaso chegar ao pulmão, não terá mais o que fazer.

Descobriram o câncer, porque vieram fazer limpeza da boca, dos dentes de Mel e aí apareceu o problema das mamas, sendo que uma delas estava bem grande. Foi assim que, no início deste ano, fizeram a retirada das mamas, castraram-na e, em fevereiro, fizeram a sessão de quimioterapia, que não pôde prosseguir pelas condições desfavoráveis da Mel. (Diário de campo, 19 de outubro de 2011)

O câncer de mama é um problema de saúde muito comum entre as fêmeas *pets*. No tratamento da doença, realizado pelos médicos-veterinários, a retirada das mamas é frequente e, quando possível, é realizado tratamento quimioterápico. Observando atentamente, constata-se que há uma forte semelhança entre os procedimentos realizados nos casos de câncer nas *pets* e nas mulheres, tais como, a extração das glândulas mamárias – mastectomia – e a quimioterapia.

Na sala de espera, uma mulher acompanhava sua cadela recebendo a prescrição de remédios para Nina que está usando um colar elizabetano⁵⁰. Camila veio para buscar a cadela que ficara internada; contou-me que Nina teve todas as “tetinhas” de um lado do corpo retiradas, pois estava com câncer, conforme perceberam as veterinárias da *Águia* que a examinaram. Nina saiu da clínica com uma “roupa de hospital” – branca com detalhes verdes – e enfeitada com uma estrela prateada na “testa”, no centro dos olhos. (Diário de campo, 13 de setembro de 2011)

As doenças dos *pets* diagnosticadas pelos profissionais da medicina veterinária são semelhantes às existentes em humanos. Isso faz com que os próprios procedimentos médico-veterinários tornem-se uma consequência de processos de tradução de conhecimentos e de técnicas para salvar as vidas dos animais de estimação.

No texto “Tumor de mama em cadela – comum, mas *prevenível*”, encontrado em um *blog*, escrito pelo médico-veterinário Daniel Lima, são perceptíveis os conhecimentos médicos, que se referem estritamente a cadelas, e quais os procedimentos indicados para a prevenção e a cura dos tumores de mama. Segundo Lima, os tumores de mama surgem em grande parte das cadelas em idade geriátrica e, em geral, são malignos. Comenta que, com as pesquisas recentes, sabe-se que tais tumores dependem dos hormônios sexuais da fêmea para aparecerem e proliferarem-se

⁵⁰ “Colar elizabetano ou colar isabelino é um instrumento utilizado no pós-operatório veterinário, restringindo os movimentos do animal, impedindo que atrapalhe o processo de recuperação.” (In: goo.gl/5pKY6)

no organismo, sendo que podem aparecer em qualquer uma das dez mamas existentes na cadela. Comenta que normalmente só são perceptíveis oito mamas, pois as duas mais “cranianas”, mais próximas da cabeça, são atrofiadas. Os tumores surgem muito pequenos e crescem, se o tratamento não for iniciado. Na maioria das vezes, o tumor pode espalhar-se, em um processo que é chamado de “metástase”, pelo corpo e principalmente atingir pulmões, fígado e rins.

No começo, não provocam a dor, que pode surgir conforme os tumores crescem, devido à dilatação da pele e a compressão de tecidos anexos. Alguns podem até supurar e ficar drenando “uma secreção de odor bem fétido”. Lima lembra-nos que o diagnóstico do tumor é realizado por meio de exame clínico, mas, para ter certeza de que é câncer, a realização de biópsia é necessária. O tratamento é cirúrgico, e deve-se retirar a cadeia de mamas que envolve o tumor e não somente o próprio tumor. Pelo fato de ter relação com os hormônios, Lima ressalta que é recomendada a castração.

A prevenção pode ser feita através da castração antes do primeiro cio, o que reduz seu aparecimento, segundo estudos, em aproximadamente 98% dos casos. Evitar anticoncepcionais também é bom (‘injeções para não entrar no cio’), pois predispõe o aparecimento do tumor de mama. E importante: o acasalamento não interfere no aparecimento desses tumores, ou seja, é mito a ideia de que ‘A cadela que não cruzar vai ter câncer de mama’.

O prognóstico (‘resultado pós-tratamento’) é bom desde que o tumor seja benigno ou que não tenham indícios de metástase que, quando acontecem, não têm tratamento – apenas a oferta de qualidade de vida para o animal, por meio de medicamentos adequados, por exemplo, analgésicos. (LIMA, 2010)⁵¹

Esse texto contém, portanto, muitas informações sobre o câncer de mama nas cadelas, que como assinala o título, é muito comum, mas é passível de prevenção por meio da castração, que pode reduzir o aparecimento de tumores até em 98% dos casos. Lima sugere também outros cuidados, tais como, evitar anticoncepcionais, que seriam outro vetor de tumores de mama, e ressalta que é um mito a ideia corrente sobre a cópula dos animais como uma forma de evitar o desenvolvimento de câncer.

3.3 A “GERIATRIZAÇÃO” DOS *PETS*

É comum ouvir-se falar em idades de vida dos animais de estimação em suas relações e correspondências com as idades da vida humana; na *Águia Veterinária* não é

⁵¹ In: goo.gl/Y0UVQ

diferente, as pessoas que a frequentam, conduzindo seus animais de estimação para consultas na clínica, também se referem às fases de vida dos seus *pets*. Na sala de espera, escutei de donos dos animais de estimação que, aos oito anos de idade, em especial os cães, começam a ter problemas graves de saúde. Abaixo, há primeiramente um texto que encontrei na internet sobre as correlações de idade dos cães e dos humanos, seguido de uma tabela que relaciona as suas idades acrescentando a variável “peso do cão” como um fator importante para uma maior precisão na atribuição de idade.

Convencionou-se dizer que cada ano canino corresponde a sete anos da idade do homem... Mas será que um cão de 15 anos teria mesmo 105 anos? Essa correlação não é muito precisa. Não existe uma tabela exata, pois a idade do cão varia com inúmeros fatores. Por exemplo: raças grandes ou gigantes vivem menos tempo, ou seja, 9 anos para um Dobermann representam muito mais idade do que para um Poodle. As raças pequenas, sabidamente, têm longevidade maior. O conhecimento da idade do cão em relação à idade humana nos ajuda a entender melhor o comportamento dos animais. Para termos uma ideia aproximada dessa relação, podemos usar a tabela abaixo. Como já foi explicado, ela é apenas uma base para você determinar a idade do seu cão. Agora é só tirar a dúvida: será que ele está mais conservado do que você? (“A idade do cão comparada à idade do homem”⁵²)

Figura 23 – As idades caninas em relação às humanas.

IDADE DO CACHORRO		IDADE HUMANA / TAMANHO DO CACHORRO			
		Pequeno	Médio	Grande	Gigante
JOVENS	6 meses	17 anos	8 anos	6 anos	8 anos
	1 ano	22 anos	12 anos	8 anos	12 anos
	1 ano e 6 meses	25 anos	20 anos	12 anos	16 anos
	2 anos	27 anos	23 anos	16 anos	22 anos
ADULTOS	4 anos	29 anos	39 anos	22 anos	40 anos
	6 anos	36 anos	51 anos	40 anos	55 anos
	8 anos	46 anos	63 anos	55 anos	75 anos
IDOSOS	10 anos	55 anos	75 anos	75 anos	94 anos
	12 anos	62 anos	85 anos	94 anos	
	14 anos	68 anos	95 anos		
	16 anos	76 anos			
	18 anos	87 anos			
	20 anos	99 anos			

Fonte: *Dog Dicas*⁵³

Com base na tabela que indica as idades da vida de cães em relação aos humanos, compreende-se que os comentários recorrentes acerca dos oito anos de vida

⁵² In: goo.gl/0vmkK

⁵³ In: goo.gl/d2tb4

dos animais, como sendo o momento em que começam a aparecer as doenças degenerativas nos animais de estimação, têm correspondência com as idades estabelecidas, pois aos oito anos os cães aproximam-se da idade de 50 anos dos humanos. A partir dessa idade, os cães entram na fase geriátrica de suas vidas.

Os cuidados que você deve ter com seu cão ou gato idoso devem ser diferentes dos cuidados que você teve com ele quando filhote e na idade adulta.

Um dos fatores mais importantes para aumentar a expectativa de vida do seu animal, e com qualidade de vida, é o controle rigoroso da alimentação. Somente o Médico Veterinário pode lhe orientar com relação ao melhor tipo de alimento, proporcionando ao seu animal: manutenção das articulações, tonicidade cardíaca, função renal adequada, aproveitamento de vitaminas e minerais, e manutenção de peso ideal. Com isso, retardamos e até mesmo evitamos patologias na coluna, insuficiência renal, hepática, cardíaca e outras.

Dê ao seu animal velho uma prova de carinho. A Consulta Geriátrica pode ser de fundamental importância para mantê-lo saudável e mais tempo ao seu lado.

A vida média de um cão nos centros urbanos é de 12 anos. Gatos podem viver mais, com o recorde de 34 anos! A longevidade depende de uma série de fatores; ambientais, nutricionais, genéticos, os cuidados durante a vida, etc.⁵⁴

Com o aumento da expectativa de vida dos animais de estimação, como bem ressaltou Oliveira (2006), muitas doenças que eram fatais tornaram-se crônicas. Nesse sentido, torna-se importante descrever aqui o aumento de cuidados e de tratamentos aos animais de estimação em fase geriátrica.

Jean Segata, no artigo *Tristes Amigos – A medicalização de Animais de Estimação* (2011)⁵⁵, realiza uma etnografia em *pet shops* e em clínicas veterinárias na cidade de Rio do Sul, interior de Santa Catarina. O autor explora pormenorizadamente o caso de Pink, uma Poodle diagnosticada como depressiva e cuja prescrição veterinária foi a medicação de fluoxetina produzida pelo tradicional *Laboratórios Gemballa*.

Um novo mundo foi criado. Nos meus tempos de garoto os cães morriam de velhos. Hoje, eles são obesos, sofrem com o colesterol, o diabetes, a pressão alta, o câncer, e mais recentemente, com a ansiedade e a depressão. (SEGATA, 2011: 1)

Não poderia ser mais pertinente a sugestão de Segata para os *pets* que frequentam a *Águia Veterinária*: eles não falecem simplesmente por serem idosos. A idade avançada, longe de ser compreendida como uma causa de morte fechada em si mesma, é tomada como uma variável que propicia o surgimento de doenças: fragiliza os corpos, diminuindo a resistência deles a doenças infectocontagiosas, e também facilita a degeneração das células, aumentando a probabilidade de surgimento de casos de câncer, estimulando, por seu turno, as pesquisas e os tratamentos em oncologia veterinária.

⁵⁴ In: <http://www.hospitalveterinarioecoville.com/geriatria.html>

⁵⁵ Apresentado na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, em Curitiba.

No site de um hospital veterinário⁵⁶, lê-se que a oncologia praticada em pequenos animais é uma especialidade dedicada ao diagnóstico e ao tratamento dos diferentes tipos de câncer em cães e gatos. Há um aumento recente na incidência de câncer nesses animais, o que sinaliza um aumento de expectativa de vida, pois essa doença atinge, geralmente, cães e gatos em idade avançada. A oncologia veterinária é atualmente uma das especialidades médico-veterinárias em destaque e uma das que gera maior número de atendimento em clínicas e hospitais veterinários.

No período em que frequentei a sala de espera da *Águia*, conheci alguns casos de animais idosos com problemas de saúde e de donos que estavam somente realizando exames de rotina ou verificando se a suspeita de alguma doença degenerativa realmente acometera seu *pet*. Esse foi o caso da linguista Antônia que, em uma ensolarada e aquecida manhã de outubro de 2011, apareceu na sala de espera da clínica da *Águia* com sua gata dentro de uma casinha. Antônia dizia-me que sua *pet*, de doze anos de idade, parece estar com “coração grande”, pois, dentre outros sinais estranhos, a respiração dela está mais pesada. Por isso, trouxe-a na clínica a fim de realizar alguns exames para saber o que, exatamente, há com a gata. Antônia revelava-me que ama gatos e que seus dois filhos, ambos “criados com gato no berço”, assim como ela, são “gateiros” e amam animais. Sua filha tem dois gatos, e o filho, que mora no Rio de Janeiro, também tem um gato que mora com ele.

Dois dias depois, Antônia retornava à clínica e explicava-me que fez um exame de sangue no dia em que acabamos nos conhecendo e faria agora um eletrocardiograma, marcado para as nove horas. Dr. Carlos, passando pela sala de espera, conversou com ela, dizendo que não observou muitas alterações nos exames e que a gata parecia estar com pneumonia; “mas o eletrocardiograma mostrará mais coisas”. Antônia, procurando ajudar no diagnóstico, comentou com o Dr. Carlos algumas alterações que estava percebendo na gata.

Além das doenças degenerativas, há outras que acometem animais idosos devido às mudanças musculares transcorridas com o avançar da idade. Conheci, também em outubro, uma Poodle chamada Lilly, qualificada por seu dono como “guerreira”, atribuição que, como se pode conferir no trecho de meu diário de campo, é adequada para Lilly:

⁵⁶ In: <http://www.hospitalveterarioecoville.com/oncologia.html>

Uma terça-feira de sol com um pouco de frio. Cheguei às 8h40min e fiquei observando a fachada da *Águia Veterinária e Pet Shop*. Suas paredes verdes, os carros estacionados; à frente uma série de casas para animais com o preço afixado nelas. Passo na vitrine para verificar se há animais à venda, há dois Shih Tzu postos em uma gaiolinha. São filhotes à venda e cada um custa 1.500 reais. Em seguida, entro na loja, cumprimento o recepcionista, passo pela loja que conduz à clínica, subo as escadas e chego na sala de espera da clínica. Quase imediatamente comecei a conversar com o dono de uma Poodle de pêlos brancos, cuja pele rósea aparecia sob os pêlos rasos. Extremamente simpático e atencioso, Danilo explicava-me que sua Poodle, de 14 anos, não consegue mais andar com uma pata traseira.

“É uma guerreira a Lilly”. Rompeu o ligamento e tentou três vezes fazer cirurgia, mas não vem funcionando... está somente com três patas funcionando normalmente, o que acarretou em um aumento de peso e, junto a isso, ela tem problema no coração - é “cardíaca”. Lilly é muito querida e fiquei fazendo carinho nela. Gordinha, com problema no coração e alguns machucados na pele: uma cadela idosa.

Ainda conversávamos quando Danilo foi chamado para a consulta de Lilly. Agradei pela conversa e pelo contato que me forneceu. Quando trocávamos os contatos, entreguei para Danilo meu cartão e comentei um pouco sobre a minha investigação e sobre o grupo de pesquisa. (Diário de campo, 04 de outubro de 2011)

Lilly, “a Poodle guerreira”, luta para permanecer viva e tem o apoio de Danilo, seu dono e admirador. Aos 14 anos de idade, é “cardíaca”, uma de suas patas não anda mais, apesar das três tentativas de reconstituir o ligamento rompido, e ainda tem alguns problemas dermatológicos. A fragilidade da Poodle é contraposta à sua insistência por manter-se viva, tornando seu dono orgulhoso de tê-la como sua *pet* e de estar ao lado dela na busca por saídas, junto aos veterinários, para os problemas surgidos no seu corpo idoso.

Outra cadela em idade geriátrica é a Poodle de dona Ivone, que tem diabetes e precisa de cuidados constantes. Precisa tomar insulina duas vezes ao dia.

Ivone é dona de uma Poodle que fará ecografia, tem diabetes e está perdendo um pouco da visão – tinha percebido que o olho dela estava diferente... Toma insulina duas vezes ao dia. Já teve problema na medula, achavam que ela não andaria mais. Veio fazer exames para saber como estão os órgãos internos. Está com nove anos. Além dela, Ivone tem um pastor alemão na casa, em Petrópolis, perto da Carlos Gomes. A alimentação da Poodle é toda especial para ela que tem diabetes. Comentou comigo o quanto é importante a relação afetiva com os animais; em sua perspectiva, isso é muito importante. Em casa, ela tem outro animal, um pastor alemão “que é só saúde! É muito incrível!” (Diário de campo, 17 de outubro de 2011)

Nesses relatos dos donos de animais em idade geriátrica, pode-se perceber como os cuidados com a saúde destes aumentam com o avançar da idade. O envelhecimento torna os animais mais frágeis e propensos ao desenvolvimento de doenças, para as quais se procura ajuda da medicina veterinária, nas clínicas que se propõem a salvar vidas e dar assistência para manter a qualidade de vida dos animais de estimação, mesmo quando seus corpos estão doentes. Os tratamentos em animais idosos são custosos, pois os problemas de saúde de maior complexidade proliferam junto ao desenvolvimento das técnicas para tratá-los, trazendo novos desafios para os donos que desejam prolongar as vidas de seus *pets*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, foi realizada uma antropologia das emoções a partir do fenômeno *pet*, procurando compreender o vínculo afetivo que une os donos aos animais de estimação, expondo as sugestões de outros pesquisadores que se voltaram para o mesmo fenômeno, por meio de diferentes leituras. Para além da “paixão ordinária”, proposta por Bromberger (1998), e da “paixão animalitária”, de Digard (1999), sugeridas por esses autores como centrais para pensar o fenômeno animal de estimação, minha atenção volta-se para os discursos dos interlocutores em campo que se referiam insistentemente ao “amor incondicional” que afirmam receber de seus animais.

Ao problematizar a leitura de Oliveira (2006) sobre o lugar da afetividade dos animais de estimação na vida de seus donos, sugeriram-se outros caminhos para compreender o fenômeno, além da hipótese de os *pets* exercerem um importante papel de combate à solidão, provocada por um aumento do individualismo no mundo moderno, o qual causaria isolamento dos indivíduos.

Para compreender o discurso acerca do “amor incondicional”, procurei em Thomas (1996) alguns elementos históricos relativos ao amor pelos animais no Ocidente. Foi possível constatar que a representação do animal de estimação como uma fonte de amor incondicional tem forte proximidade à constituição deste animal como um ser mais evoluído do que o humano e, nesse sentido, constata-se a presença de um traço primitivista na formação do fenômeno *pet*. É por meio de uma idealização do animal de estimação como superior ao humano, o qual teria passado por um processo de involução, que se constrói, dentre outras práticas discursivas e não-discursivas, o discurso do *pet* como fonte de “amor incondicional”.

Na antropologia da religião de Csordas (2004), procurei também alguns elementos para explorar o fenômeno *pet*, que não é exatamente um fenômeno religioso, mas contém, conforme se pode observar, alguns traços religiosos. Relacionaram-se os pontos selecionados ao “amor incondicional”, no sentido de um afeto em excesso que é doado pelos animais de estimação, tomados por seus donos como puros. Por alocarem-se em um tropo da inocência, os *pets* tornam-se aptos a oferecer aos humanos algo que estes perderam com o seu desenvolvimento como humanos, cuja chave de singularização é a linguagem, a qual nos aparece, assim, como o elemento corruptor dos afetos. Nesse sentido, nos animais de estimação, seres não-verbais, entrar-se-ia em

contato com uma espécie de integridade da existência, a qual estaria na origem dos humanos e que persistiria nos animais.

Já no segundo capítulo, está contextualizado o fenômeno *pet* e o “amor incondicional” no interior da “família multiespécie” e do mercado *pet*. De acordo com Digard (1999), que analisa a sociedade francesa dos séculos XIX e XX, pode-se observar que o crescimento do fenômeno animal de companhia está inscrito nas transformações da família, e o *pet* torna-se o elemento mais estável na sua configuração contemporânea.

É necessário pontuar que não se encontrou uma literatura na antropologia brasileira sobre esse tema da família e suas relações com os animais de estimação, o que causa certas limitações às interpretações ao longo deste trabalho. Diferentemente de Digard, não se têm dados sobre porcentagens de brasileiros que consideram os *pets* membros da família, amigos ou simplesmente animais.

Portanto, para expressar a emergência desse incremento na sensibilidade relativa aos animais, essa “familiarização” dos *pets* – que, como mostra a literatura, não é restrita ao Brasil – utilizei a ideia de “família multiespécie” sugerida por Faraco e Seminotti, interlocutores da antrozoologia. Com ela, foi possível imaginar a configuração contemporânea da família que toma os animais de estimação como filhos, que precisam de cuidados, e sugere que requerem uma “posse responsável”. Neste contexto, o médico veterinário torna-se médico da “família multiespécie”.

Ao mesmo tempo em que os discursos sobre a incondicionalidade do amor compõem este campo de pesquisa, o mercado *pet* expande-se muito no Brasil e no mundo. Sendo assim, mesmo que o amor doado pelos animais seja incondicional, ou seja, independe de qualquer ato de reciprocidade, porque é pura doação do animal aos seus donos, estes não poupam esforços para dar aos seus *pets* muito conforto e bem-estar por meio das mercadorias, cada vez mais variadas, disponíveis no mercado *pet*.

Quanto maior a incondicionalidade do amor dos animais, maiores são os presentes e os cuidados que recebem dos membros humanos da família. Procurei, neste sentido, compreender a esfera dos afetos junto à dimensão econômica e, seguindo Zelizer (2005), foram entendidas como esferas cruzadas e não excludentes, como classicamente foram relacionadas.

Integrante do mercado *pet*, a *Águia Veterinária e Pet Shop* é o local onde foi desenvolvida a observação participante desta investigação. Descrevi o seu ambiente no

segundo capítulo e, igualmente, procurei traçar, por meio de diálogos em campo, a história das *pet shops* como desenvolvimento das “lojas agropecuárias”.

Finalmente, no terceiro capítulo, encontram-se relatos coletados na sala de espera da *Águia Veterinária* e suas respectivas interpretações. Foi possível perceber que está em curso um processo de tradução (LATOUR, 1994) da medicina humana para a veterinária, o qual integra a constituição dos *pets* como híbridos de humanos e animais, para além dos anseios de profissionais da medicina veterinária de purificação dos domínios da humanidade e da animalidade.

Foram referidos também os custos e o peso no orçamento das famílias, que representam os cuidados com a saúde dos animais de estimação levados à clínica veterinária. Sugeriu-se ainda que, no interior do processo de tradução da medicina humana para a veterinária, há dois desdobramentos: a “pediatrização” e a “geriatrização” dos *pets*, que acompanham as distintas fases da vida dos animais.

Um dos principais objetivos dessa dissertação foi descrever e analisar o processo de humanização dos animais de estimação, enfatizando costumes, práticas e discursos dos agentes envolvidos no universo *pet*. No início do trabalho, acreditava que tal processo de humanização dos *pets* consiste na acentuação das semelhanças entre humanos e animais, em detrimento de suas diferenças. No entanto, no primeiro capítulo, observaram-se alguns traços primitivistas que informam o fenômeno *pet*, os quais acabam por produzir um animal idealizado. Os humanos são entendidos, nessa narrativa, como produto de uma involução, cabendo aos animais o estatuto de seres mais acabados do que aqueles.

Mesmo que exista um processo de aproximação dos animais aos humanos, diminuindo as suas fronteiras, os donos dos animais procuram nestes algo que é impossível de encontrar no “mundo humano” – buscam nos animais de estimação um “amor incondicional”, tomando-os como fontes de afeto sincero e de pureza. Ou seja, nossos interlocutores procuram nos animais algo que está para além ou aquém, inclusive, de sua animalidade.

Em campo, foram observados afetos, práticas discursivas, comportamentos, bem como uma economia e um imaginário complexos, que, se reduzidos a fórmulas simples e generalizantes, arrisca-se perder o que há de mais promissor para a compreensão do fenômeno *pet*, em suas transformações, e dos contextos que são constitutivos dele e gerados por meio dele.

O trabalho de campo realizado tem limitações significativas no tocante à observação participante, que transcorreu na sala de espera da *Águia Veterinária*, local onde era possível conversar com os donos dos animais de estimação, com a secretária da clínica e também, mas bem menos frequentemente, com os profissionais médicos-veterinários. Se a entrada na clínica tivesse acontecido de outra maneira, por meio do estabelecimento de outras relações, talvez tivesse sido possível uma maior aproximação com os problemas surgidos em seu cotidiano. Mesmo com as limitações da relação estabelecida em campo, foi possível perceber dimensões fundamentais do fenômeno, com base nas quais desenvolvi este trabalho.

Não foi possível, devido às limitações de tempo para a defesa da dissertação, realizar entrevistas com as pessoas com quem havia efetivado comunicação e trocado contatos na *Águia Veterinária*. Por meio delas, objetivava compreender melhor as trajetórias de vida e as relações das pessoas com os animais de estimação, bem como, conhecer os costumes relativos aos *pets* na casa, os investimentos neles, inclusive havia traçado o objetivo de realizar fotografias das casas que passaram por modificações devido à entrada dos *pets* como moradores. O tempo para a realização do trabalho limitou nossos objetivos de pesquisa, as técnicas a utilizar e a problematização do objeto.

Possivelmente, um recorte mais amplo, que permitisse uma comparação do fenômeno *pet* em Porto Alegre com algum município do interior do Rio Grande do Sul, em uma localidade da zona rural, seria muito enriquecedor, a fim de estabelecer as semelhanças e as diferenças do fenômeno *pet* nos mundos urbano e rural na contemporaneidade, quando ambos imiscuem-se por múltiplas maneiras surgindo uma “nova ruralidade”⁵⁷, para a qual sociólogos, tais como, Graziano da Silva (1999) e Nazaré Wanderley (2004), dedicam seus esforços analíticos e compreensivos.

Além dessa possibilidade de ampliação de recorte para a constituição de mais e instigantes dados para comparações, poderá ser muito prolífico analisar as relações afetivas entre animais de estimação e seus donos, por meio de uma abordagem atenta ao poder. Haveria, por exemplo, nesta relação algo semelhante a uma “dominação carismática interespecie”? Lembrando que para Weber, a

⁵⁷ São características da nova ruralidade: o crescimento do uso do espaço rural como mercadoria não-tangível, como uma paisagem na qual é desenvolvido, por exemplo, o turismo rural, buscando-se, por meio dele, uma relação com a natureza depurada dos inconvenientes da agricultura; outra característica, é o desenvolvimento da pluriatividade, decorrente da flexibilização do trabalho no pós-fordismo.

Dominação carismática em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (*carisma*) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. A associação dominante é de caráter comunitário, na comunidade ou no séquito. O tipo que manda é o líder. O tipo que obedece é o “apóstolo”. Obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma *subsiste*. Por outro lado, quando é “abandonado” pelo seu deus ou quando decaem a sua força heróica ou a fé dos que crêem em suas qualidades de líder, então seu domínio também se torna caduco. (WEBER, 2005: 134-35)

Se fosse ampliado o conceito clássico de Weber, saindo da relação social intraespecífica para uma relação entre humanos e animais, algumas reflexões importantes precisariam ser efetuadas para não distorcer demasiadamente o conceito, tornando-o caricato e inútil para uma melhor compreensão das relações.

O antropólogo Albert Piette, no artigo *Entre l’homme et le chien – Pour une ethnographie du fait socio-animal* (2002), assinala que o cão é um fato socioanimal, ou seja, um resultado de uma composição de alguns elementos associados em interação, segundo modalidades diversas, que fazem do animal uma entidade social construída. A maior contribuição de Piette, neste texto, é a sugestão metodológica para a abordagem do fato socioanimal como um objeto socioantropológico para observar, em sentido estrito, em situações concretas de interação, no encadeamento de sequências de ações vividas entre o homem e o animal. Tais sugestões metodológicas são mais bem compreendidas se lembrarmos que Piette formulou, em sua vida dedicada à antropologia, uma “antropologia do detalhe”, que propõe uma abordagem interacionista, inspirada em Ervin Goffman, sugerindo para o estudo do fato socioanimal, uma microetnografia das interações entre humanos e animais.

Piette qualifica o cão como uma “presença paradoxal”, pois a relação entre cães e humanos comporta duas características: é assimétrica e particular, sendo que é essa conjunção de qualidades que constitui sua especificidade e seu interesse socioantropológico. A assimetria localiza-se na ação domesticatória, da qual faz parte a “educação canina” em centros de adestramento. Citando *Les français et ses animaux*, de Jean-Pierre Digard, Piette discorre sobre o poder envolvido na relação entre humanos e animais: “A ação domesticatória responde a uma lógica de poder e de sedução sobre o animal; ela é ação sobre o animal antes de ser ação pelo homem” (DIGARD, 1999: 109).

Mesmo sem enfatizar as relações de poder envolvidas nos afetos entre animais de estimação e seus donos, foi possível identificar as relações das emoções tanto ao mercado *pet*, à “família multiespécie”, quanto também à economia da saúde animal, que tem se complexificado muito e integra uma economia globalizada, como foi possível constatar com o caso de York, cujas pedras nos rins seriam enviadas para serem analisadas a um laboratório de Michigan.

Ao “amor incondicional” doado pelos animais de estimação, os donos procuram retribuir a dádiva que é tê-los habitando na casa, com os investimentos na saúde e com as tentativas de salvá-los, mesmo quando seus corpos estão tomados por doenças cujo tratamento exige investimentos financeiros significativos. Procura-se ampliar a vida dos *pets*, ainda que, por vezes, faz-se necessário recorrer a tratamentos extremamente custosos.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled sentiments*. London : University of California Press, 1986.

BECK, A.M., & Katcher, A. H. (1996). *Between pets and people: the importance of animal companionship*. Indiana: Purdue University Press.

BOWEN, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.

BROMBERGER, Christian. *Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 1995.

BROMBERGER, Christian. (Org.) *Passions ordinaires: du match de football au concurs de dictée*. Paris : Bayard, 1998.

CLASTRES, Hélène. Primitivismo e ciência do homem no século XVIII. *Discurso*. Revista do Depto. de Filosofia do FFLCH da USP 13: 187-208, 1983.

COHEN, S. P. Can pets function as family members? *Western Journal of Nursing Research*, 24, 6, 621-538, 2002.

COLLOQUE INTERNATIONAL UN "TOURNANT ANIMALISTE" EN ANTHROPOLOGIE?, 1., 22 a 24 de junho de 2011, Collège de France, Paris. Disponível em: <goo.gl/V44iR> Acessado em 10 de nov. de 2011.

CRAPANZANO, Vincent. « Réflexions sur une anthropologie des émotions ». In: *Terrain*, n° 22, mars 1994. pp. 109-17.

CSORDAS, Thomas. "Asymptote of the Ineffable. Embodiment, Alterity, and the Theory of Religion". *Current Anthropology*. Vol. 45, n° 2, abril 2004.

DESCOLA, Phillipe. *Par-delà nature et culture*. Paris, Gallimard, 2005.

DIAS, Juliana Vergueiro Gomes. *O rigor da morte: a construção simbólica do animal de açougue na produção industrial brasileira*. Dissertação de Mestrado: PPGAS, IFCH, UNICAMP: 2009.

DIGARD, Jean-Pierre. *L'homme et Les Animaux Domestiques: Anthropologie d'une passion*. Paris: Fayard, Les temps des sciences, 1999.

DIGARD, Jean-Pierre. "Une Passion Cathartique: les animaux de compagnie". In: BROMBERGER, Christian. *Passions ordinaires*. Football, jardinage, généalogie, concours de dictée... Paris: Hachette, 2002.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Vol. 1: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FARACO, C. B., & SEMINOTTI, N. (2006). A crueldade com animais: como identificar seus sinais? O Médico Veterinário e a prevenção da violência doméstica. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, 37, 66-71.

FARACO, C. B., & SEMINOTTI, N. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. *Revista PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 3, pp. 310-316, jul./set. 2010. Consultado em 12 de novembro de 2011. URL: <http://caioba.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/8162/5852>

GRAZIANO DA SILVA, José. *O novo rural brasileiro*. Campinas, UNICAMP, Instituto de Economia. (Coleção Pesquisas, 1). 1999.

INGOLD, Tim. "Humanidade e animalidade". In: ANPOCS. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* São Paulo, Vol. 10, n.28, 1995.

INGOLD, Tim. *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2002.

JOURNET, Nicolas. "L'argent en famille". *Terrain* nº 45, 2005, p. 5-12.

KIRKSEY, HILMREICH. "The emergence of multispecies ethnography". *Cultural Anthropology*. Vol. 25, Issue 4, 2010, pp. 545-576.

LACERDA, Eugênio. *Bom pra brincar, bom pra comer: a polêmica da Farra do Boi no Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2003.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.

- LE BLANC, Nathalie. “La place de l’animal dans les politiques urbaines”. In: *Communications*, 74, 2003.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias. Antropologia das Emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LEIRIS, Michel. *O espelho da tauromaquia*. São Paulo : Cosac Naify, 2001.
- LESTEL, Dominic. *L’animalité: Essai sur le statut de l’humain*, Paris : Hartier, 1996.
- LESTEL, Dominic. « Les communautés Hybrides ». *Sciences Humaines*, nº 194, jun 2008, pp. 42-46.
- LEWGOY, Bernardo, Sordi, C., Teixeira, I., Mattos, L., Borges, P. *Projeto de pesquisa: Espelho Animal: Antropologia das Relações entre Humanos e Animais*. Consultado em 12 de novembro de 2011. In: <goo.gl/bJCIS>
- LEZÉ, Samuel. “Décrire l’animal”. In: *École des Hautes Études em Sciences Sociales. L’Homme*. L’Editions de l’EHSS : N. 163, 2002/3.
- LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions – everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- LUTZ; WHITE, Geoffrey. “The anthropology of emotions”. *Annual Review of Anthropology*, n. 15, p. 405-436, 1986.
- MITCHELL, Les. “Animals and the Discourse of Farming in Southeastern África”. In.: *Animals and Society*, 14(1), 2006.
- MITCHELL, Les. “Moral Disengagement and Support for non-human Farming. In.: *Animals and Society*, 19, 2011.
- MULLIN, Molly. “Mirrors and Windows: Sociocultural studies of Human-Animal Relationships. In: *Annual Review of Anthropology*. N. 28, 1999.
- OLIVEIRA, Samantha Calmon de. *Sobre Homens e Cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-

Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

ROSALDO, Michelle Z. *Knowledge and passion: Ilongot notions of self and social life*. Cambridge University Press, 1980.

PIETTE, Albert. (2002). « Entre l’homme et le chien », *Socio-anthropologie* [En ligne], N°11, 2002, mis en ligne le 15 novembre 2003. Disponível em : <<http://socio-anthropologie.revues.org/index141.html>>. Acessado em 12 de nov. de 2011.

SEGATA, Jean. *Tristes Amigos – A medicalização de Animais de Estimação*. IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba.

SORDI, Caetano. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. *Cadernos IHU Idéias (UNISINOS)*, v. 145, p. 3-28, 2011. Disponível em: <goo.gl/BsCEK>. Acessado em 27 de fev. de 2012.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. RJ, Jorge Zahar Editor, 1994.

WANDERLEY, M. N. B. “Olhares sobre o ‘rural’ brasileiro”. Campina Grande, *Revista Raízes*, Vol. 23, nº 1 e 2 (jan-dez.), 2004, p. 82-99.

WEBER, Max. *Coleção “Os Pensadores”*. São Paulo, Editora Abril, 2005.

ZELIZER, Viviana. “Intimité et économie”. *Terrain* nº 45, 2005, p. 13-28.

FONTES CONSULTADAS

A IDADE do cão comparada à idade do homem. Disponível em: <goo.gl/0vmkK> Acessado em 18 de jan. de 2012.

A IDADE do seu cão. Disponível em: <goo.gl/d2tb4> Acessado em 18 de jan. de 2012.

ABOV – *Associação Brasileira de Odontologia Veterinária*. Disponível em: <goo.gl/O6duP> Acessado em 01 de dez. de 2011.

ADESIVOS família feliz para carros. *Mundo das tribos*. Disponível em: <goo.gl/o1yTC> Acessado em 30 de jun. de 2011.

ÁGUIA VETERINÁRIA E PET SHOP. Disponível em: <http://www.aguiaveterinaria.com.br/empresa> Acessado em 10 de janeiro de 2012.

ANGÉLICO, Sylvia. *Alimentação natural na Mídia*. Disponível em: <goo.gl/BQdqK>. Acessado em 23 de jan. de 2012.

ANTROZOOLOGY (*Research in Human-Animal Interaction*). Disponível em: <http://www.anthrozoology.org/> Acessado em 10 de jun. de 2011.

APRESENTAÇÃO HOSPITAL VETERINÁRIO LORENZONI. Disponível em: <http://www.hospitallorenzoni.com.br> Acessado em 05 de ago. de 2011.

ARENALES, Maria do Carmo. *Sintomas Mentais dos Animais Domésticos. A visão homeopática fazendo ponte entre o psiquismo animal e o humano*. Mythos, São Paulo. 1995.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. “*O que é equoterapia*”. Disponível em: <goo.gl/hVwfM> Acessado em 20 de fev. de 2012.

BARRETO, Arthur de Vasconcelos Paes. Editorial. Ano XVI, n. 95, novembro/dezembro, 2011, *Clínica Veterinária*. Disponível em: <goo.gl/cvXpQ>. Acessado em 20 de fev. de 2012.

COMAC – *Comissão Animais de Companhia*. “*Informações de Mercado*”. Disponível em: <goo.gl/3XeqI> Acessado em 10 jul. de 2011.

CONY, Huldo. (2010). *Contribuição à história da veterinária gaúcha*. Disponível em: <goo.gl/zqbLw>. Acessado em 29 de jun. de 2011.

FERREIRA, Rafael Rodrigues “*O uso de xampu na prática dermatológica em pequenos animais*”. Florianópolis. 38º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (Conbravet), 2011. (Comunicação oral)

“*HACHICKO: A dog’s story*”, traduzido no Brasil como “*Sempre a seu lado. Uma história real de lealdade*”.

HISTÓRICO MUNDO ANIMAL. Disponível em: <<http://www.mundoanimal.com.br/historico/>>. Acessado em 22 de jul. de 2011.

HOSPITAL de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV-UFRGS). Disponível em: <goo.gl/GpWFH> Acessado em 13 de jan. de 2012.

HOSPITAL VETERINÁRIO ECOVILLE. “*Geriatrics*”. Disponível em: <<http://www.hospitalveterinarioecoville.com/geriatria.html>> Acessado em 26 de jan. de 2012.

HOSPITAL VETERINÁRIO ECOVILLE. “*Oncologia*”. Disponível em: <<http://www.hospitalveterinarioecoville.com/oncologia.html>> Acessado em 26 de jan. de 2012.

IMAGEM de publicidade do site do laboratório *Homeo Pet* – Homeopatia para pequenos animais. Disponível em: <goo.gl/ONMIV>. Acessado em 23 de jan. de 2012.

IMAGEM do painel utilizado pela revista Clínica Veterinária na feira Pet South America 2011. Disponível em: <goo.gl/cvXpQ>. Acessado em 27 de fev. de 2012.

JACQUES ELY, Christian. Entrevista concedida ao *Jornal Bem-Estar*. Disponível em: <<http://www.jornalbemestar.com.br/contos.php?paginaAtual=3>> Acessado em 18 de jul. de 2011.

LIGA HOMEOPÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <www.ligahomeopaticars.com.br/>. Acessado em: 18 de jul. de 2011.

LIMA, Daniel. “*Tumor de mama em cadela – comum, mas prevenível*”. Disponível em: <goo.gl/Y0UVQ> Acessado em 23 de jan. de 2012.

LOPES, Carolina. “Gastos com animais são incorporados ao orçamento doméstico”. *Diário do Grande ABC*. Disponível em: <goo.gl/KTFNk>. Acessado em 17 de jul. de 2011.

NEVES, Fátima Maria e MILANI, Laís. *TAA – Terapia Assistida por Animais*. (Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais). Disponível em: <goo.gl/QogHP> Acessado em 20 de fev. de 2012.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. “*Pet*”. Disponível em: <goo.gl/06bMh>. Acessado em 29 de fev. 2012.

PIMENTEL, Alex. *Família multiespécie é tendência mundial*. 2010. Disponível em: <goo.gl/KTFNk> Acessado em 05 de jun. de 2011.

PLANO de saúde animal ANIMED. Disponível em <http://www.animedonline.com.br> Acessado em 17 de out. de 2011.

QUELBÈRT, Safih. *Parceiros de Safih Quelbèrt*. Disponível em: <veterinariosnodiva.com.br>. Acessado em 15 de maio de 2011.

REDAÇÃO Mídia@Mais. *Um novo vilão da violência urbana: a “família feliz”*. Disponível em: <goo.gl/Ys5QS>. Acessado em 30 de jun. de 2011.

RODRIGUES, Mara. *Gastos com “pets”: Luxo ou necessidade?* Disponível em: <goo.gl/rrgpT> Acessado em: 15 de jul. de 2012.

ROSSI, Alexandre. “Lidando com a gravidez psicológica”. *Revista Cães & Cia*, n. 315, agosto de 2005. Disponível em: <goo.gl/MmDgU>. Acessado em 20 de fev. de 2012.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL. Disponível em: <http://www.sindiracoes.org.br> Acessado em 05 de jul. de 2011.

TURRER, Rodrigo; MAIA JUNIOR, Humberto, MOURA, Marcelo. “*Quem inventou o cachorro vegetariano? A moda de negar carne a animais carnívoros mostra que a humanização (cada vez maior) dos bichos domésticos não tem limites – e pode prejudicá-los*”. Disponível em: <http://goo.gl/1Zoyg>. Acessado em 16 de jul. de 2011.

TONON, Rafael. “Saiba o que é a veterinária humanizada. Cada vez mais pessoas se preocupam com o bem-estar e a saúde de seus bichos de estimação”. *Vida Simples*. 04/2010. Disponível em: <goo.gl/0xMw4> Acessado em 18 de jul. de 2011.

WIKIPEDIA. “Cinomose”. Disponível em: <goo.gl/314F3>. Acessado em 20 de fev. de 2012.

WIKIPEDIA. “Colar elizabetano”. Disponível em: <goo.gl/5pKY6>. Acessado em 20 de fev. de 2012.